

Estudos Contemporâneos da Cultura

Cássia Lobão Assis
Cristiane Maria Nepomuceno



Estudos Contemporâneos da Cultura

Cássia Lobão Assis
Cristiane Maria Nepomuceno

Geografia

Estudos Contemporâneos da Cultura

2ª Edição




SEDISUFRRN
Natal – RN, 2011

Governo Federal

Presidenta da República

Dilma Vana Rousseff

Vice-Presidente da República

Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro da Educação

Aloizio Mercadante Oliva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitora

Maria de Fátima Freire Melo Ximenes

Secretaria de Educação a Distância (SEDIS)

Secretária de Educação a Distância

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Secretária Adjunta de Educação a Distância

Eugênia Maria Dantas

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Reitor(a)

Profº. Antônio Guedes Rangel Júnior

Vice-Reitor(a)

Profº. José Ethan de Lucena Barbosa

Coordenador(a) Institucional de Programas Especiais – CIPE

Eliane de Moura Silva

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

Marcos Aurélio Felipe

GESTÃO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS

Carolina Aires Mayer

Rosilene Alves de Paiva

PROJETO GRÁFICO

Ivana Lima

REVISÃO DE MATERIAIS

Camila Maria Gomes

Cristinara Ferreira dos Santos

Emanuelle Pereira de Lima Diniz

Eugenio Tavares Borges

Janio Gustavo Barbosa

Janaina Tomaz Capistrano

Jeremias Alves de Araújo

Kaline Sampaio de Araújo

Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade

Margareth Pereira Dias

Orlando Brandão Meza Ucella

Priscila Xavier de Macedo

Thalyta Mabel Nobre Barbosa

Verônica Pinheiro da Silva

EDITORIAÇÃO DE MATERIAIS

Adauto Harley

Alessandro de Oliveira Paula

Amanda Duarte

Ana Paula Resende

Anderson Gomes do Nascimento

Carolina Aires Mayer

Carolina Costa de Oliveira

Davi Jose di Giacomo Koshiyama

Dickson de Oliveira Tavares

Elionai Augusto Silva de Melo

Elizabeth da Silva Ferreira

José Antonio Bezerra Junior

Ivana Lima

Letícia Torres

Leonardo dos Santos Feitoza

Luciana Melo de Lacerda

Rafael Marques Garcia

Roberto Luiz Batista de Lima

Rommel Figueiredo

IMAGENS UTILIZADAS

Acervo da UFRN

www.depositphotos.com

www.morguefile.com

www.sxc.hu

Encyclopædia Britannica, Inc.

Catálogo da publicação na fonte. Elaborada por Edineide da Silva Marques CRB-15/488.

Assis, Cássia Lobão.

Estudos Contemporâneos da Cultura [recurso eletrônico] / Cássia Lobão

Assis e Cristiane Maria Nepomuceno. – 1. ed. – Natal: SEDIS-UFRN, 2024.

94485 KB; 1 PDF

ISBN 978-65-5569-421-5

1. Geografia. 2. Cultura. 3. Estudos Contemporâneos. I. Nepomuceno, Cristiane Maria. II. Título.

CDU 008

A848e

Sumário

Aula 1	Cultura: a diversidade humana	7
Aula 2	A cultura enquanto paradigma	21
Aula 3	Século XV: O marco de um novo tempo	33
Aula 4	O confronto da alteridade	48
Aula 5	Cultura: uma abordagem antropológica	62
Aula 6	Os elementos estruturadores da cultura	75
Aula 7	Classificação e especificidades da cultura	89
Aula 8	Processos culturais: endoculturação e aculturação	102
Aula 9	Os tempos modernos	118
Aula 10	Globalização: o tempo das culturas híbridas	131
Aula 11	Formas de manifestação da cultura	142
Aula 12	Cultura popular: o ser, o saber e o fazer do povo	159
Aula 13	A cultura enquanto mercadoria	177
Aula 14	Para explicar a cultura: o suporte antropológico e sociológico	194
Aula 15	(Des)encontro de culturas: etnocentrismo e relativismo	208

Apresentação Institucional

A Secretaria de Educação a Distância – SEDIS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, desde 2005, vem atuando como fomentadora, no âmbito local, das Políticas Nacionais de Educação a Distância em parceria com a Secretaria de Educação a Distância – SEED, o Ministério da Educação – MEC e a Universidade Aberta do Brasil – UAB/CAPES. Duas linhas de atuação têm caracterizado o esforço em EaD desta instituição: a primeira está voltada para a Formação Continuada de Professores do Ensino Básico, sendo implementados cursos de licenciatura e pós-graduação *lato* e *stricto sensu*; a segunda volta-se para a Formação de Gestores Públicos, através da oferta de bacharelados e especializações em Administração Pública e Administração Pública Municipal.

Para dar suporte à oferta dos cursos de EaD, a Sedis tem disponibilizado um conjunto de meios didáticos e pedagógicos, dentre os quais se destacam os materiais impressos que são elaborados por disciplinas, utilizando linguagem e projeto gráfico para atender às necessidades de um aluno que aprende a distância. O conteúdo é elaborado por profissionais qualificados e que têm experiência relevante na área, com o apoio de uma equipe multidisciplinar. O material impresso é a referência primária para o aluno, sendo indicadas outras mídias, como videoaulas, livros, textos, filmes, videoconferências, materiais digitais e interativos e webconferências, que possibilitam ampliar os conteúdos e a interação entre os sujeitos do processo de aprendizagem.

Assim, a UFRN através da SEDIS se integra o grupo de instituições que assumiram o desafio de contribuir com a formação desse “capital” humano e incorporou a EaD como modalidade capaz de superar as barreiras espaciais e políticas que tornaram cada vez mais seletivo o acesso à graduação e à pós-graduação no Brasil. No Rio Grande do Norte, a UFRN está presente em polos presenciais de apoio localizados nas mais diferentes regiões, ofertando cursos de graduação, aperfeiçoamento, especialização e mestrado, interiorizando e tornando o Ensino Superior uma realidade que contribui para diminuir as diferenças regionais e o conhecimento uma possibilidade concreta para o desenvolvimento local.

Nesse sentido, este material que você recebe é resultado de um investimento intelectual e econômico assumido por diversas instituições que se comprometeram com a Educação e com a reversão da seletividade do espaço quanto ao acesso e ao consumo do saber E REFLETE O COMPROMISSO DA SEDIS/UFRN COM A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA como modalidade estratégica para a melhoria dos indicadores educacionais no RN e no Brasil.

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
SEDIS/UFRN**

Cultura: a diversidade humana

Aula

1



Apresentação

Nesta primeira aula vamos mostrar que o conceito de cultura é um valioso instrumento de percepção da realidade, incluindo o meio geográfico, pois, hoje partimos da seguinte premissa: nenhum conhecimento pode ser considerado válido se separado do contexto que o produziu. O conceito de cultura nos faz entender que o lugar em que nascemos e vivemos influencia nosso jeito de ser, e esse mesmo lugar resulta da ação conjunta de todos os indivíduos que o habitam.

Vamos empreender uma discussão sobre a diversidade humana como resultado do trabalho para transformar a natureza, para tornar a sobrevivência possível em conjunturas culturais diferentes.

- Leia com atenção toda a aula.
- Sublinhe palavras desconhecidas, tente compreendê-las a partir de uma releitura do parágrafo. Em último caso, procure o significado no dicionário.
- Anote seus questionamentos.
- Anote também experiências de que você lembrou ao ler esse material.
- Faça todas as atividades propostas.
- Aproveite para conhecer o que sugerimos como material complementar.

Bons estudos!

Objetivos

No final da nossa primeira aula, você deve ser capaz de:

- 1** compreender que a diversidade humana é resultado das relações que os indivíduos mantêm com o meio na busca pela satisfação de suas necessidades básicas;
- 2** entender que o conceito de cultura é significativo ao geógrafo, sendo estudado inclusive num contexto específico, a geografia cultural;
- 3** entender o conceito de trabalho e suas implicações para compreensão de cultura e vida social.



A cultura em nossos dias



Por que essa disciplina, Estudos contemporâneos da cultura? Em primeiro lugar, devemos considerar que diante do cenário que se descortina no mundo **contemporâneo** a ampliação das possibilidades de reflexão do universo cultural se coloca para as mais diversas áreas do conhecimento. A razão está no fato de vivermos um momento em que as diferenças se acentuam e a concepção de cultura passa a ser a referência, atingindo todas as instâncias e explicando-se por si mesma. Utilizada das mais diferentes formas, a cultura assume um caráter transdisciplinar, de uso plural, constituindo-se num campo de investigação sem pertença científica.

Para o nosso curso, a concepção de cultura relevante será aquela que tenha por “**norte**” a idéia de movimento e transformação, resultante não apenas da inter-relação das forças internas (indivíduos, regras, valores...), como também do contato e do conflito com as forças externas (outras sociedades e culturas). Como na concepção de Morin (1991), a cultura vista como uma experiência existencial e um saber construído, em constante processo de edificação, numa relação geradora mútua, na qual o que é produzido e gerado se torna produtor e gerador daquilo que o produz ou gera. Esse movimento torna a cultura apta tanto a “abrir-se” como a “fechar-se”, atualizando-se e fornecendo aos seus indivíduos um capital cognitivo regenerado.

Portanto, a cultura concebida como portadora de princípios, modelos, esquemas de conhecimento, geradora de uma visão de mundo, um saber coletivo acumulado na memória social, resultado de uma múltipla dimensão cognitiva.

Contemporâneo

Para efeito de estudo, a história da humanidade foi dividida em etapas. Essas etapas foram estabelecidas tendo como marco algum acontecimento que mudou significativamente, ou até radicalmente a história do homem e da sociedade. O **tempo contemporâneo** teria iniciado com a Revolução Francesa (1789) e se estenderia até os nossos dias. Essa fase da nossa história seria marcada, conforme Giddens (1991), por um tempo paradoxal que une e desune toda a humanidade, tempo de transformação e crescimento, de desintegração e renovação, de luta e contradição.



Qual a importância dessa disciplina para você, futuro geógrafo?

A geografia de hoje, ou seja, a geografia contemporânea, é uma ciência com um campo vasto de interesse e atuação. A busca do conhecimento do espaço assume uma nova ênfase: o espaço visto como uma dimensão que produz e é produzido na relação, ou seja, o espaço natural e o espaço produzido/transformado pelo homem, aí inclusas a sociedade (formas de relação, organização e produção) e a cultura (práticas cotidianas, símbolos, códigos, regras...).

Como todas as ciências, à medida que seu conhecimento se aprofundava e aprimorava, foram surgindo novas áreas de especialização, principalmente no campo da geografia humana: geografia urbana, agrária, política, geografia da população, do serviço e a que nesse momento nos interessa diretamente, a **geografia cultural**.

A geografia cultural, surgida no início do século XX, ainda busca espaço no Brasil, pois é pouco difundida e tem como principal área de interesse as expressões culturais: arte, religião, formas de trabalho, identidades, em resumo, o “modus vivendi”. Ao longo do século XX, a geografia cultural foi se constituindo a partir da renovação teórica e metodológica. O conceito de cultura, emprestado da antropologia, passou por uma revisão e ampliação, no sentido de atender aos interesses e visão dos geógrafos, passando a ser entendido como

O conjunto de técnicas, atitudes, idéias e valores, apresentando assim componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos; transmitido e inventado; não sendo constituído pela justaposição de traços independentes, mas, ao contrário, seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes; não sendo assimilado igualmente pela sociedade; é vivido individualmente (CORREA; ROSENDAHL, 1999, p. 18).

Norte

A palavra norte aqui está sendo usada numa alusão à bússola. O sentido é de orientação, ou seja, o conceito de cultura que consideramos adequado é aquele que sempre aponta na direção da cultura como movimento, dinamicidade e inovação.

(p. 02)

Geografia cultural

“A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas do trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes, até estudos de significados de paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, cobrindo inúmeras questões”. (MCDOWELL, 1996, p. 159).



Cultura: o princípio da diversidade

O homem sempre teve uma necessidade premente de conhecer-se e conhecer os outros, entender e explicar o porquê de tantas diferenças entre os grupos humanos. A busca por essa explicação e por esse entendimento provavelmente surgiu com o próprio homem. A aparência física (cor de pele, cabelo e olhos, formato dos olhos, textura dos cabelos, altura...), que percebemos de imediato, não serve de parâmetro para explicar nossa pluralidade, pois a diversidade está no modo de viver, acreditar, professar a fé, acasalar, habitar, caçar, guerrear, sepultar os mortos, vestir, festejar, chorar, comer...

As diferenças seriam oriundas das formas encontradas pelo homem na busca da satisfação de suas necessidades mínimas (fisiológicas e psicológicas) a partir das condições dadas para a sua sobrevivência: a natureza, o conhecimento e o domínio do conhecimento.

A propósito, você já observou o meio em que vive? Que atitudes, costumes, crenças tornam você e o meio em que vive singulares em relação a outras pessoas, outros povos? Queremos, então, que você produza alguns relatos em que fique registrado esse seu modo de viver.



Atividade 1

Produção de relatos

Vamos explorar essa compreensão de cultura descrevendo **gestos culturais** característicos do modo de vida potiguar ou paraibano, narrando situações de vivência cotidiana? Você deve se orientar por meio dos enunciados nos quadros a seguir para escrever os relatos, ou até utilizar outros “motes”. O importante é você nos mostrar o que tem de interessante em seu município, na sua vida e das pessoas que convivem com você.

Portanto, seja criativo(a)!

1

Quando o assunto é lazer: Que ritmos musicais são tocados nas festas que você e/ou seus amigos freqüentam? Como podemos descrever as danças? Você participa de alguma quadrilha junina, vai aos shows, promove comemorações em casa? O que tem de interessante na festa do(a) padroeiro(a) de seu município? Conte-nos como você e sua comunidade se divertem.

2

No campo da religião: que crenças são freqüentes? Quais os rituais praticados, por exemplo, que “simpatias” são feitas para se conseguir um trabalho, um amor, para garantir a saúde, ou um bom ano de chuva e de colheita? Você já fez simpatias, ou conhece quem fez? Conte-nos uma experiência, mesmo que seja de um amigo ou parente.



Gestos culturais

A expressão “gestos culturais” é utilizada pelo pesquisador francês Roger Chartier (1991) para designar elementos do cotidiano que particularizam um povo garantindo-lhes uma identidade cultural.

3

No âmbito da culinária: que tipo de comida predomina? Qual a relação entre as coisas preparadas na sua casa, a colheita de produtos e a oferta destes nas feiras de seu lugar? Que “segredos de cozinha” você conhece? Conte-nos o que você gosta de preparar ou comer.

Acreditamos que foi fácil para você elaborar os relatos dessa primeira atividade. Afinal, enquanto nordestinos, todos reconhecemos de longe o chamado forró pé-de-serra, sabemos apreciar um prato de xerém – que, por sinal, recebe o nome de polenta em outras partes do país – e temos nossas maneiras de atrair a sorte, recorrendo, por exemplo, a São João e Santo Antônio.

A inspiração fluiu? Pois saiba que esses relatos consubstanciam justamente alguns elementos da identidade cultural da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Conforme salientamos desde o início, devemos entender a cultura como uma experiência existencial, um saber construído, enfim, como a ação do homem na elaboração das condições de sua própria sobrevivência.

Mas os outros animais também produzem as condições para sua existência.

O que, então, os diferencia do homem?

O ser humano retira da natureza as condições de sua existência a partir do trabalho, enquanto os animais agem por instinto, satisfazendo suas necessidades sempre da mesma maneira.

O homem ao se relacionar com a natureza o faz através da (re)elaboração, (re)criação, (re)invenção, ou do trabalho (transformação) que termina por produzir um novo meio, o sócio-cultural.

Nosso lado animal...

HOMEM (biologicamente, todos iguais)

Classe: mamífero
Ordem: Primatas
Família: Hominídeos
Gênero: *Homo*
Espécie: a *Sapiens*

A Eva da humanidade

Uma mulher que teria vivido há cerca de 200 mil anos, provavelmente na África, da qual todos os humanos teriam herdado na sua carga genética a presença do seu DNA mitocondrial (Teoria de um único ancestral africano)

Portanto, a sociedade e a cultura são produtos do trabalho humano. Como bem definem Aranha e Martins (1986, p.05), nesse contexto, o trabalho é concebido como “a ação dirigida por finalidades conscientes, a resposta aos desafios da natureza, na luta pela sobrevivência”.

Podemos dizer que o homem é uma parte da natureza, a transformada, no entanto, resultado de uma relação integrativa, dialógica: nós somos o resultado do meio, mas agimos sobre ele, ou, em outras palavras, nós o produzimos. Segundo Geertz (1989), o processo de desenvolvimento do homem e da cultura nada mais é do que o resultado do processo de aperfeiçoamento da relação do homem com o meio (natureza) – da descoberta do fogo às

formas de organização familiar. Nesse sentido, o mundo produzido pelo homem é um mundo transformado, adaptado, alterado, no qual se estabelecem relações, se desenvolvem habilidades e, por conseguinte, modos próprios de ser, fazer, saber e saber fazer.

Desse modo, é possível afirmar que a cultura é

[...] o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como resultado da ação exercida, converte em idéias as imagens e lembranças, a princípio coladas às realidades sensíveis, e depois generalizadas, desse contato inventivo com o mundo natural (VIEIRA PINTO apud ARANHA; MARTINS, 1986, p. 05).



Atividade 2

Progressos da ciência

Observe a figura, leia as informações da legenda, reflita e responda:



Fonte: A ciência... (2003, p. 6).

Os homínídeos são os primeiros ancestrais do homem. Nessa família estão incluídos os gêneros *Ardipithecus*, *Australopithecus* e o gênero humano. Seres que viveram a aproximadamente 5 milhões de anos. A figura acima é a representação de um homínídeo de 7 milhões de anos cujo fóssil foi encontrado às margens do lago Chade, na África. De acordo com o paleontólogo Michael Brunet, este fóssil pode ser o mais primitivo ancestral humano já encontrado e recebeu o nome científico de *Sahelanthropus tchadensis*.

1

Agora responda: você acredita na teoria da evolução humana? Justifique sua resposta.

2

Sabemos que foi o trabalho que permitiu ao homem o seu desenvolvimento, a sua evolução. A ação transformadora do homem sobre a natureza originou a diversidade, como resultado da infinita capacidade humana de ser e fazer. Então escreva sua opinião sobre qual a importância do trabalho na vida do homem, nos dias de hoje?

Material complementar

Ler é crescer, é libertar. Só a leitura nos permite ampliar o nosso universo intelectual, nos tornar reflexivos e capazes de olhar o contexto que nos rodeia de forma crítica. Para aprender mais e ampliar seu conhecimento, sempre traremos sugestões de filmes e/ou leituras complementares.

Assim, nesta nossa primeira aula, recomendamos:

LIVRO – *Porque almocei meu pai*, romance escrito por Roy Lewis, publicado no Brasil pela Companhia das Letras, em 1993.

Para refletir sobre o homem, sua capacidade de inovar (produzir cultura) e os seus conflitos existenciais dando ótimas gargalhadas. O livro conta a história de um grupo que vivia há dois milhões de anos (Pleistoceno Médio) na África (em algum lugar da Uganda). Contada a partir do ponto de vista dos homens-macacos, a história é narrada por Ernest, filho de Edward – um “pesquisador” inquieto, preocupado com o progresso/desenvolvimento/evolução e que vive procurando maneiras de tornar sua horda a primeira tribo de *Homo sapiens*. Descubra, então, por que Ernest e Oswald resolveram almoçar o papai Edward.

FILME – *Guerra do fogo*, produção franco-canadense, dirigida por Jean-Jacques Arnaud, em 1981.

O filme mostra a vida de três grupos distintos de hominídeos, todos vivendo no mesmo tempo e espaço, em diferentes estágios de desenvolvimento: o grupo dos *Homo Sapiens* que sabe como usar o fogo, mas não sabe produzi-lo, habita em cavernas, anda vestido de pele de animais e mantém laços de afetividade; o grupo dos *Neandertais* que já domina a técnica de produção do fogo, usa utensílios de cerâmica e acasala-se de forma menos instintiva; e o grupo de caçadores, menos evoluídos, extremamente agressivos e que se alimenta de carne humana. Você vai gostar de ver como, hipoteticamente, se deu o contato, as trocas e a aprendizagem entre os grupos.



Resumo

Nesta aula iniciamos a nossa viagem pelo universo do conceito de cultura. Começamos mostrando que a diversidade humana só pode ser explicada tomando a cultura como parâmetro ou referência. Vimos que a explicação não pode ser dada do ponto de vista biológico porque, como espécie, todos os homens são iguais, apesar da diversidade de aparência física (fenótipo). Ficamos sabendo que a cultura inclui todas as formas de manifestação do homem: religiosas, produtivas, políticas, recreativas, artísticas, militares, afetivas, tecnológicas, enfim, tudo que o homem faz para viver (*modus vivendi*). Vimos ainda que o conceito de cultura não tem, por assim dizer, pertença científica: ou seja é um instrumento de análise utilizado por qualquer ciência de qualquer área do saber, inclusive a geografia.

Autoavaliação

No decorrer desta aula, você viu que a diversidade humana é resultado das relações que os indivíduos mantêm com o meio na busca da satisfação de suas necessidades básicas. Até relatou situações que apontam o modo de vida em seu município, assinalando os gestos culturais significativos de sua comunidade em vários aspectos.

1

Então nos responda: qual a importância do conceito de cultura para o geógrafo?

2

Dê um exemplo de como ministrar uma aula de geografia, a partir da valorização do trabalho das pessoas da cidade em que você ensina, agora que você já sabe que o trabalho é a ação consciente do homem sobre a natureza para melhorar a própria condição de sobrevivência no lugar onde vive.

Referências

ALMEIDA, M.C. Cultura, cognição e complexidade. In: **Anais do Encontro sobre teoria e pesquisa em ensino de ciências**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação. Campinas (SP): UNICAMP/FE, 1997, p. 280-288.

ARANHA, M.L. e MARTINS, M.H.P. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

CHARTIER, R. As práticas da escrita. In: ARIÉS, P. e CHARTIER, R. (orgs.) **História da vida privada**: da renascença ao século das luzes. (v.3) trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 113-161.

A CIÊNCIA NA COZINHA. São Paulo: Duetto editorial, n. 2, p. 6, nov. 2003.

CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: _____. **Geografia humana: sociedade espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1996.

MORIN, E. **O enigma do homem** – para uma nova antropologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979. (Obs: esse livro também pode ser encontrado com o título “O paradigma perdido”).

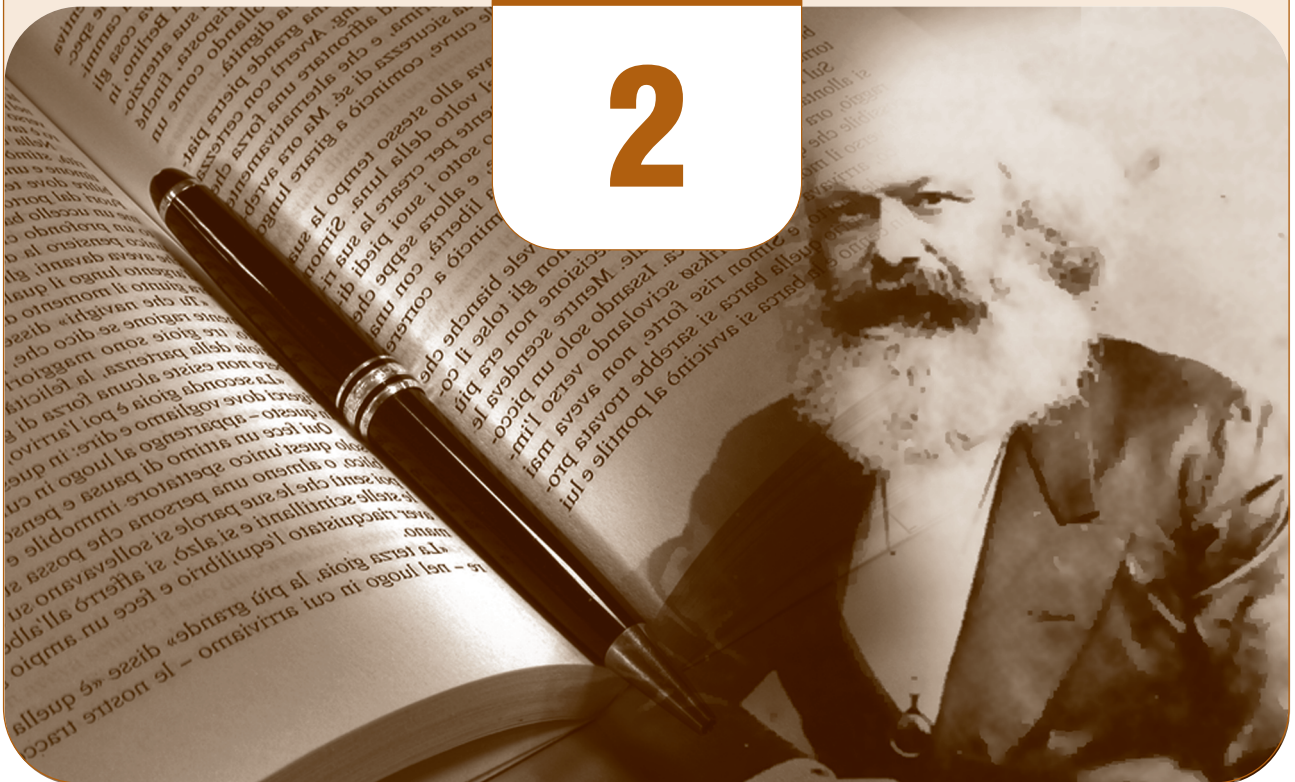
_____. **O método III: o conhecimento do conhecimento**. Lisboa/Portugal: Publicações Europa-América, 1986.

_____. **Método IV: As idéias: a natureza, a vida, habitat e organização**. Lisboa/Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

A cultura enquanto paradigma

Aula

2



Apresentação

Nesta aula, começamos a considerar as estratégias utilizadas pelo homem para entender a diversidade humana, de que tratamos na aula anterior. Veremos que os pesquisadores dessa questão elaboraram diversos modelos explicativos, e que tais explicações têm normalmente uma relação significativa com a própria sociedade e cultura em que o pesquisador está inserido. Vamos estudar os termos *paradigma* e *abordagem*, utilizados em nosso contexto para designar as maneiras de estudar a cultura e seus conceitos afins. Em seguida, vamos demonstrar a importância em se estudar a cultura numa perspectiva *transdisciplinar*.

Esta aula traz muitas informações novas, relevantes para a compreensão de todas as aulas posteriores.

Portanto, estude com atenção toda a aula.

Na dúvida releia trechos, sublinhe as idéias mais significativas. Procure no dicionário o significado de palavras desconhecidas.

Anote seus questionamentos para discutir durante o contato com os colegas e os tutores.

Faça todas as atividades propostas. Elas foram elaboradas para favorecer sua aprendizagem.

Lembre-se: Leitura e escrita são fundamentais para seu crescimento intelectual.

Bons estudos!

Objetivos

Ao final desta segunda aula, você deve ser capaz de:

- 1** entender a noção de cultura enquanto paradigma explicativo;
- 2** compreender a relevância dos termos **paradigma** e **abordagem** no contexto dos estudos inerentes à cultura;
- 3** estabelecer uma relação entre os estudos contemporâneos de cultura e o conceito de **transdisciplinaridade**.

A cultura como paradigma:

um modelo explicativo do homem e do mundo

A compreensão da diversidade humana – suas manifestações, implicações, enfim, os aspectos que lhe são inerentes – não resulta do esforço de um único pesquisador ou grupo de pesquisadores, observando a mesma realidade num único lugar e numa época demarcada. Por conseguinte, o entendimento do homem enquanto ser plural pressupõe um esforço amplo e complexo, perpassado por diversos fatores, dentre eles, o tempo, o espaço, as peculiaridades histórico-sociais e cognitivas inerentes aos sujeitos que se propõem a tal estudo.

Essa pluralidade viabiliza modelos explicativos, sem perder de vista a diversidade das circunstâncias de estudo e reflexão. Esses modelos explicativos costumam ser designados como **paradigmas**. Conforme salienta Patton (apud MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 171),

Um paradigma é uma visão de mundo, uma perspectiva geral, uma maneira de analisar a complexidade do mundo real. Como tal, os paradigmas estão profundamente embutidos na socialização de seus praticantes. Os paradigmas também são normativos, dizendo a seus praticantes o que fazer sem a necessidade de longas considerações existenciais ou epistemológicas.

É importante ressaltar que todas as formas de analisar a vida humana são relevantes e trazem contribuições ao processo de construção do conhecimento. É inegável o valor da compreensão de nossas peculiaridades, a partir dos avanços no campo das ciências biológicas, por exemplo.

No entanto, um paradigma do conhecimento elaborado a partir da contemplação do universo cultural pode oferecer os esclarecimentos necessários para a concepção múltipla do homem e do mundo, uma vez que proporciona a interconexão entre as mais diversas formas de manifestação e cognição, de modo que a realidade possa ser captada de uma visão macro ou micro interpretativa. Nas palavras de Morin (1986, p. 15), o conhecimento é “um fenômeno multidimensional”.

A confluência dos saberes constitui os paradigmas, que representam justamente as maneiras de ver o mundo, os modelos, os padrões, as visões interpretativas que nos permitem olhar a realidade. Assim, o estudo da cultura sempre foi e será orientado pelas lentes dos paradigmas, daí a sua relevância à compreensão multifacetada do homem e do meio em que vive.

Os paradigmas, por sua vez, acolhem uma série de **abordagens**, que compreendem a escolha de aspectos específicos do objeto estudado. A abordagem **consustancia** o percurso que cada estudioso encontra para chegar ao conhecimento. A cultura, por exemplo, pode ser estudada sob o prisma das relações sociais, das instituições, do comportamento em algumas situações do cotidiano etc.



Consustancia

Consustancia - (verbo)
Une para formar uma substância; consolida; une intimamente; identifica (ROCHA e PIRES, 2000, p. 162).

Como se constituíram os paradigmas do homem e da cultura?



Multidisciplinar

A multidisciplinaridade consiste numa forma de analisar algo que se deseja conhecer. É uma prática na qual se recorre às diversas áreas do saber a fim de procurar informações sobre determinado fato, objeto ou acontecimento, sem fazer qualquer tipo de associação entre eles. Na perspectiva da multidisciplinaridade não se considera a possibilidade de interligação, cruzamento entre as disciplinas e seus conteúdos.

Interdisciplinar

A interdisciplinaridade é uma perspectiva de produção do conhecimento pautada na interação e reciprocidade das ciências. Surgiu como crítica a concepção positivista de ciência que compartimentalizou o saber, estabelecendo fronteiras, limites entre os mesmos. A interdisciplinaridade é uma proposta de envolvimento, porque mesmo que o conhecimento seja produzido por uma ciência específica deve corresponder a uma totalidade, ou seja, o conhecimento não é apenas a reunião das partes, é maior que as partes, pois é formado pela imbricação das partes. Assim, é uma possibilidade de elaboração do conhecimento integrativo e globalizante.

Para entender esta questão, devemos retomar uma informação da aula anterior, quando afirmamos que o conceito de cultura não tem pertença científica, ou seja, não é objeto exclusivo de uma única ciência. Pelo contrário, a apreensão do universo da cultura extrapola as perspectivas de caráter **multidisciplinar** e até mesmo **interdisciplinar**.

Atualmente, qualquer ciência que busque a necessária compreensão do homem deve ser revestida de uma postura **transdisciplinar** com o intuito, como afirma Almeida (1997, p. 281), de refutar fragmentações ou limitar as áreas do saber, e conseqüentemente, permitir a troca de conceitos/conhecimentos diversos sobre o homem.

Na seqüência, devemos salientar que os paradigmas do homem e da cultura se constituíram a partir da busca por respostas às seguintes perguntas:



Quem somos nós?

De onde viemos?

Como evoluímos (biológica e culturalmente)?

Por que somos tão diferentes?

Qual o lugar do homem no mundo?

Essas questões são consideradas essenciais à compreensão da diversidade humana e foi a partir da elaboração de respostas que se edificou o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre o mundo em que está inserido.

No entanto, é necessário frisar que ao longo do processo de construção da explicação e compreensão do homem e do mundo, os paradigmas (modelos explicativos) tanto uniram quanto separaram os homens, pois em seu interior sempre se encontram presentes as concepções e os ideais de uma época.

Como afirma Quinn (1998, p. 37), cada qual tem “[...] uma explicação acerca de como as coisas vieram a ser como são”. Sendo assim, dentre todos os paradigmas, o mais influente e determinante é a própria cultura, pois a condição de olhar o mundo é fundada a partir daí.

Em outras palavras, cada qual conta a história à sua maneira e será o enraizamento histórico e os limites de cada um que permitirão que a mesma história seja contada de diferentes maneiras (QUINN, 1998, p. 37).

Desse modo, as interpretações da cultura são as mais diversas, todas reflexo de um modo de pensar. Em consequência, essas interpretações se transformaram em visões fragmentadas, configurações incompletas, são o que Eco (1997, p. 53) define como “um processo de leitura suspeito” ou de “interpretação suspeita”, resultado de uma **superinterpretação**, ou seja, uma metodologia de análise em que o investigador lê no mundo e nos textos apenas o que lhe interessa para confirmar sua hipótese.



Atividade 1

Você aprendeu que cada história, fato e/ou acontecimento podem ser contados, vistos, analisados e/ou interpretados de diferentes maneiras, o que dissemos ser definido como paradigma: uma forma de analisar, interpretar e explicar própria de cada indivíduo ou grupo.

Agora leia com atenção o texto abaixo:

(...)

- Hitler tinha uma história a lhes contar.

- Uma história?

- Uma história segundo a qual a raça ariana (e o povo da Alemanha em particular) fora subtraída do seu lugar de direito no mundo, aprisionada, humilhada, violentada e jogada na lama sob as esporas das raças mestiças, dos comunistas e dos judeus. Uma história segundo a qual, sob a liderança de Adolf Hitler, a raça ariana romperia suas correntes, vingando-se de seus opressores, purificando a humanidade de suas desonras e assumindo seu lugar de direito como mestra de todas as raças.

(Fragmento extraído de **Ismael: um romance da condição humana**, de Daniel Quinn, 1998, p. 33)



Transdisciplinar

O termo transdisciplinaridade foi criado por Jean Piaget e atualmente comporta um dos conceitos mais estudados no mundo. A concepção proposta pela transdisciplinaridade para a produção do conhecimento é que este seja resultado da interação máxima entre as disciplinas (as diversas áreas do conhecimento). As disciplinas, mantendo suas individualidades, colaboram para a produção de um saber comum, muito mais completo por resultar de um diálogo. Da reunião dos conhecimentos se produz um saber complexo, pois não há mais pertença científica, nem fronteiras entre as ciências.

(Termo de glossário p. 3)



Desafio

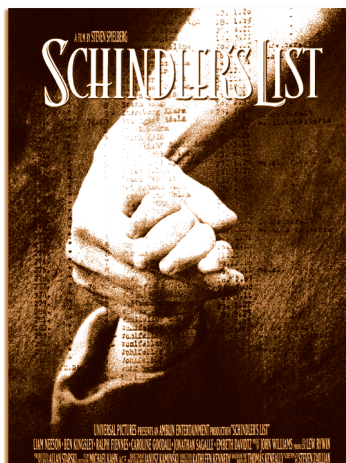
Pesquise sobre o Holocausto e reflita sobre uma outra possibilidade, a outra versão da história acima relatada. Você pode enriquecer sua reflexão assistindo aos filmes sugeridos na sequência:



O pianista (EUA 2002)

Direção: Roman Polanski

Sinopse: A trama baseia-se na autobiografia de Wladyslaw Szpilman (1911-2000), um dos 400 mil judeus que viviam em Varsóvia e que foram sumariamente massacrados quando a Alemanha invadiu a Polônia, em 1939, durante a Segunda Guerra Mundial. Szpilman, aclamado instrumentista da Radio Nacional, assistiu ao confinamento de sua família e de seus pares poloneses no chamado “gueto” da cidade, sofreu diante das normas racistas impostas pelo exército nazista, escapou do conseqüente extermínio e sobreviveu como um moribundo nos escombros da cidade até o final da guerra, em 1945.



A lista de Schindler (EUA 1993)

Direção: Steven Spielberg

Sinopse: Conta a história real do alemão Oskar Schindler, que viu na mão-de-obra judia uma alternativa barata para lucrar com seus negócios durante a Segunda Guerra. Com sua forte influência dentro do partido nazista, conseguiu a autorização para montar uma fábrica. Sua atitude inicialmente nada bondosa, transformou-se num ato de amor ao próximo dos mais significativos da história: a certa altura dos acontecimentos, Schindler abre mão de sua fortuna pessoal para salvar a vida de cerca de mil judeus, no momento mais incisivo do holocausto.

Para entender melhor alguns dos conceitos trabalhados...



Karl Marx e uma abordagem de nossa condição social

De acordo com o que estudamos nesta aula, podemos afirmar que a análise do homem e da sociedade pode ser realizada de muitas maneiras. Essas maneiras são o que chamamos de **abordagens** e cada uma delas se encaixa no que chamamos de **paradigmas** – a visão que define o que pretendemos, o que queremos com a busca do conhecimento.

Dentre os muitos estudiosos do mundo social, existiu um alemão que, no século XIX, se propôs a analisar a sociedade do seu tempo. Estamos falando de Karl Marx.

Marx viveu a fase de instauração do capitalismo industrial e, para explicar a lógica sistêmico/funcional da sociedade capitalista, construiu um modelo explicativo das sociedades baseado nas **relações de produção**, ou seja, considerando as estratégias de permuta de bens e experiências que os indivíduos mantinham na busca da satisfação de suas necessidades.

Esse modelo explicativo, definido como **materialismo histórico dialético**, tomava como referência a história, o movimento, a dinâmica e a contradição geradoras das crises e conseqüentes mudanças de paradigmas.

Hoje em dia, muita gente considera ultrapassado esse modo marxista de analisar o mundo social. Mas não podemos deixar de considerar suas idéias, seja para refutá-las, seja para perceber a validade delas no presente. Afinal, muito do que se produz em termos de análise da realidade social se faz a partir da refutação, negação, aplicação ou aprimoramento de seus conceitos.



Atividade 2

Veja no fragmento abaixo o conceito de **modo de produção** de Karl Marx e estabeleça uma relação com o conceito de cultura, que você já estudou até agora.

[...] Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual [...]

Fragmento retirado da obra: Para a crítica da economia política, escrito entre 1858 e 1859. Fonte: BRUNI, J.A.G (Org). MARX. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. vol. I, Coleção Os Pensadores, p. 29-30.

Em seguida, responda: é possível entender o conceito marxista de modo de produção, a partir do cotidiano dos municípios em que você mora? Por exemplo, existe uma relação entre a época da colheita do milho e do feijão – culturas comuns tanto no estado da Paraíba como no Rio Grande do Norte – e as relações sociais das pessoas desses lugares?

- **Vamos dar algumas dicas para sua reflexão:** você conhece pessoas que nasceram aqui no nordeste e que hoje moram em outras regiões do país? Em época de colheita, esses imigrantes voltam para rever parentes, aproveitar as comidas da época? Vocês observam se ocorre um aumento no movimento das feiras e do comércio quando temos um ano de fartura? É mais comum nesses municípios fazer compras em feiras livres ou em supermercados? Tem mais animação na zona rural nesse período?

Você pode dar asas à imaginação na explanação de suas impressões. Afinal de contas, de que forma as questões ligadas à produção da vida material interferem no *modus vivendi* de seu município?

Material complementar

Para ampliar sua compreensão acerca do conceito de paradigma, recomendamos um livro e um filme. Veja as sinopses:

Livro – **Ismael: um romance da condição humana**, escrito por Daniel Quinn, publicado em São Paulo, pela Editora Fundação Peirópolis, em 1988.

O livro trata da hominização, a humanidade, a cultura e a possibilidade de salvar o mundo. Ironicamente, a reflexão acerca de toda essas questões e outras mais é estimulada por uma criatura extremamente sábia, um gorila, que nos leva a indagar sobre a extinção do planeta, a relação do homem com o homem e a natureza, a degradação ambiental, o egoísmo humano. Para ler e refletir: haverá saída? O que nós poderemos fazer para tornar o mundo melhor?

Filme – **Instinto**, produção americana de 1999, dirigida por Jon Turteltaub.

Esse filme é uma adaptação do romance de Daniel Quinn, acima indicado. Doutor Ethan Powell é um famoso antropólogo americano que viaja para a África com o objetivo de realizar um estudo sobre gorilas. Depois de conviver com os gorilas selvagens de uma região montanhosa de Ruanda e ser aceito como um deles, ocorre um massacre contra a espécie. Para defender o que considerava sua família, Powell mata dois dos agressores. Preso e deportado para os EUA, o antropólogo passa a ser acompanhado por um psiquiatra numa prisão especializada em maníacos e doentes mentais.

Instinto é um drama que aborda os aspectos mais sombrios da natureza humana e mostra o tênue limiar entre o homem e o animal.

Resumo

Vimos nesta segunda aula que não existe uma única possibilidade de explicação do homem e do mundo onde vivemos. Dentre a diversidade de **paradigmas**, ou seja, de modelos explicativos plausíveis, o mais influente e determinante remete à própria cultura, pois a condição de olhar o mundo é fundada a partir de si mesma. Cada cientista/pesquisador conta a história à sua maneira e nos dias de hoje a compreensão de cultura tem um caráter **transdisciplinar**, ou seja, comporta o diálogo entre as mais variadas **abordagens**.

Autoavaliação

1

Demonstre sua compreensão acerca dos assuntos desta aula, elaborando sua própria explicação conceitual para os seguintes termos:

a) Cultura

b) Paradigma

c) Abordagem

2

Você certamente já ouviu falar na palavra **cultura** em outros contextos. Então, escreva no espaço abaixo, de que modo seu conhecimento acerca de cultura pode ser considerado transdisciplinar, ou seja, perpassado pelos conteúdos de outros saberes, outras experiências.

Referências

ALMEIDA, M. C. Cultura, cognição e complexidade. In: **Anais do Encontro sobre teoria e pesquisa em ensino de ciências**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação UFMG; São Paulo: Faculdade de Educação UNICAMP, 1997, p. 280-288.

ECO, U. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORIN, E. **O método III: o conhecimento do conhecimento**. Lisboa/ Portugal: Publicações Europa-América, 1986.

QUINN, D. **Ismael: um romance da condição humana**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

ROCHA, R. e PIRES, H.S. **Minidicionário enciclopédico escolar**. São Paulo: Scipione, 2000.

Século XV: O marco de um novo tempo

Aula

3



Apresentação

Ao longo desta aula, vamos nos reportar ao advento da expansão marítima, no século XV, para iniciar uma contextualização histórica da cultura contemporânea.

Precisamos entender a influência das grandes navegações para uma nova configuração topográfica do mundo e para o reordenamento das relações sociais: afinal, havia um *velho mundo* (a Europa) que se pretendia *descobridor* de um *novo mundo* (a Ásia, a América e a África).

Nossa proposta é, portanto, demonstrar as circunstâncias que motivaram as viagens intercontinentais, a busca do encontro entre povos diferentes, de lugares diferentes. Para o geógrafo, é importante reconhecer a dimensão das viagens humanas enquanto atitudes culturais, que tem na expansão marítima do século XV um exemplo dos mais emblemáticos.

Para aproveitar melhor esta terceira aula, você deve acionar conhecimentos já adquiridos durante o ensino fundamental e médio, em aulas de História e Geografia, principalmente.

Lembre-se - aprender é estabelecer um diálogo entre vários saberes. Ou seja, assuntos que você já estudou em outras séries, em outras disciplinas, com outros professores, nunca devem ser esquecidos. É o seu repertório. Para aprender uma coisa nova, utilize sempre o que você já sabe, construa pontes para unir as informações.

Jamais esqueça: Nada é gratuito na construção de sua experiência de vida, no seu crescimento pessoal e profissional.

Torcemos por seu sucesso!

Objetivos

No final desta terceira aula, esperamos que você possa:

- 1 compreender o ato de viajar enquanto um dos elementos demarcadores de nossa condição humana;
- 2 entender a dimensão cultural das grandes navegações, no momento de superação do paradigma medieval e do feudalismo;
- 3 constatar a abordagem das grandes navegações no âmbito do discurso acadêmico e também como temática de manifestações artístico-culturais.



“Além de sorrir, é próprio do homem viajar”

A frase acima é do escritor francês André Gide e sintetiza de forma poética o ato de viajar enquanto gesto cultural. Por outras palavras, as viagens empreendidas pelo homem não devem ser confundidas com as atividades migratórias das outras espécies animais, pois as migrações das demais espécies são meramente instintivas, não configuram a viagem no sentido que nós humanos vivenciamos.

Muito além da busca elementar por água e comida, pelo clima e espaço físico adequados à reprodução e preservação da espécie, o homem é capaz de sair de seu lugar de origem a partir de motivações mais complexas: seja pelo prazer subjetivo de desbravar e dominar algo que não conhece, ou por motivações fincadas na conquista do espaço geográfico para garantir poderes políticos e econômicos, tais gestos, culturalmente simbólicos, são sempre calculados racionalmente.

A espécie humana cria e/ou utiliza de forma planejada as rotas e os meios de transporte compatíveis a seus objetivos; chega a lugares desconhecidos por seus antepassados com finalidades intencionalmente demarcadas; e elabora registros documentais dessas conquistas.

A expansão marítima, iniciada em 1413 pelos portugueses, é um exemplo significativo do caráter cultural do ato de viajar. A ampliação dos horizontes de navegação é uma aventura assentada em necessidades concretas de um povo e de uma época e foi efetivamente planejada tendo por base os saberes e as condições tecno-materiais então disponíveis.



O que os historiadores costumam designar como período das grandes navegações – ou fase da expansão marítima – configura uma das soluções dos europeus para atender às novas demandas econômicas, uma vez que o **sistema feudal** de produção já dava sinais de esgotamento; nesse ínterim, o **absolutismo monárquico** e o dogmatismo religioso estavam igualmente submetidos a questionamentos.

Navegar era preciso em busca de novos entrepostos comerciais, novas alternativas de mercados e mercadorias, enfim, era coerente a procura de possibilidades inaugurais de sobrevivência para uma sociedade urbana emergente.

A expansão marítima ocorre a partir do primeiro quartel do século XV, começando pelo continente africano. Os portugueses chegaram aos demais continentes até o final desse mesmo século, uma empreitada que então lhes garantiu um reconhecimento histórico significativo.



Fonte: <http://greclantiga.org/map/sms-ptolomeu-mundo.jpg> (acessado em 18/02/2008)

A gravura acima representa o mapa-múndi desenhado pelo astrônomo e geógrafo Cláudio Ptolomeu (100 – 175 d.C.). Foi este trabalho que serviu de base para os mapas europeus do século XV, sendo utilizado inclusive por Cristóvão Colombo para provar que havia realmente chegado às Índias: veja que o mapa de Ptolomeu já apresenta a África e a Ásia ligadas por terra.

A execução dessa expansão marítima permitia a superação de todo um arcabouço cultural, tanto no plano das limitações técnicas e materiais, quanto dos valores míticos legitimados. Com efeito,

Sistema feudal

Modo de produção que predominou na Europa Ocidental durante a Idade Média. Era uma forma de organização econômica, social e política baseada na exploração da terra. Em troca de proteção e terra camponeses prestavam serviços e forneciam grande parte do que produziam aos proprietários das terras (senhores ou suseranos). Os trabalhadores do campo mantinham um vínculo de servidão em relação aos proprietários de terras.

Absolutismo monárquico

Sistema de governo no qual o rei se investe de poderes ilimitados sobre o restante da sociedade. As monarquias centralizadas formaram-se no final da Idade média. Através da aliança com a burguesia emergente, a monarquia procurava meios para superar os entraves políticos e econômicos decorrentes do modelo de produção feudal.

durante um século de navegação os portugueses descobriram todo o planeta. Até a Idade Média, os europeus navegavam apenas no Mediterrâneo que, como o nome indica, é um mar no meio da terra, um mar fechado. O Oceano Atlântico era conhecido como Mar Tenebroso e se aventurar por ele dava a sensação de entrar num trem fantasma. Além dos perigos naturais de naufrágio, acreditava-se que o oceano estivesse povoado por monstros horríveis. Como sentiam a temperatura aumentar em direção ao Equador, achavam que o mar ia ferver e que, mesmo que você escapasse a tudo isso, ele acabava num ponto onde os navios despencavam no abismo do fim do mundo. O medo foi o primeiro e um dos maiores obstáculos que os portugueses tiveram que enfrentar para realizar as grandes navegações. Mas não o único. Alguns eram bem mais concretos. O principal era como se localizar em alto-mar (ARRAES e FURTADO, 2000, p. 60).



Atividade 1

Conforme você já viu em aulas de História, a chegada dos europeus ao continente americano aconteceu no final do século XV. O mapa a seguir é um registro da chegada desses viajantes à costa brasileira, já em 1500.

Observe bem o mapa:



Fonte: Revista TERRA. São Paulo: Editora Abril, Ano 09, n. 04. 2000, p. 54.

De que modo os nomes atribuídos aos lugares mapeados pelos portugueses, na *Costa do Descobrimento*, servem como indício preliminar do confronto entre a cultura européia e a cultura do homem nativo? Você notou, por exemplo, que alguns lugares do litoral baiano receberam nomes que evocam o universo do cristianismo católico enquanto outros têm raízes nas línguas indígenas? Comente essa tendência. Enriqueça seu comentário pesquisando a origem das palavras e expressões usadas para designar praias, baías, parques, enfim, as referências geográficas notificadas no mapa.

Esse fenômeno linguístico-cultural, ou seja, o uso de palavras de diversas origens etimológicas para designar o espaço geográfico, é observável nos dias de hoje e em outras regiões do Brasil? Use exemplos de nomes de rios, municípios, lajedos, serras, povoados, bairros, enfim, lugares geográficos que você conhece para justificar sua resposta.

Um certo jeito de ver: modos de contar a aventura dos navegadores europeus

As grandes navegações constituem sem dúvida um acontecimento demarcador da história do ocidente. Os historiadores são unânimes em assinalar essa importância para compreensão de toda nossa trajetória sócio-cultural.

Porém, além dos registros científicos, da História, da Antropologia, da Sociologia, por exemplo, há outras formas de falar do significado das grandes navegações enquanto referência para ampliação dos horizontes da humanidade.

Assim, na Literatura, existem formas magistrais para tratar desse assunto. Um dos trabalhos mais conhecidos é o poema “Mar português”, do poeta lusitano Fernando Pessoa:

Mar português

Ó, mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar.

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele foi que espelhou o céu.

Fonte: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 16.

O texto sintetiza a saga dos viajantes das caravelas sugerindo a cota de sacrifício pessoal de homens e mulheres anônimos/as que deixaram de vivenciar felicidades individuais, a exemplo da convivência familiar, em prol da conquista do Novo Mundo, de que tratamos nesta aula: para o português dessa época, era mister que se fizesse a ultrapassagem do Cabo Bojador, ponto geográfico mencionado no poema como referência metafórica dessa dicotomia entre o mundo conhecido e outros tantos desconhecidos.

O poema confere legitimidade a esse sacrifício: se perigo e abismo são qualidades inerentes ao mar, também é próprio do mar a sua condição de espelhar o céu, ou seja, desmistificar o Atlântico é alcançar a plenitude do poderio econômico, é garantir o reconhecimento da “grandeza de alma” do povo português para quem todo sacrifício deve “valer a pena”.

Outra abordagem das grandes navegações aparece na música “Quinto Império”, dos compositores brasileiros Antônio Carlos Nóbrega e Wilson Freire. Esses compositores contemporâneos fizeram parte do **movimento Armorial**, uma iniciativa que resgatou elementos da cultura popular nordestina.

Na letra dessa música há um *herói viajante* que narra suas conquistas e que percebe em sua aventura o fator de demarcação de um novo tempo.

QUINTO IMPÉRIO

laiá me dá teu remo,
Teu remo pra eu remar.
Meu remo caiu, quebrou-se,
laiá lá no alto mar.

Meu sangue é trilha
Dos mouros, dos lusitanos.
Dunas, pedra, oceanos
Rastreiam meu caminhar.
E sendo eu
Que a Netuno dei meu leme,
Com a voz que nunca treme
Fiquei a me perguntar:
O que será
Que além das águas
Agitadas, turvas, calmas,
Eu irei lá encontrar?

Ai mundo velho,
Novo mundo hei de achar!

Eu decifrei
Astros e constelações,
Conduzi embarcações,
Destinei-me a navegar.
Atravessei
A Tormenta, a Esperança,
Até onde o sonho alcança
Minha fé pude cravar.
Rasguei as lendas
Do Oceano Tenebroso
Para El Rey, o glorioso
Não há mais trevas no mar.



Movimento Armorial

O Movimento Armorial, iniciado no estado de Pernambuco no ano de 1970 por iniciativa do escritor Ariano Suassuna, tinha por objetivo criar uma arte erudita tomando como fonte de inspiração a cultura popular nordestina e suas diferentes formas de expressão: música, literatura oral e de cordel, artes plásticas. Este movimento surgiu dentro da Universidade Federal de Pernambuco ganhou espaço, cresceu e influenciou um número considerável de músicos, escritores, dançarinos, teatrólogos, artistas plásticos e cineastas. Segundo Ariano Suassuna, a escolha pelo termo *armorial* se deu por este referir-se “ao conjunto de insígnias, brasões, estandartes e bandeiras de um povo, a heráldica é uma arte muito mais popular do que qualquer coisa. Desse modo o nome adotado significou o desejo de ligação com essas heráldicas raízes culturais brasileiras”(Ariano Suassuna, *Jornal da Semana*, Recife, 20 maio 1975).

Fonte: NÓBREGA, A. C. e FREIRE, W. *Madeira que cupim não rói*. (CD). Antonio Carlos Nóbrega. São Paulo: Estúdio Be Bop, 1997.

Como podemos constatar, a música é rica em referências à história da expansão marítima. Podemos atentar, por exemplo, para a evocação de seus elementos míticos, subjetivos, conforme os versos “rasguei as lendas/ do Oceano Tenebroso...”; uma menção à própria curiosidade humana em torno do desconhecido: “O que será/ que além das águas/ agitadas, turvas, calmas,/eu irei lá encontrar?”

Há também a preocupação em exaltar elementos mais objetivos dessa conquista, a exemplo das estratégias de sobrevivência em alto mar: “Eu decifrei/ astros e constelações,/ conduzi embarcações,/ destinei-me a navegar”; e a própria menção ao rei de Portugal como mentor dessa empreitada, no penúltimo verso.



Atividade 2

O poema de Fernando Pessoa faz menção ao Cabo Bojador. Já a música de Antônio Carlos Nobrega e Wilson Freire traz os seguintes versos: “Atravessei/ a Tormenta, a Esperança, até onde o sonho alcança/ minha fé pude cravar”, em que entrevemos uma menção ao Cabo das Tormentas e ao Cabo da Boa Esperança. Faça então uma pesquisa acerca da localização desses pontos geográficos e escreva acerca da importância deles enquanto referências da conquista do Novo Mundo por parte do navegador europeu.

Cabo Bojador

Cabo das Tormentas

Cabo da Boa Esperança



Atividade 3

Viajando em outras paragens...

O nosso cancionário popular é farto em falar das viagens do *retirante*, termo utilizado para designar o homem nordestino que sai do semi-árido, em épocas de grande estiagem, na busca de alternativas de sobrevivência. Por outro lado, também temos registros musicais acerca da migração de animais nativos. O exemplo dessa tematização aparece num dos versos de *Meu Cariri*, música de Rosil Cavalcanti e Bilu Motta, gravada pela cantora **Marinês**:

“No meu Cariri/ quando a chuva não vem/ não fica lá ninguém/ somente Deus ajuda/ se não vier do céu/ chuva que nos acuda/ macambira morre/ xique-xique seca/ juriti se muda...” (grifo nosso)

A juriti é um tipo de *ave de arribação*, pássaro que garante a sobrevivência a partir de migrações periódicas, condicionadas pela aridez das caatingas.



Marinês

A última gravação desta música está no CD “Marinês canta a Paraíba”, produzido em dezembro de 2004 pela gravadora FG Studio, em João Pessoa – PB.

Desafio



Pesquise a letra da música “Triste Partida”, de Patativa do Assaré. Contextualize a música, ou seja, diga em que ano foi composta, quando e por quem já foi gravada. Em seguida aponte na letra elementos indicadores da viagem no sentido que aqui estudamos: que motivos os personagens têm para viajar? Que preparativos fazem? De que recursos dispõem? Qual a diferença entre a viagem humana que se esboça nessa produção de Luiz Gonzaga e a migração de um tipo de ave, sugerida em verso na música “Meu Cariri”?



Um lembrete - Veja que você pode aprender e ensinar muitas coisas a partir de construções poéticas. A temática das grandes navegações constitui o exemplo desta aula, mas outros contextos permitem tais incursões pela poesia, pela música e por outros tantos caminhos. O geógrafo deve ser sensível, atento a tais possibilidades, principalmente quando tratar de cultura e de sociabilidade humana. A música, por exemplo,

não é apenas um elemento rítmico e melodioso, da mesma forma que traduz sentimentos, revela o cotidiano, faz denúncias, conta acontecimentos e fatos históricos, retrata episódios, também é uma forma de expressão que traduz valores, hábitos, faz registros de modos de vida. A música é um documento eficaz para conservar ou recriar a memória e a vida do grupo. O uso da música representa uma estratégia ímpar no sentido da flexibilização do conteúdo, contribuindo para que as práticas em sala de aula se tornem mais interessantes e ricas, revitalizadas. (NEPOMUCENO, 2006, p. 123).

Material complementar

Filme – **1492: A conquista do Paraíso** (EUA/ França/ Espanha, 1992, direção: Ridley Scott).

Este filme conta a história de Cristóvão Colombo e sua proposta de encontrar o caminho para as Índias pelo Oeste. Narra de forma brilhante o que representou o século XV para a humanidade: o embate entre um modelo de sociedade falida que se via preste a ser ultrapassado e o novo que se descortinava, malgrado todas as dificuldades enfrentadas para se navegar rumo ao desconhecido.

Livro – **O ano em que a China descobriu o mundo**, escrito por Gavin Menzies, publicado em São Paulo pela editora Bertrand Brasil, em 2006.

Relata as viagens fantásticas dos chineses entre 1400 e 1430. A tese defendida no livro é que no século XV a China era a nação mais avançada da terra e em termos de tecnologia naval estava muito à frente da Europa. O livro, escrito com base em uma pesquisa de 14 anos em diversas partes do mundo, apresenta os chineses como os primeiros grandes exploradores náuticos. No início do século XV (1421) já haviam explorado o Oceano Índico, já conheciam a Costa africana e já haviam explorado o Novo Mundo.

É uma tese bastante polêmica pelas colocações que faz, por exemplo: diz que a Costa do Brasil foi mapeada 80 anos antes da chegada de Pedro Álvares Cabral, teriam os chineses

estado no nosso litoral (do Maranhão a Pernambuco – a partir de setembro de 1421). Revela que este contato foi extremamente próximo, tão próximo que filhos foram gerados do cruzamento dos chineses com as nossas nativas. Acreditem! Afirma que uma pesquisa genética, realizada pelos americanos comprova este contato, mostra a semelhança entre os genes de tribos do Mato Grosso do Sul e chineses. E ainda haveria uma doença que só existe em duas regiões do planeta: Bacia Amazônica e Leste da Ásia.

Resumo

Nesta aula, vimos que viajar é uma atividade cultural do ser humano, uma vez que requer planejamento e atitudes racionais para o alcance de objetivos. Estudamos que as viagens empreendidas pelos navegadores europeus à época das expansões marítimas, no século XV, são culturalmente significativas, pois é um dos indícios do rompimento com o sistema feudal de produção. Por fim, tivemos a oportunidade de ler textos literários, uma prova de que o discurso científico historiográfico não deve ser o único paradigma para compreendermos a dimensão das grandes navegações no panorama cultural de nossos dias

Autoavaliação

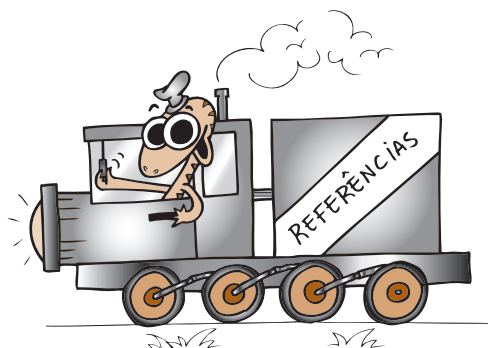


Faça um quadro demonstrativo apontando semelhanças e diferenças entre as viagens empreendidas pelo nordestino brasileiro, no Brasil contemporâneo, e as viagens dos europeus, no século XV.

Semelhanças	Diferenças

Semelhanças	Diferenças

Referências



ARRAES, G. e FURTADO, J. **A Invenção do Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

AZCONA, J. **Antropologia I** – História. Col. Introduções e conceitos. Trad. Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.

GIDE, A. **A volta do filho pródigo**. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MENZIES, G. **O ano em que a China descobriu o mundo**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

NEPOMUCENO, C. M. Repensando o ensino: o uso da música na sala de aula. In: **Linguagens, tecnologia e ensino** – A palavra (RE)escrita e (RE)lida. Anais da XIII Semana de Letras da UEPB. Campina Grande: Editora universitária/EDUEPB, 2006. p. 123-128.

PESSOA, F. **Obra Poética**. (Biblioteca Luso-Brasileira, Série Portuguesa). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

PINSKY, J. et al. **História da América** (através de textos). 6.ed. Col. Textos e documentos, v. 4. São Paulo: Contexto, 2000.

O confronto da alteridade

Aula

4



Apresentação

Vamos estudar nesta aula as conseqüências do encontro entre o Velho Mundo - a Europa - e o Novo Mundo - América, Ásia e África. Veremos que esse encontro modificou os paradigmas que o europeu utilizava para conceituar o ser humano. Também revolucionou o conhecimento instituído no ocidente acerca do próprio mundo, ampliado numa perspectiva geofísica e cultural.

Já vimos que as expansões marítimas propiciaram este redimensionamento de uma realidade edificada até o século XV sob o sistema feudal, o absolutismo político e o dogmatismo religioso. Ampliando este conhecimento, vamos agora estudar os critérios para a análise da conjuntura que se descortinava e quais os paradigmas então elaborados para explicar o Novo Mundo e as peculiaridades dos seus habitantes.

- Este conteúdo complementa o que vimos na aula anterior. Portanto, estabeleça as relações necessárias entre os dois momentos.
- Releia se for preciso alguns trechos da terceira aula.
- Em seguida, retome esta nossa quarta aula. Anote dúvidas, para as conversas com os tutores e com os colegas. Faça com muito zelo todas as atividades propostas para este momento.

Lembre-se sempre: nossa aula tem como objetivo principal o seu crescimento como professor e como pessoa.

Objetivos

Ao final desta quarta aula, você deve ser capaz de:

1

entender a expressão *confronto de alteridade*, utilizada para designar o encontro do europeu com os habitantes do chamado Novo Mundo, a partir do advento das grandes navegações;

2

estabelecer uma relação entre as idéias quinhentistas e o pensamento contemporâneo para explicar a diversidade humana.



Os europeus no Novo Mundo e o registro das primeiras impressões

Na aula passada, vimos o quanto o advento das grandes navegações foi significativo para os europeus no século XV. O Rei de Portugal tinha a expansão marítima como principal investimento visando a ampliação das possibilidades político-econômicas na época de plena decadência do sistema feudal de produção.

Mas ao contar essa história não podemos perder de vista que no espaço do que se convencionou designar Novo Mundo já havia uma cultura instituída: tanto em terras do continente africano, como na Ásia então desconhecida e obviamente nas Américas existiam povos que adotavam mecanismos singulares de sobrevivência diferentes do **modus vivendi** do Velho Mundo.

O conhecimento da cultura desses povos nativos tornou-se quase que uma obsessão para os intelectuais da época. Buscar as respostas acerca das sociedades e dos homens que habitavam a África, a América e a Ásia muito poderia contribuir para esclarecer uma questão basilar da ciência e da filosofia: quem somos nós e qual a nossa origem?

Para aqueles que se pautavam numa abordagem religiosa, a questão que se seguia a descoberta do Novo Mundo era: o que havia sido encontrado, o paraíso ou o inferno? De imediato era necessário estabelecer critérios de julgamento por meio dos quais fosse possível definir o grau de humanidade e civilidade dos povos americanos, asiáticos e africanos, pois,



Modus vivendi

Modus vivendi – Expressão latina normalmente utilizada sem tradução, que significa modo de vida, maneira singular de sobrevivência de uma pessoa ou de um grupo social.

(...) não acreditando em Deus, não tendo alma, não tendo acesso à linguagem, sendo assustadoramente feio e alimentando-se como um animal, o selvagem é apreendido nos modos de um bestiário. E esse discurso sobre a alteridade, que recorre constantemente à metáfora zoológica, abre o grande leque de ausências: sem moral, sem religião, sem lei, sem escrita, sem Estado, sem consciência, sem razão, sem objetivo, sem arte, sem passado, sem futuro (LAPLANTINE, 1994, p. 41).

A partir dessa constatação das ausências o europeu qualificou como não civilizados os povos nativos do Novo Mundo: sendo a religião o critério mais relevante, os não cristãos foram vistos como pertencentes ao diabo; também foram rechaçados os outros traços de demarcação cultural, a exemplo das línguas faladas, desconhecidas dos europeus; o comportamento alimentar (o costume de comer inclusive gente); o modo de vestir, de habitar e produzir; e a forma de organização política e social.

As primeiras informações sobre as terras e os povos encontrados provinham dos relatos de viagens, em forma de cartas, pinturas, relatórios ou até mesmo trechos de diários de médicos, artistas, geógrafos, matemáticos, capitães das embarcações e outras pessoas que faziam parte das expedições.

Outra fonte de informação eram os escritos dos missionários (catequizadores) que também integravam as equipes viajantes, pois para a Igreja Católica havia um interesse a mais nesta empreitada: os povos encontrados, supostamente sem religião, representavam a possibilidade de novos fiéis ao catolicismo.

As notícias iniciais acerca do Novo Mundo eram, no mínimo, assustadoras. Era um mundo povoado por seres fantásticos e criaturas inumanas que praticavam atos animalescos. Eram canibais, promíscuos, pagãos, possuíam uma linguagem ininteligível, enfim, eram quase animais ou, como passou ser mais recorrente nesses registros, eram selvagens.

Para que possamos ter uma idéia de como o europeu percebia os habitantes dos continentes encontrados, podemos estudar um desses relatos de viagem. A carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, escrita em primeiro de maio de 1500 para o Rei D. Manuel, tem como assuntos a terra e a gente encontradas na parte sul da América, como resultado da expedição liderada por Pedro Álvares Cabral. Tal carta é o “registro de nascimento” do Brasil, mas lembre-se que Pindorama – a Terra das Palmeiras, como os nativos chamavam o nosso país – já era povoada há milhares de anos. Vejamos então um texto contendo fragmentos da carta de Caminha:

(...) A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes Poe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. (...)

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

(...) Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por galanteria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tingida tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós.

(...) Deduzo que é gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva. Mas apesar de tudo isso andam bem curados, e muito limpos. E naquilo ainda mais me convenço que são como aves, ou alimárias montesinhas, as quais o ar faz melhores penas e melhor cabelo que as mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais!...(.)



Fonte: www.culturabrasil.org/carta.htm acessado em 01/10/2007.

Este relato de Pero Vaz de Caminha foi chamado por ele próprio de “Carta de achamento do Brasil” e o texto original está hoje guardado na Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal, integrando o acervo do Arquivo Nacional Português. Os fragmentos que você acabou de ler descrevem uma gente que havia sido encontrada em um mundo que até então não se conhecia.

Mas, imagine você que os índios nativos também se vêem frente a frente com uma gente totalmente diferente. As impressões do homem nativo diante do viajante europeu podem ser vistas em análises de historiadores e antropólogos, como no fragmento abaixo:

(...) Chegaram as primeiras notícias procedentes da margem do Golfo sobre a presença de seres estranhos, chegados em barcas grandes como montanhas, que montavam uma espécie de veados enormes, tinham cães grandes e ferozes e possuíam instrumentos lançadores de fogo (...) (LEON-PORTILHA apud PINSKY, 2000, p. 29).

Em uma outra possibilidade, alguns filmes e minisséries televisivas contemporâneas criam representações da versão indígena para o encontro com o viajante europeu. O fragmento a seguir nos dá uma idéia dessas representações ficcionais, pois está no livro “A Invenção do Brasil”, escrito a partir da minissérie do mesmo nome, exibida pela Rede Globo, em 2000 :



Os tupiniquins viram com o mesmo assombro a chegada dos estrangeiros. Eles eram pálidos, cheiravam mal, traziam o corpo todo coberto de panos menos as mãos e o rosto, que eram peludos como os dos macacos. Alguns tinham cabelos amarelos e não havia mulheres entre eles. Ou pelo menos assim parecia, já que não era possível ter certeza porque traziam suas partes encobertas (ARRAES e FURTADO, 2000, p. 12).



Atividade 1

Roteiro para dramatização teatral

Você também pode entender melhor as duas possibilidades de contar o encontro do navegador português com o índio brasileiro exercitando sua criatividade. Crie uma narrativa para dramatização, com uma cena enfocando a primeira impressão do encontro entre dois ou mais personagens, sendo alguns representando o povo nativo e outro(s) configurando os viajantes vindos da Europa. Estabeleça uma conversa, mediante o discurso verbal e outros recursos, entre seus personagens. Se necessário, utilize um narrador para mediar seu roteiro de encenação.

Vamos, então, pôr em prática sua capacidade artística?

Depois daquele encontro... o confronto da alteridade



Alteridade

A alteridade – ou outridade – diz respeito à percepção das diferenças. É ao perceber o outro, a partir da diferença que o mesmo possui em relação a mim, que tomo consciência de quem eu sou: não igual ao outro. Em outras palavras, o eu só existe em relação ao outro, só existe a partir do outro. É a partir da comparação entre o grupo do eu e o grupo do outro que tomamos consciência das diferenças existentes em relação a vestimentas, crenças, valores, organização social, comportamento, enfim ao modo de ser, fazer, pensar, sentir querer e saber. Como diz Laplantine, 1994, p. 21), “a experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única”.

O resultado do encontro entre navegadores europeus e povos indígenas impôs a necessidade de revisão do conceito de homem e de sociedade. O mundo europeu, entre abalado e encantado, descobre que o homem tem uma infinita capacidade de se diferenciar e que o modelo de homem, sociedade e cultura que até então se conhecia não mais servia para explicar a diversidade desvendada.

O Velho Mundo ingressa numa busca fremente por conceitos e teorias que possibilitassem a compreensão dos povos encontrados na América, Ásia e África. Estava estabelecido o confronto de **alteridade**, marcado pelas seguintes indagações:

Quem somos nós e quem são eles?

Por que somos tão diferentes?

As controvérsias, os embates se estabeleceram entre aqueles que se sentiam “fascinados pelo estranho” e aqueles que “recusavam o estranho” (LAPLANTINE, 1994). Essas duas condutas dariam origem às atitudes que passariam a permear a visão do outro até os nossos dias: a de negação ou de respeito e aceitação das diferenças.

Foi a partir desta necessidade de avaliação e julgamento dos povos do Novo Mundo que as sociedades dos momentos subseqüentes ao século XV passaram a ser rotuladas: selvagens em contraponto a civilizados: primitivos que se opõe a desenvolvidos e assim por diante, num crescente contraste: terceiro mundo/ primeiro mundo, centro/periferia, ricos/pobres, brancos/negros, etc.

Seja qual for a categoria utilizada, em séculos passados ou atualmente, esta necessidade de classificação do homem, da sociedade e das culturas resulta desta alteridade preliminar: houve dificuldades na aceitação do outro em suas peculiaridades no momento histórico que costuma ser designado período das grandes navegações.



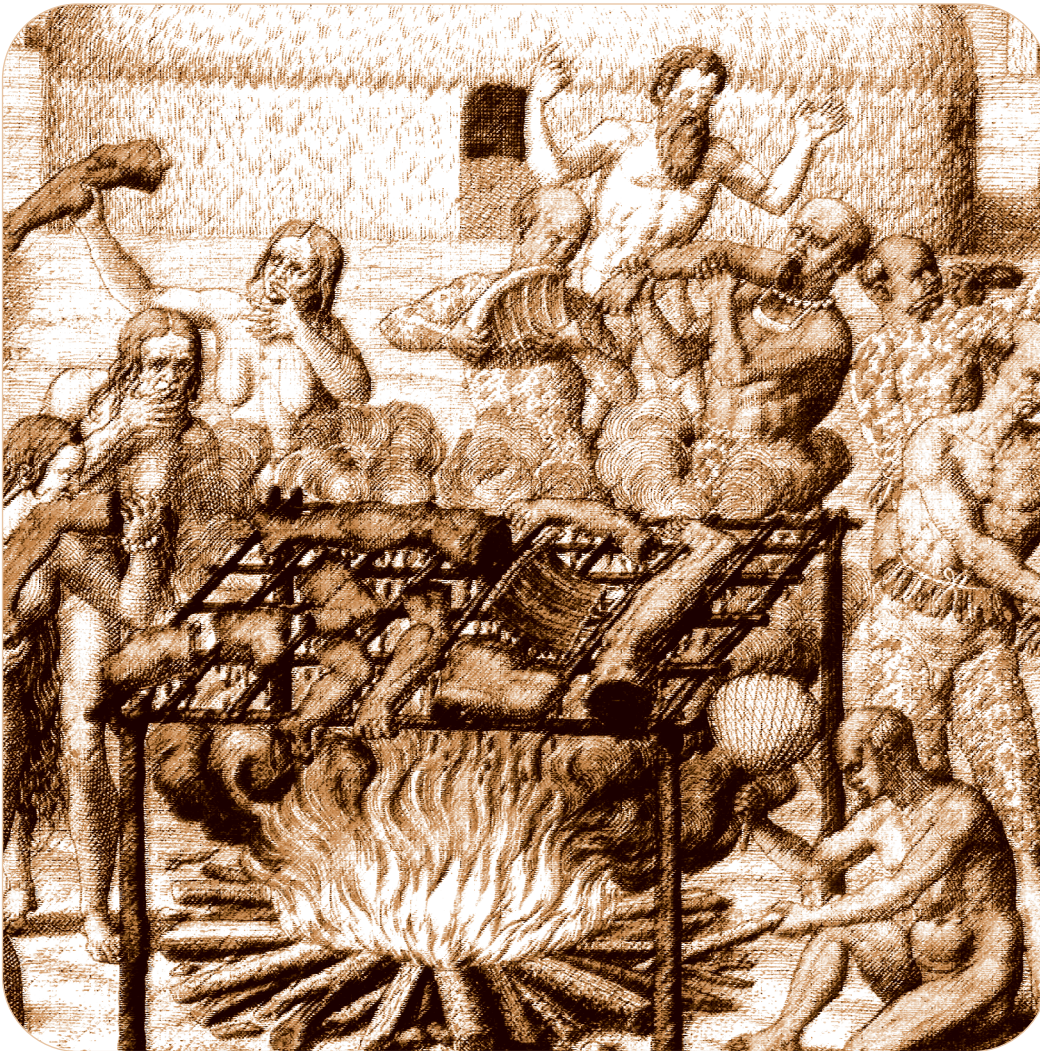
Outras linguagens...

A imagem a seguir é de uma pintura clássica feita por Theodory de Bry, no século XVII. Retrata a voracidade dos índios comendo carne humana. Note que, no plano superior direito, ao fundo, está a figura de um europeu protestando, um exemplo significativo de como sociedades diferentes vêem uma mesma atitude: aliás, existem abordagens que tratam da questão retratada como *ritual antropofágico*, enquanto outras chamam-na de **prática canibal**.



Prática canibal

Etimologicamente a palavra vem da junção de dois vocábulos grego (anthropos, homem e phagein, comer) cujo sentido remete ao ato de comer o homem. Expressão que foi gradativamente substituída por um outro vocábulo: canibalismo. No entanto, são palavras que tem sentidos completamente distintos. A antropofagia é um ritual, é uma prática de ingestão da carne humana com uma simbologia, própria de cada grupo. Por exemplo, os nossos índios Tupis praticavam a antropofagia por afetividade, comiam seus entes queridos: pai, mãe, marido e filhos. Mas outros grupos praticavam a antropofagia pelas mais variadas razões, dentre elas: vingança, demonstração de destemor e coragem excessiva. Inclusive, só os inimigos bravos, destemidos e valentes serviam como alimento, e o objetivo da prática ritual era adquirir as mesmas qualidades daquele que foi ingerido.



Fonte: Revista NOSSA HISTÓRIA . São Paulo: Editora Vera Cruz, ano 02, n. 17, 2005, p. 26.



Atividade 2

Aprece o texto a seguir, letra da música *Chegança*, uma composição de Antônio Carlos Nóbrega e Wilson Freire.

Sou Pataxó,
Sou Xavante e Cariri,
Ianomâmi, sou Tupi
Guarani, sou Carajá.
Sou Pancaruru,
Carijó, Tupinajé,
Potiguar, sou Caeté,
Ful-ni- ô, Tupinambá.
Depois que os mares
Dividiram os continentes,
Quis ver terras diferentes.
Eu pensei: 'vou procurar
Um mundo novo,
Lá depois do horizonte,
Levo a rede balançante
Pra no sol me espreguiçar'.
Eu atraquei
Num porto,
Muito seguro,
Céu azul, paz e ar puro...
Botei as pernas pro ar...

Logo sonhei
Que estava no paraíso
Onde nem era preciso
Dormir pra se sonhar.
Mas de repente
Me acordei com a surpresa:
Uma esquadra portuguesa
Veio na praia atacar
Da grande nau,
Um branco de barba escura,
Vestindo uma armadura
Me apontou pra me pegar.
E assustado dei um pulo lá na rede
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: 'vou me acabar'.
Me levantei de burduna já na mão
Aí, senti no coração,
O Brasil vai começar.

Fonte: NÓBREGA, Antonio Carlos e FREIRE, Wilson. Madeira que cupim não rói. (CD). Antonio Carlos Nóbrega. São Paulo: Estúdio Be Bop, 1997.

Desafios

1

As estrofes iniciais mencionam tribos indígenas brasileiras, sugerindo a diversidade de povos que existiam no Brasil, no século XVI. Você já ouviu falar nessas tribos? Qual delas lhe parece mais familiar? Fale-nos então, num texto descritivo, de suas informações sobre uma tribo em particular, salientando, por exemplo, a região em que vive, número de membros existentes atualmente, idioma falado, costumes que possuem, conquistas legais mais recentes, costumes preservados...

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Sublinhe as estrofes da música que sugerem o confronto da alteridade, de que tratamos nessa aula. Em seguida justifique sua escolha, salientando porque em tais estrofes está delineado o confronto de alteridade.

[illegible]

Material complementar

Livro – **A Invenção do Brasil**, escrito por Guel Arraes e Jorge Furtado, o livro foi publicado no Rio de Janeiro, pela editora Objetiva, no ano 2000.

O livro na verdade é o texto da minissérie televisiva homônima, exibida pela Rede Globo no ano 2000, durante os festejos dos 500 anos de descobrimento do Brasil. De uma forma muito engraçada é contada a história do encontro dos dois mundos a partir do romance entre uma nativa e um português. Você vai rir bastante com as situações colocadas: choque de comportamentos, valores, códigos, padrão cultural. Narra, satiricamente, toda a ganância dos portugueses. Você também pode assistir a minissérie, em DVD, mas recomendamos especialmente o livro porque traz excelentes textos complementares.

Filme – **A missão** (Inglaterra, 1986) 121' – Direção Roland Joffé.

O filme mostra os conflitos existentes entre índios, colonizadores e jesuítas na região amazônica. Conta a história de um mercador de escravos, cuja prática de vida é movida pela ganância e violência. Ele vê sua vida mudar radicalmente quando mata o próprio irmão. O remorso pelo ato cometido o leva a uma mudança radical e, ao lado dos jesuítas, passa a lutar em defesa dos nativos que até então capturava e vendia como escravos. Nessa empreitada de lutas, Rodrigo Mendonza, o ex-mercador, se tornará um mártir na defesa dos índios. Não deixe de assistir, você vai se emocionar!

Resumo

Nesta aula, você estudou as consequências das expansões marítimas, dando prosseguimento ao que vimos na aula anterior. Vimos as primeiras impressões, tanto do europeu viajante em relação aos povos nativos, quanto dos habitantes dos continentes encontrados – Ásia, América e África – em relação aos visitantes que aportavam no que chamavam Novo Mundo. E pudemos constatar que este encontro entre pessoas de culturas diferentes foi marcado pela intolerância às diferenças, configurando o confronto da alteridade. Vimos por fim que esse confronto redimensionou toda uma concepção acerca de homem e de mundo. Conseqüentemente, o entendimento acerca de cultura e sociedade se viabilizou a partir de um novo paradigma, dando consistência a dicotomias ainda presentes na vida contemporânea, como centro/periferia, primeiro mundo/terceiro mundo, povo selvagem/povo civilizado, entre outras.

Autoavaliação

Demonstre sua compreensão acerca do conteúdo visto nesta aula respondendo às questões propostas a seguir:

1

Como você explica a expressão confronto de alteridade?

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal brown ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.

2

Que exemplos contemporâneos servem de referência para atestar que ainda perduram confrontos entre culturas diferentes?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.

Referências

ARRAES, G. e FURTADO, J. **A invenção do Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

AZCONA, J. **Antropologia I – História**. Col. Introduções e conceitos. Trad. Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. Trad. Marie-Agnès Chauvel. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PINSKY, Jaime et al. **História da América** (através de textos). Col. Textos e documentos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Cultura: uma abordagem antropológica

Aula

5



Apresentação



Eminente

Superior; excelente. O advérbio eminentemente, no contexto desta aula, indica que, dentre tantas outras características, a cultura tem prioridade na explicação do homem enquanto espécie que vai além dos componentes meramente biológicos.

Nesta aula, vamos estudar os conceitos de cultura desenvolvidos no âmbito da Antropologia, uma das ciências humanas mais importantes para a compreensão de nossa condição humana. Veremos os argumentos dos antropólogos para explicar o homem enquanto ser **eminente** cultural. Tudo isso dentro de um contexto histórico-científico relevante para que possamos dimensionar as várias possibilidades conceituais dentro de conjunturas diferentes, principalmente ao longo do século XX.

Trabalharemos nesta aula com vários conceitos de cultura.

Tais conceitos não devem ser apenas memorizados, mas aprendidos de modo que possam ser significativos à sua vida pessoal e profissional.

Estude o material com atenção, observando as diferenças e semelhanças entre tais conceitos, relacionando-os com suas experiências. As dúvidas devem ser anotadas e as atividades propostas precisam ter sua atenção criteriosa.

Bons estudos!

Objetivos

Ao final desta quinta aula, você deve ser capaz de:

1

reconhecer que existem várias possibilidades para conceituar a cultura, no âmbito da Antropologia;

2

compreender que o contexto histórico e científico viabilizaram a diversidade dos conceitos antropológicos de cultura;

3

compreender que os padrões culturais são os postulados normalmente aceitos pelos membros de uma sociedade para garantir a própria sobrevivência.

A cultura numa perspectiva antropológica

Nas nossas aulas anteriores aprendemos que a cultura é um paradigma, ou seja, um modelo através do qual o mundo pode ser percebido e explicado. Aprendemos que a cultura é tema e objeto de estudo de várias ciências, dentre elas a Antropologia e a Sociologia. Nesta aula iremos tratar sobre o conceito de cultura, na perspectiva antropológica, e sobre os seus pressupostos elementares.

A compreensão antropológica de cultura foi gradativamente construída. Ela resulta de um processo de construção histórica e do amadurecimento científico no campo da análise social, fruto da necessidade de entendimento do que é ser *humano*. É um conceito que passou por uma infinidade de modificações, mas sempre esteve relacionado à concepção de algo que se opunha ao natural, ao biológico.

O primeiro conceito formalizado de cultura, do ponto de vista antropológico, foi elaborado pelo antropólogo inglês Edward Taylor e apareceu em sua obra *Primitive Culture*, publicada em 1871. Este estudioso reuniu no vocábulo inglês *Culture* dois termos: o alemão *Kultur* utilizado para simbolizar os aspectos imateriais de um povo, e o termo francês *Civilization* usado para quando da menção aos aspectos materiais.

Desse modo, o primeiro conceito antropológico de cultura, refere-se a “(...) todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TAYLOR apud LARAIA, 1997, p. 25). O conceito elaborado por Taylor dominou até o primeiro quartel do século XX. A partir de então, surge uma infinidade de conceitos, que serão apresentados ao longo desta aula.

Uma das contribuições decisivas para a ampliação e diversificação do conceito de cultura foi dada pelo antropólogo americano Alfred Kroeber. Os seus estudos permitiram que a cultura, decididamente, fosse percebida como uma dimensão de total oposição à dimensão natural.

A formulação do conceito de Kroeber esclarecia em definitivo que a cultura consistia na ruptura com o biológico, que o comportamento do homem era aprendido, nada era transmitido geneticamente, ou em outras palavras: de inato o homem nada possuía. Na sua concepção a cultura era o “superorgânico” em detrimento ao orgânico que era o natural (biológico). Para esse antropólogo, foi a cultura que permitiu ao homem se distanciar do mundo animal. Veja o argumento utilizado por Kroeber para explicar porque todo comportamento do homem era aprendido e resultado direto do contexto no qual estava inserido:

Um cachorrinho recém nascido é criado com uma ninhada de gatinhos por uma gata. Contraditoriamente às anedotas familiares e aos tópicos de jornais, o cachorrinho latirá e rosnará, não miará. Ele nem mesmo experimentará miar. A primeira vez que se lhe pisar

na pata ele ganirá e não guinchará, tão certo como, quando ficar enfurecido, morderá, como o faria a sua mãe desconhecida, e nunca procurará arranhar, tal como viu a mãe adotiva fazer. Um longo retiro pode privá-lo da vista, do som ou do cheiro de outros cães. Mas se acontecer chegar-lhe aos ouvidos um latido ou ganido, ei-lo todo atento - mais do que a qualquer som emitido pelos gatinhos seus companheiros. Que se repita o latido, e então o interesse dará lugar à excitação, e ele latirá também, tão certo como, posto em contato com uma cadela, manifestar-se-ão nele os impulsos sexuais de sua espécie. Não pode haver dúvida de que a linguagem canina constitui, de modo inextirpável, parte da natureza do cachorro, tão plenamente nele contida sem treino ou cultura, quanto fazendo inteiramente parte do organismo canino, como os dentes, pés, estômagos, movimentos ou instintos. Nenhum grau de contato com os gatos, ou privação de associação com a sua própria espécie, fará com que o cão aprenda a linguagem do gato, ou perca a sua, nem tão pouco o fará enrolar o rabo em vez de abaná-lo, esfregar os flancos no seu dono ao invés de saltar nele, ou adquirir bigodes e levar as orelhas erectas.

Tomemos um bebê francês, nascido na França, de pais franceses, descendentes estes, através de numerosas gerações, de ancestrais que falavam francês. Confiemos esse bebê, imediatamente depois de nascer, a uma pajem muda, com instruções para que não permita que ninguém fale com a criança ou mesmo veja durante a viagem que a levará pelo caminho mais direto ao interior da China. Lá chegando, entrega ela o bebê a um casal de chineses, que o adotam legalmente, e o criam como seu próprio filho. Suponhamos agora que se passem três, dez ou trinta anos. Será necessário debater sobre que língua falará o jovem ou adulto francês? Nem uma só palavra de francês, mas o puro chinês, sem um vestígio de sotaque, e com a fluência chinesa, e nada mais (KROEBER apud LARAIA, 1997, p. 43-45).

Com base nessa argumentação, a partir da percepção de que o homem é o único ser do mundo animal que nasce totalmente desprotegido e se não lhe for transmitido, ensinado os conhecimentos necessários para viver em sociedade ele não aprenderá sozinho, o conceito de cultura passou a ter um outro significado. Diferente de todos os outros animais, o homem é o único animal capaz de inventar modos de vida, adaptar-se a situações e/ou ambientes adversos, transformar o meio no qual está inserido ou até mesmo recriá-lo, em outras palavras gerar cultura.

Essa concepção muito contribuiu para o estabelecimento de uma atitude de compreensão e respeito às diferenças entre os grupos humanos. Pois características humanas, por muitos estudiosos consideradas inatas, herdadas biologicamente, passaram a ser vistas como aprendidas: modo de andar, rir, falar, chorar, gostar, emocionar, comer, ou seja, tudo que se tomava por natural era na verdade fruto de um processo de interiorização de um padrão cultural.

A construção antropológica do conceito de cultura ampliou as possibilidades de entendimento do homem e da sociedade. Permitiu compreender que o homem é universal no tempo e no espaço, "(...) regido pelas mesmas necessidades, guiado pelos mesmos impulsos, num afã gigantesco de atualizar todas as suas potencialidades" (ULLMANN, 1991, p. 16).



This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

A multiplicidade do conceito de cultura

Como foi dito no item anterior, a partir do conceito de Edward Taylor surgiram outros conceitos de cultura, formulados de acordo com o momento histórico, as tendências teóricas vigentes naquele momento e o enfoque que se pretende na realidade a ser estudada. É importante esclarecer que apesar de não haver um único conceito de cultura, todos os estudiosos sabem o que é cultura, e sabem como se utilizar desse instrumento de análise do homem e da sociedade, mesmo que haja divergências no modo de defini-la.

Dentre os conceitos que se tornaram clássicos, temos:

1) A. L. Kroeber & C. Kluckhohn (1952)

“A cultura consiste em padrões, explícitos e implícitos, de comportamento e para comportamento, adquiridos e transmitidos por símbolos, que constituem as realizações distintivas dos grupos humanos, inclusive suas incorporações em artefatos; o núcleo essencial da cultura consiste nas idéias tradicionais (isto é, recebidas e selecionadas historicamente) e especialmente nos valores que se lhes atribuem; por outro lado, os sistemas de cultura podem ser considerados como produtos de ação e também como elementos condicionantes da ação futura”.

2) Ralph Linton (1936)

“A cultura de qualquer sociedade consiste na soma total e organização de idéias, reações emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que seus membros adquirem pela instrução ou pela imitação de que todos, em maior ou menor grau, participam.”

3) Roger Keesing (1958)

“Culturas são sistemas (de padrões de comportamento de socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.”

4) Bronislaw Malinowsky (1944)

“O todo global consistente de implementos e bens de consumo, de cartas constitucionais para os vários agrupamentos sociais, de idéias e ofícios humanos, de crenças e costumes”.

5) Robert Redfield (1949)

“[É o conjunto de] entendimentos convencionais manifestos em atos e artefatos que caracterizam as sociedades”.

6) Clifford Geertz (1973)

“A cultura deve ser vista como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instituições – para governar o comportamento”.

7) Leslie White (1959)

“Por cultura queremos dizer o conjunto de ferramentas, utensílios, língua, hábito, instituições, rituais, objetos para vários fins, sentimentos, atitudes, etc. que todos os povos possuem”.

8) Franz Boas (1938)

“A totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social”.



Atividade 2

Remexendo o baú...

1

Procure em cadernos antigos, livros velhos de seus tempos de primeiro e segundo graus, remexa nas suas memórias os conceitos de cultura que já lhe foram apresentados. Normalmente, tais conceitos são vistos em aulas de Educação Artística, de História, de Língua Portuguesa. Se você não é do tipo que guarda objetos velhos, não tem problema: faça a busca no material do(a)s filho(a)s, dos pais, do(a)s amigo(a)s. O importante é fazer essa busca.

Em seguida, transcreva no espaço abaixo o conceito ou definição de cultura que você encontrou. Após a transcrição, anote a fonte, ou seja, o lugar e a data onde você achou seu material.

2

Depois da busca em arquivos pessoais acerca do conceito de cultura, releia os conceitos de antropólogos vistos neste tópico. Estabeleça uma relação entre o conceito que você encontrou e um dos conceitos de um dos estudiosos da antropologia. Justifique a relação que você estabeleceu respondendo: em que aspectos os dois conceitos são parecidos?



Antropologia Postulados Cultura

Princípios da cultura

De acordo com o que já aprendemos, toda cultura é composta por um conjunto de regras, normas e valores que estabelecem padrões de comportamento. Então, quais seriam os **postulados** que constituem a cultura de modo que todos os indivíduos aceitem partilhá-la de forma submissa, pacífica, e, na maioria das vezes, inconteste?

Os princípios são exatamente decorrentes das práticas desenvolvidas pelo grupo em seu próprio processo da estruturação da vida em sociedade. Os hábitos, as regras, as normas e os valores estabelecidos por cada grupo resultam do estabelecimento do mesmo para o que considera necessário à manutenção da ordem, da coesão, da organização social e da preservação do grupo. Assim, “todos os povos defendem suas próprias formas de vida, é fácil compreender que uma das maneiras pelas quais as culturas se tornaram mais ricas e mais complexas foi pelo aperfeiçoamento e multiplicação dos seus costumes autênticos mais prezados.” (BENEDITC, 1966, p. 230). Já de acordo com Hoebel e Frost (1999, p. 21),

Ao selecionar seus costumes para vida diária, mesmo nas pequenas coisas, a sociedade escolhe aquelas maneiras que estão de acordo com o seu modo de pensar e suas predileções – maneiras que se adaptam a seus postulados básicos a respeito da natureza das coisas, sobre o que é desejável e o que não é. Se estas maneiras são compatíveis com seus postulados básicos, e se estes, por sua vez, são compatíveis uns com os outros, consegue-se uma integração perfeita. Então, a cultura será um todo harmonioso e produtivo.

Dessa forma, podemos dizer, que é o próprio homem, na invenção de seu modo de vida, que seleciona valores, estabelece regras e modelos, atribui papéis que todos os membros do grupo devem executar a contento para que o prevaleça o equilíbrio e a ordem. O descumprimento das determinações estabelecidas só tenderia a promover o caos e a desordem.



Postulados
(substantivo
masculino)

Princípios formulados e reconhecidos no âmbito de uma ciência.



Atividade 3

Vimos que normalmente há um consenso social quanto à aceitação de determinado *modus vivendi*, ou seja, a cultura pressupõe um conjunto de postulados que torna aceitável ou não determinados procedimentos, determinadas atitudes.

Então nos responda: você conhece alguém que agiu numa determinada situação fugindo a *princípios* que são aceitos como *normais* em seu município? Contemos, que atitude foi esta? Qual a repercussão dessa atitude, ou seja, como as pessoas de seu lugar reagiram a um modo diferente de agir em tal situação?

Seja sempre bem criativo(a), para nós é muito importante o registro das histórias que você tem para contar!

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.



Razão e sensibilidade...

Nesta aula, e também em momentos anteriores, você viu que estudar mexe com muitos saberes, experiências que às vezes parecem desprovidas de importância. Afinal, que valor tem cadernos e livros velhos para o nosso aprendizado? E as histórias do povo de nosso lugar têm serventia na escola? Claro que sim! E esperamos sinceramente que as atividades propostas até aqui tenham convencido você da importância de nossas memórias, de nossas histórias na construção do conhecimento, no entendimento de nossa riqueza cultural. Afinal, o bom professor tem sempre presente a comunhão entre a razão (científica) e a sensibilidade (nas vivências com a aprendizagem, na valorização de si próprio e de sua comunidade).



Material complementar

Filme – **A vila**, produção americana, dirigida por M.N. Shyamalan em 2004. duração: 108 minutos.

O filme narra a história de um vilarejo da Pensilvânia, cercado de floresta por todos os lados. Na vila há um pacto de confinamento entre os moradores, que se dispõem a viver sem enfrentar os “seres terríveis da floresta”. Até que Lucius, um jovem que namora a filha do líder do lugar, resolve questionar esse isolamento do grupo.

Resumo

Nesta aula, estudamos a cultura numa perspectiva antropológica. Vimos que o conceito de cultura foi gradualmente construído, a partir do final do século XIX e ao longo do século XX. Observamos que, apesar de existirem vários conceitos, há um consenso quanto à imanência da cultura para o ser humano, ou seja, é a cultura que nos garante a superação do determinismo meramente biológico e/ou instintivo, é a possibilidade de elaboração cultural que nos distingue das demais espécies animais. Por fim, vimos que cada cultura tem postulados básicos e que a observância dos seus princípios garante a estabilidade social dos membros de um grupo.

Autoavaliação



Nesta aula, vimos que o ser humano é a única espécie animal a ter cultura, uma vez que as demais espécies sobrevivem apenas a partir de elementos instintivos. Tomando por base o argumento de Alfred Kroeber, apresentado no durante esta aula, escreva à sua maneira e com seus próprios exemplos, uma explicação para a diferença entre o ser humano e as demais espécies de mamíferos.

Referências

- AZCONA, J. **Antropologia I** – História. Trad. Lúcia Matilde E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BENEDICT, R. O desenvolvimento da cultura. In: **Homem, cultura e Sociedade**. Trad. G. Robert Coaracy e Joanna E. Coaracy. São Paulo: Fundo de Cultura (Portugal/Brasil), 1966.
- CASTRO, C. (Org.). **Franz Boas – Antropologia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HOEBEL, E. A. & FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. 9. ed. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 1999.
- LARAIA, R.B. **Cultura – um conceito antropológico**. 11.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.
- MAIR, L. **Introdução à Antropologia Social**. 6. ed. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- MARCONI, M. A. e PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia** – uma introdução. São Paulo: Atlas, 1985.
- MELLO, L. G. **Antropologia Cultural** – Iniciação, teoria e temas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ULLMANN, R. A. **Antropologia** – O homem e a cultura. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1991.

Os elementos estruturadores da cultura

Aula

6



Apresentação

Até aqui já aprendemos bastante sobre cultura. Vimos que a cultura constitui um paradigma explicativo do mundo e que para ela existem diversas concepções e conceitos. Estudamos também que o homem é o único ser do mundo animal que nasce totalmente desprotegido e se não lhe forem transmitidos os conhecimentos necessários para viver em sociedade ele não aprenderá sozinho. Diferentemente de todos os outros animais, o homem é o único animal capaz de inventar modos de vida, adaptar-se a qualquer situação ou ambiente, transformar o meio no qual está inserido ou até mesmo recriá-lo, em outras palavras, gerar cultura.

Prosseguindo, então, neste aprendizado acerca de cultura contemporânea, nesta aula vamos aprender que a cultura é constituída por um conjunto de conhecimentos, crenças, normas, valores e símbolos, elementos estruturais que demarcam as especificidades de cada grupo social. Veremos ainda que alguns fatores demarcam o caráter sistêmico da cultura. Assim, as definições acerca de traço cultural, complexo, padrão, área e subcultura também aparecem nesta aula, de modo que você possa compreender ainda mais os assuntos abordados até agora.

Esta aula traz muitas definições afins ao conceito de cultura, importantes para que você possa estabelecer similaridades e contrapontos, entender, enfim, a estrutura das manifestações culturais, tanto nesta como em aulas posteriores.

Para tanto,

- .. leia com atenção toda a aula;
- .. anote seus questionamentos;
- .. fique atento(a) as definições;
- .. faça todas as atividades propostas.

Reiteramos essa recomendação porque ela é básica para sua aprendizagem.

Bons estudos!

Objetivos

Ao final desta sexta aula, você deve ser capaz de:

1

identificar e explicar os elementos que estabelecem a estrutura da cultura;

2

definir os fatores que atestam o caráter sistêmico da cultura a partir da experiência cotidiana.

Estrutura da cultura

A cultura é formada por um conjunto de fatores que a organizam e lhe fornecem estrutura. Esses elementos são: conhecimentos, crenças, normas, valores e signos.

Conhecimentos

Toda e qualquer forma de sociedade possui um conjunto de conhecimentos, construído ao longo do processo de evolução histórica da humanidade e de cada grupo humano em particular. É através do conhecimento acumulado que se transmitem os ensinamentos necessários à sobrevivência de cada nova geração.

Existem os conhecimentos de ordem prática, que permitem edificar habitações, plantar, curar doenças, construir formas de transporte e comunicação, lidar com aparelhos eletroeletrônicos, enfim, tudo que é necessário à sobrevivência. E também existem os conhecimentos de ordem abstrata: formas de organização social e política, religiosa, familiar, os hábitos, os usos e costumes etc.

Em outras palavras, se acreditamos em Deus, se construímos um avião ou um computador ou apenas aprendemos a manipulá-los, é porque esse conhecimento nos foi culturalmente transmitido.

Crenças

De acordo com o Dicionário Aurélio, a crença é o “ato ou efeito de crer, aquilo que se crê” ou qualquer “objeto de convicção íntima”. Numa perspectiva antropológica, a crença consiste em qualquer forma de aceitação de verdade, cientificamente comprovada ou não. Seria uma espécie de atitude mental ou comportamental do homem.

O pressuposto para a existência da crença é a fé, seja na vida, na ciência, na magia, na religião, na política, na economia, no destino, no cosmo, no amor etc. Assim, podemos perceber que a crença pode estar voltada para algo comprovável, verificável, ou pode ser canalizada para algo totalmente abstrato, subjetivo. Podem ser baseadas desde em rituais de superstição ou nos argumentos da ciência. De acordo com Marconi e Presotto (1985, p. 47- 48) citando J. S. Kahn (1975), as crenças são de três tipos:

a) pessoais - as proposições aceitas por um indivíduo como certas, independente das crenças dos demais.

Exemplo - acreditar em lobisomem.

b) declaradas - as proposições em que uma pessoa aparenta aceitar como verdadeiras, em seu comportamento público, e que as menciona apenas para defender ou justificar suas ações perante os outros.

Exemplo - favorável à democracia, à igualdade dos sexos, ausência de preconceitos.

c) públicas - as proposições que os membros de um grupo concordam, aceitam e declaram como suas crenças comuns.

Exemplo - o mistério da encarnação para os cristãos; a reencarnação para os hindus e espíritas; a hierarquia militar nas forças armadas.

Normas

Por que as pessoas fazem o que delas se espera? As respostas podem variar. Alguns podem responder: fazem por costume, por hábito, porque assim aprenderam com seus pais ou até mesmo por opção, por consideram melhor. Mas, na verdade, elas fazem por determinação social, pois mesmo que tenhamos liberdade de ação e escolha, temos como **parâmetro** o que o nosso grupo oferece como alternativa ou possibilidades de escolha.

Em outras palavras, nós na qualidade de seres sociais agimos, fazemos, pensamos e sentimos **sancionados** pela sociedade. As normas, que nos condicionam, dizem respeito às regras que orientam e controlam o comportamento, a conduta, o modo de agir dos indivíduos como membros dos agrupamentos sociais.

Todas as culturas são constituídas a partir das normas, que apesar de resultarem de uma herança cultural, são, a cada geração, adequadas, aperfeiçoadas, moldadas às necessidades do grupo naquele momento. As normas determinam desde como devemos sepultar nossos mortos, ou criar nossos filhos até o que podemos vestir e quando vestir.



Parâmetro

Modelo, exemplo.

Sancionados

Aprovados, ratificados.

Valores

Valor é uma palavra “empregada para indicar objetos e situações consideradas boas, desejáveis, apropriadas, importantes”, é por assim um termo que revela “riqueza, prestígio, poder, crenças, instituições, objetos materiais” (MARCONI e PRESOTTO, 1985, p. 48). Os valores servem para orientar, estão relacionados ao significado cultural que os grupos e os indivíduos atribuem a determinados fatos, acontecimentos, objetos, comportamentos, idéias, ações e normas. Os valores são estabelecidos pela cultura, não é individualizado ou personalizado, e é comum ao grupo. Dessa maneira, é possível esperar uma reação específica diante de determinado estímulo.

Os valores traduzem gosto, expressam sentimentos e emoções, apreciações objetivas ou subjetivas. Assim, é mais fácil compreender porque os agrupamentos humanos dão importância diferenciada ao luto, a presentear recém-nascidos, a independência financeira, a curso de nível superior ou até mesmo a um animal, ou seja, cada grupo humano valoriza aspectos, objetos, ações ou fatos que fazem sentido e tem importância para o mesmo.

A sociedade estipula o que é bom e o que é ruim, o que é bonito e o que é feio, o que é certo e o que é errado. Assim, na vida em sociedade, as idéias, as opiniões, os fatos, os objetos não são avaliados isoladamente, mas dentro de um contexto social que lhes atribui um significado, um valor e uma qualidade.

Os valores sociais variam no espaço e no tempo, em função de cada época, cada geração, cada sociedade. Até pouco tempo atrás, por exemplo, o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos eram considerados tarefas exclusivamente femininas. Atualmente isso não acontece mais, pelos menos nas grandes cidades (OLIVEIRA, 1996, p. 45).

Símbolos

Desde a mais remota forma de organização social e desenvolvimento, o homem sempre procurou sistematizar, classificar, ordenar, conceituar o mundo a sua volta. Dessa forma as árvores, as pedras, os animais, as ações, os sentimentos, os gestos foram gradativamente tomados de sentidos, significados. Passaram a simbolizar passagens, etapas ou acontecimentos importantes.

Os símbolos são criados pelos homens, podemos dizer que são historicamente constituídos, compõem o patrimônio cultural de uma sociedade e são transmitidos de geração a geração. Por exemplo, pedaços de tecido verde, amarelo, azul e branco, separados podem não significar nada, mas se reunidos a partir de determinado diagrama podem formar uma bandeira, assim passam a ser um símbolo, imbuído de sentido e significado.

Mas os símbolos não são imutáveis, podem perder o valor e o sentido. A estátua de Vladimir I. Lênin, erguida em pleno auge do socialismo no Leste europeu, representava o reconhecimento do papel exercido pelo mesmo na implantação daquele sistema em uma época considerado o ideal para todos. Ao ser derrubada, anunciava ao mundo a ruptura do

Leste europeu com o modelo político econômico vigente e o ingresso em uma “nova” ordem, o capitalismo.

O símbolo é algo cujo valor ou significado é atribuído pelas pessoas que o utilizam. Qualquer coisa pode se tornar um símbolo. O homem atribui significado a um objeto, uma cor, um hino, um gesto, etc, eles então se tornam símbolos de riqueza, de prestígio, de posição social elevada.

Entre nós, a cor que simboliza o luto é o preto. Entre os povos orientais é o branco. Os símbolos são convenções, cada sociedade ou grupo social pode utilizar-se de formas diferentes para exprimir o mesmo significado (OLIVEIRA, p. 45-46).



Atividade 1

Repórter por um dia...

Você vai trabalhar agora sua capacidade de estabelecer contatos, de promover boas conversas. Afinal de contas, um bom professor de Geografia deve conhecer bem o meio em que vive e deve ser capaz de compreender sua comunidade. Propomos então que você faça uma entrevista que permita uma compreensão dos elementos da cultura estudados nesta aula. Para facilitar o bate papo, vamos estabelecer um tema: o assunto da entrevista é a telefonia móvel, a utilização do telefone celular. Afinal, quem não tem um celular hoje em dia, não é mesmo?



Figura 1 – Telefone celular: uma das grandes novidades do final do século XX.

Vamos ao trabalho?

- Comece identificando seu entrevistado: nome, idade, escolaridade, profissão etc.
- Depois, prossiga conversando e perguntando, fazendo uma pergunta de cada vez.

O telefone celular é uma novidade muito recente, e para saber usá-lo foi necessária a aquisição de uma série de novos **conhecimentos**. Você lembra quando adquiriu o primeiro celular? Foi difícil aprender a utilizá-lo? Quem passou as primeiras informações para o uso? O(a) vendedor(a), o manual de instruções, um amigo... Existe alguma coisa acerca do uso do celular que você ainda precisa aprender? Você usa normalmente todas as funções de seu aparelho?

[illegible]

2

Você acredita que estão por vir outras novidades em torno da telefonia móvel? Em que você baseia essa **crença**, onde ouviu falar desse assunto? E quanto às **crenças** mais abstratas, subjetivas, você já ouviu falar, por exemplo, que conduzir o celular por muito tempo junto ao corpo pode gerar um câncer? Você acredita nessa possibilidade? Fale de outra história semelhante a essa, caso conheça alguma.

3

Você acha certo que as pessoas atendam ao telefone celular enquanto dirigem automóveis? Qual seu argumento para aprovar ou contestar esta **norma** do nosso Código Nacional de Trânsito? E na escola, qual sua idéia para disciplinar o uso desse objeto? Conhece alguma coisa de etiqueta urbana que trate do uso do telefone celular? Qual(is)?

Existem muitos modelos, tamanhos e marcas de celulares nas lojas hoje em dia. Que preço você está disposto a pagar por um celular atualmente? Você acha que são justos os **valores** cobrados por esse produto ou acredita que muitos deles são mais caros do que deveriam? Que critérios você acha que as empresas consideram quando estabelecem os **valores** dos seus produtos? Matéria-prima, tempo gasto no projeto tecnológico, investimento em marketing e propaganda... de um ponto de vista mais subjetivo, qual o **valor** de um telefone celular no seu cotidiano?



Ícone

Na Linguagem contemporânea das ciências da informação e comunicação, tal expressão designa as imagens indicativas de uma situação ou serviço, presentes em várias situações do cotidiano. Geralmente o ícone não necessita se fazer acompanhar de um texto verbal e é compreendido pela sociedade mediante o uso exaustivo e recorrente, que passa a ser uma convenção. Exemplo: A imagem em silhueta de uma mulher à porta de um banheiro, indicando “sanitário feminino” e silhueta masculina indicando o masculino; a imagem de um cigarro riscado ao meio para designar que uma determinada área é proibida para fumantes, etc..

Segundo momento

Este segundo momento da atividade é bem relaxante, vai fazer você relembrar os tempos de infância: acabada a entrevista, você deve procurar **símbolos** culturalmente já repertoriados, relacionados à questão da telefonia celular. Pegue revistas velhas, jornais, encartes publicitários, enfim, tudo que você possa recortar para colar no espaço abaixo, e que sejam imagens que indiquem:

- **ícone** demarcando a proibição do uso do telefone celular
- **logomarcas** de empresas operadoras de telefonia móvel.
Ex: TIM, CLARO, Oi...
- ilustrações acerca do uso do celular no mundo contemporâneo e suas **simbologias**. Exemplo: os modelos cor-de-rosa para sugerir feminilidade as mulheres usuárias; utilização de adesivos e pequenos enfeites que configuram um usuário adolescente ou pré-adolescente; um modelo mais caro nas mãos de um usuário bem vestido como símbolo de distinção social etc.

Só para arrematar...

Nesta atividade, você percebeu que o celular é um artefato cultural, como aliás todas as coisas materiais produzidas pelo ser humano. Escolhemos este objeto para refletirmos acerca de cultura considerando sua popularização entre todas as camadas sociais, para facilitar o aprendizado dos elementos culturais trabalhados nesta aula.

Logomarca

Símbolo imagético de uma empresa, produto ou serviço. A logomarca reúne elementos verbais (palavra e frases curtas) e não verbais (cores, formas, estilo de letras) e pretende assegurar uma identificação rápida e eficiente de seu objeto por parte do público usuário (consumidor). À guisa de exemplo, podemos citar a logomarca do refrigerante coca-cola, universalmente conhecida e muito citada pelos teóricos como símbolo de um mundo contemporâneo globalizado.

A cultura como sistema

A cultura é um conjunto complexo, um sistema composto por uma infinidade de elementos relacionados entre si. Para efeito de estudo podem ser apresentados da seguinte forma: traço, complexo, padrão, área e subcultura.

Traço cultural (também chamado Elemento Cultural)

É a menor parte da cultura, a mais simples. Pode ser expresso de forma material (objetos: mesa, colar, carro, livro, quadro etc) e imaterial (comportamentos, habilidades, atitudes e ações: abraço, oração, aperto de mão, música etc).

O traço tem valor próprio para cada cultura, por exemplo, um cocar, um beijo, um relicário, um telefone celular são objetos que assumem importância diferenciada para cada grupo. Uma música é um elemento identificador de uma cultura, pois traz características, como ritmo, letra, melodia ou instrumentos que são específicas de uma sociedade, torna-se, portanto, representativa da mesma.

O traço cultural é a unidade identificadora que constitui uma cultura. É importante ressaltar que o traço cultural é específico de cada cultura, por isso que é identificador, pois tem significado variado de um grupo para outro.

Complexo cultural

É o conjunto, a reunião dos traços culturais, já que estes estão sempre combinados para formar o todo, com caráter funcional. Como afirma Marconi e Presotto (1985), o complexo cultural é um “sistema interligado, interdependente e harmônico, organizado em torno de um foco de interesse central”. Os traços devem estar inter-relacionados em torno de uma atividade qualquer, por exemplo, a festa de São João é um complexo cultural pois resulta da reunião de uma infinidade de traços culturais: comidas, fé, música, instrumentos musicais (sanfona, triângulo e zabumba), vestuário e danças.



Figura 2 - O São João é uma manifestação cultural rica e complexa do nordeste brasileiro.

Padrão cultural

É a forma que assume os complexos culturais. Refere-se aos padrões de conduta e comportamento estabelecidos pela sociedade, são representados pelos costumes, usos, pela moral, pela lei, e precisam ser obedecidos. Além de seguidos e respeitados, os padrões culturais devem ser defendidos e preservados. Caldas (1986, p. 15) diz que os padrões culturais são

normas, regras, leis, convenções, condutas e um conjunto de valores que o indivíduo deverá respeitar e obedecer para manter o equilíbrio e o funcionamento normal da sociedade. (...) São formas relativamente homogêneas e socialmente aceitas de pensamentos, sentimentos e ações, assim como objetos materiais que lhes são correlatos.

Existe padrão de comportamento para homem, mulher, criança etc, por exemplo os pais são responsáveis por ensinar aos filhos, de acordo com o sexo, o comportamento adequado, desde as brincadeiras aos brinquedos permitidos.

Área cultural

Refere-se ao lugar, territórios geográficos, no qual se encontram traços e complexos culturais comuns, similares. Numa área cultural predomina complexo cultural específico, o que faz com que nestas áreas os indivíduos demonstrem semelhanças, desde o gosto alimentar ou musical às idéias, valores e crenças.

Subcultura

Em nenhum momento sinônimo de inferioridade, mas sim de divisão, variação. Refere-se às partes que formam uma cultura total ou nacional - que seria portanto um conjunto formado a partir das subculturas. Geralmente uma subcultura identifica-se com uma área cultural, por exemplo, o regionalismo é uma das formas assumidas pela subcultura. Nesse sentido também faz parte do contexto da subcultura aspectos geográficos, históricos, políticos, religiosos. Para Ferrari (1983, p. 137) a subcultura pode se expressar em “macrossubcultura” que estaria relacionada às culturas regionais, exemplo: nordestinos, gaúchos, sulinos, mineiros; e “microssubcultura” que estaria relacionada a grupos com culturas desviantes ou classes ou etnias, com grau maior de intimidade e dependência, exemplo: bairros de chineses, árabes, ciganos, favelas etc.

Uma idéia na cabeça e uma câmera na mão...



Atividade 2



Desafio

Que tal aprender essas definições relacionadas à cultura fazendo um passeio pela feira de sua cidade? Imagine! Vai ser um passeio bem diferente, não?

O objetivo dessa ida a feira é coletar exemplos de situações relacionadas ao que explicamos acerca de cultura enquanto sistema.

Então vamos lá? Fotografe, por exemplo, baleeiras, carrinhos de madeira, painéis de barro, doces típicos, roupas... são os exemplos de **traços culturais**. Enquadre em outras fotos os bancos da feira, incluindo seus vendedores, mostrando o conjunto da situação, as circunstâncias que configuram o **complexo cultural**.

Prosseguindo...

As pessoas costumam levar os filhos para aprender a comercializar na feira? Usam que tipo de balança para aferir os pesos? Fotos desses detalhes podem servir para explicar os **padrões culturais**. Na feira de seu lugar tem alguma coisa que a torna diferente de outras feiras? Registre. É uma forma de demarcar a **área cultural** em que a mesma está inserida. E de que maneira as feiras de nossos municípios são representativas de nossa nordestinidade, ou seja, de nossa condição de **subcultura** brasileira? É possível mostrar isso também através da fotografia.

Contemplando a obra...

Sabia que você pode organizar uma exposição com as fotografias feitas e mostrá-las aos colegas e tutores em nosso espaço virtual? Então não esqueça de por legenda nas fotos. A legenda é aquele texto explicativo que vem logo abaixo da foto, que é para todas as pessoas entenderem o sentido das imagens que você fez. Na legenda de fotos deve vir o nome do autor e a data em que foi feito o trabalho.

Como você pôde constatar, o professor de Geografia não deve privilegiar apenas o texto verbal para entender conceitos acadêmicos. As imagens também são reveladoras, carregadas de informações. Ser professor é, acima de tudo, atribuir **sentido** ao mundo que nos cerca, é estar sempre predisposto a aprender sobre as pessoas e as coisas, estabelecendo conexões entre todas as linguagens.

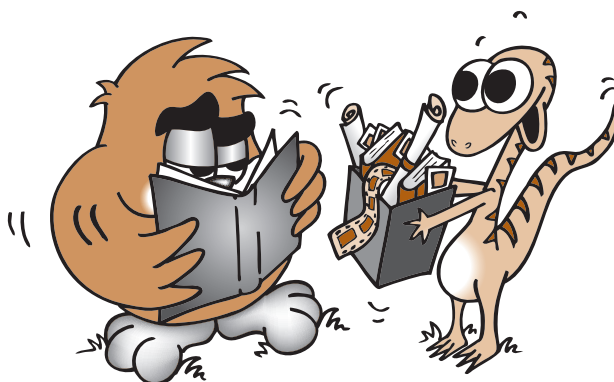
Material complementar

Livro - **Tenda dos Milagres**, escrito por Jorge Amado, a 43ª edição foi publicada no Rio de Janeiro, pela editora Record, em 2001.

Publicado pela primeira vez em 1969, o livro conta a história de Pedro Archanjo, um intelectual negro que luta pela preservação da cultura afro-baiana, principalmente dos grupos marginalizados que praticam o candomblé.

Filme - **O auto da compadecida** – Dirigido por Guel Arraes, a partir de uma minissérie da Rede Globo.

Trata-se de uma adaptação do romance homônimo de Ariano Suassuna. A história se passa no município paraibano de Taperoá e narra as aventuras de Chicó e João Grilo às voltas com estratégias para garantir a sobrevivência. As peripécias vão levá-los ao confronto com um coronel e um cangaceiro e os acontecimentos vão resultar na morte de todos. No céu, os personagens se deparam com Deus, o diabo e a Virgem Maria. A trama é bastante válida neste momento pela riqueza de elementos culturais que permitem visualizar a condição sistêmica inerente à cultura.



Resumo

Nesta aula, vimos que a cultura pode ser compreendida mediante seus elementos estruturadores, a saber, o conhecimento, as crenças, as normas, os valores e os símbolos. Vimos ainda que a cultura é um sistema que comporta pontos importantes a sua configuração na sociedade. Exemplos dos elementos desse sistema são os traços, os complexos e os padrões culturais, a área cultural e a subcultura.

Autoavaliação



Para que você possa verificar sua aprendizagem, escolha quatro definições trabalhadas nesta aula e explique, fazendo uso de exemplos, como foi compreendida cada uma delas.

Lembrete - Apesar de explicar apenas quatro, neste momento de auto-avaliação, é importante que você tenha aprendido todas as definições trabalhadas durante a aula. Portanto, se ficou alguma dúvida não fique com ela guardada: procure esclarecimentos junto aos tutores, durante os momentos de interação.

Sucesso sempre!

Referências

CALDAS, W. **O que todo cidadão precisa saber sobre CULTURA**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

FERRARI, A. T. **Fundamentos da Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

HOEBEL, E. A. e FROST, E. **Antropologia cultural e social**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MARCONI, M. de A. e PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia** – Uma introdução. São Paulo: Atlas, 1985.

MELLO, L. G. **Antropologia Cultural** – Iniciação, teoria e temas. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1991.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à Sociologia**. 16ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

ULLMANN, R. A. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.

Classificação e especificidades da cultura

Aula

7



Apresentação



Nesta aula, vamos aprender que a cultura é passível de considerações **taxionômicas**. Dessa forma, veremos que a cultura pode ser classificada como uma manifestação objetiva ou subjetiva. Numa outra possibilidade classificatória, veremos que a cultura pode ser uma produção material ou não-material, real ou ideal. Veremos por fim as especificidades da cultura, para que possamos reconhecê-la no cotidiano das relações humanas.

Taxionomia

(substantivo feminino)
ciência da classificação;
sistematização (FERREIRA,
1986, p. 1654). Sendo
assim, “considerações
taxionômicas” quer dizer
considerações relativas à
classificação da cultura.

- Fique atento(a) às diversas possibilidades de classificação da cultura.
- Veja a relação entre os conceitos e os exemplos dados e procure citar seus próprios exemplos.
- Utilize-os nas conversas via Chat e nas trocas de e-mails com tutores, professores formadores e colegas de curso.

Afinal de contas, estudar cultura é uma forma de compreender melhor nossa vida e o lugar onde vivemos.

Aproveite para aprender sempre mais!

Objetivos



1

Identificar as possibilidades taxionômicas da cultura, a partir de elementos conceituais e exemplificações pertinentes.

2

Estabelecer a distinção entre cultura objetiva e subjetiva; material e não-material; real e ideal.

3

Compreender as especificidades da cultura no âmbito das relações sociais humanas.



Para entender a cultura: uma abordagem taxionômica



A cultura, em sua totalidade, é composta por aspectos materiais e não-materiais, reais e ideais. Para alguns estudiosos haveria ainda mais uma classificação: ser a **cultura subjetiva e objetiva**. Para esses cientistas, o caráter de subjetividade ou objetividade da cultura, na verdade estaria relacionado ao processo de interiorização (assimilação) e exteriorização (manifestação), ou melhor, a forma como os indivíduos aprenderiam e expressariam a sua cultura.

Diz-se subjetiva a cultura quando nos referimos ao conjunto de valores, conhecimentos, crenças, aptidões, qualidades, numa palavra, de experiências presentes em cada indivíduo. Quando, todavia, falamos de cultura objetiva, estamos nos referindo a todo conjunto definido por Tylor como cultura, quando exteriorizado. Isto é, hábitos, aptidões, idéias, comportamentos, artefatos, objetos de arte, em suma, todo o conjunto da obra humana de todos os tempos e de toda a face da terra.

Como sabemos, a cultura subjetiva é que fornece padrões individuais de comportamento. Isto, em princípio. Acontece que, na prática, o comportamento humano vai ser resultado da relação entre cultura subjetiva (aquela porção interiorizada pelos indivíduos) e a cultura objetiva que cria as situações particulares. (MELLO, 1991, p. 44)

Vejamos, então, como os produtos e o padrão cultural podem ser representados:

Cultura material

Diz respeito a toda criação humana que resulta em produtos concretos, palpáveis, materiais, os chamados bens **tangíveis**. Esses produtos materiais são elaborados a partir do domínio de técnicas e tecnologias, considerando o poder aquisitivo e o acesso à matéria-prima por parte da comunidade.

Cultura subjetiva e objetiva

Esses dois tipos de cultura referem-se, respectivamente: ao sujeito, a uma pessoa em particular e ao objeto, àquilo que é exterior ao indivíduo.

Tangíveis

Tangíveis - (adjetivo)
Relativo a coisas materiais que podem ser tocadas e/ou apalpadas (FERREIRA, 1986, p. 1647).

As técnicas são o domínio do fazer e do saber fazer: construir, edificar. A tecnologia refere-se aos objetos (máquinas e ferramentas) que possibilitam a construção, a edificação.

Exemplos de bens materiais emblemáticos de nossa cultura:

Utensílio - Tamborete: tipo de assento para uma única pessoa, sem braços e sem encosto, muito popular nas residências nordestinas, devido a sua simplicidade e despojamento. Geralmente fabricado de forma artesanal por marceneiros, não há no objeto uma sofisticação **ergonômica** que possa encarecer o produto, feito em nossa região a partir de madeiras nativas, como a umburana, por exemplo.



Foto: Cristiane Nepomuceno



Ergonômica

Ergonomia – (substantivo) Projeto; Estudo planejado em torno de um produto, visando sua utilização eficaz por parte do homem.

Vestuário - Traje do vaqueiro nordestino, usado para facilitar o deslocamento em região de caatinga, tendo em vista a resistência do tecido ao roçar dos espinhos e gravetos das plantas nativas.



Fotos: Cristiane Nepomuceno

Alimentação - Goma de mandioca: massa rica em carboidratos, é muito consumida no preparo de alimentos como: bolos, beijus, sorvetes e a tradicional tapioca, presente à mesa do nordestino, principalmente no café da manhã e ceia noturna. Come-se a tapioca pura ou acompanhada de manteiga, coco ralado, carne de charque etc.



Foto: Cristiane Nepomuceno

Houve época em que a tapioca foi mais presente em nossas refeições do que, por exemplo, o pãozinho francês, imprescindível nas refeições matinais em outras regiões, aqui mesmo no Brasil: é que o preço é proporcionalmente menor, porque a goma de mandioca resulta de nossa agricultura de subsistência.



Cultura não-material

Diz respeito a toda criação humana que resulta em produtos intangíveis, ou seja, abstratos, não palpáveis. A cultura não-material só pode ser percebida se for manifesta, expressa, revelada. Para Hoebel (1999, p. 217), “consiste no comportamento em si, tanto manifesto (atividade motora) quanto não manifesto (que se passa no íntimo das pessoas)”.

O produto da cultura não-material, apesar de não existir concretamente, é compartilhado por todos os membros constitutivos de um grupo social ou de uma sociedade. São possibilidades de manifestação da cultura não-material: comportamentos, normas, costumes, religiosidade, gestos, posturas, sentimentos, crenças, gostos, conhecimentos, hábitos, regras morais, ideologias, artes, valores, etc.

Assim, temos como exemplos intangíveis de cultura: a crença em determinado Deus, em fantasmas, simpatias, espíritos da floresta; ojeriza ou acolhimento à pena de morte, a poligamia, ao hábito de comer com as mãos, com talheres ou com varetas; repugnância ou aceitação plena a certos tipos de alimento, a determinado tipo de música; incentivo ou intolerância ao preconceito racial etc.

Cultura real

Diz respeito à forma como os indivíduos pensam e põem em prática as suas atividades cotidianas, o que eles concretamente fazem. “A cultura real é o que todos os membros de uma sociedade fazem ou pensam em todas as suas atividades na sua rotina total, excetuando-se o comportamento verdadeiramente **idiossincrático**” (HOEBEL e FROST, p. 27). A cultura real resulta do aprendizado da regra, da norma social e da técnica, posta em ação, praticada.



Idiossincrático

Idiossincrático (adjetivo)
– Particular, próprio de alguém ou de alguma coisa.

O real é representado pelos indivíduos a partir do que conhecem, entretanto a realidade não pode ser percebida em sua inteireza, apenas pode revelar, o mais próximo possível, o que é o real.

Exemplo: os indivíduos aprendem, em conceito (cultura ideal), o modelo desejado de casamento, porém nem sempre esse modelo é convergente com o que de fato acontece, ou seja, as pessoas adotam modos diferentes de consolidar suas relações afetivas, e essas maneiras nem sempre correspondem ao modelo instituído (cultura real).

Cultura ideal

Diz respeito ao conjunto de comportamentos que os indivíduos, em tese, deveriam ter. É reguladora (normativa), consiste em normas, regras que estabelecem os comportamentos, considerados ideais para o grupo ou a sociedade. São modelos tidos como perfeitos, adequados, bons, mas que geralmente estão fora do alcance, pois invariavelmente encontram-se longe de serem realizáveis por todo mundo, do mesmo jeito.

A cultura ideal teria por objetivo manter a sociedade mais coesa, e, desse modo, promover o bem estar dos seus membros.

Exemplo: cada sociedade estabelece seu modelo (ideal) de casamento, família, governante, educação etc. Mas é sempre possível verificar a subversão aos modelos instituídos na vivência dessas situações.



Atividade 1

No mundo contemporâneo, a cultura material e não-material é muito diversificada. Muitos artefatos não têm um vínculo técnico e tecnológico demarcado em uma região particular. É o caso, por exemplo, da geladeira, da calça jeans, do leite em pó, da caneta esferográfica, da música pop, dos programas de computador.

Especificidades da cultura

A cultura é social

Porque é compartilhada por todos. É fruto da produção coletiva, resultado da criação e do acúmulo das experiências vividas pelo homem ao longo do seu processo de desenvolvimento. A cultura aprendida é transmitida de geração a geração, permite que os indivíduos interajam entre si, assim como serve para possibilitar ao homem um lugar na sociedade, desde que o modo de vida do grupo seja assimilado. Ninguém aprende a falar para falar para si, ou escrever um livro para si, sempre faz considerando a existência e aceitação de seus gestos por parte das outras pessoas.

A cultura é simbólica

O símbolo é “algo cujo valor ou significado é atribuído pelas pessoas que o utilizam” (OLIVEIRA, 1996, p. 202). Podemos dizer que é através dos símbolos que o homem pode dar sentido ao mundo que lhe rodeia. É essa característica da cultura que torna possível a sua transmissão.

Se numa sociedade simples uma serpente ou planta possui um significado especial, muitas vezes mítico; numa sociedade complexa, moderna podem ser apenas seres representativos da fauna e da flora, não mais que isso, sem sentido ou significado especial. Do mesmo modo, para uma sociedade simples, um aparelho celular, um computador de última geração, uma aliança de diamantes ou até mesmo Bill Gates ou as notícias de ataques terroristas, não tem nenhum significado, não representam absolutamente nada.

A cultura é dinâmica e estável

A cultura é mutável, adapta-se ao novo. Transforma-se, tanto porque os indivíduos, interagindo, promovem as mudanças, quanto porque a sociedade evolui, progride, avança. E esse dinamismo é necessário à existência do homem e a vitalidade da sociedade. Essa dinâmica é contínua, “em virtude [da cultura] estar constantemente se modificando, face aos contatos com outros grupos ou com suas próprias descobertas e invenções” (MARCONI e PRESOTTO, 1985: p. 59). Essa dinâmica possibilita a ampliação do acervo cultural a cada nova geração, fazendo a cultura sempre variar no tempo e no espaço.

É interessante esclarecer que esse movimento pode sofrer variações: em algumas épocas, é muito acelerado e em outras, muito lento, às vezes pode fazer retrocessos ou até mesmo parar. As mudanças são necessárias, como diz Ullmann (1991), porque existem

novas situações históricas, que devem ser enfrentadas; convulsões sociais, exigindo, após seu término, novas respostas e soluções. Além disso, o contato entre sociedades distintas contribui para as inovações, promovidas também por substituição, acúmulo ou reunião de elementos diferentes. A cultura que não se adapta ao novo morre.

No entanto, **paradoxalmente**, a cultura precisa apresentar um forte caráter de estabilidade. A cultura é estável no que se refere à existência das instituições (família, educação, casamento, religião, governo, etc), dos padrões e das tradições.



Paradoxalmente

Paradoxalmente (advérbio)
– sugere a idéia do contrário; contradição, ainda que aparente. (FERREIRA, 1986, p. 1265).

A cultura é seletiva

Como vimos no item anterior, a cultura é dinâmica, isso significa que neste processo de transformação a cultura promove uma reformulação em todo o seu conjunto complexo (material e imaterial). Em decorrência disso, termina por selecionar, escolher o que permanece e o que é relegado ou esquecido, ou cairá em desuso. Este processo de substituição, mudança ou esquecimento, no âmbito da cultura imaterial se dá de forma muito lenta e mediante forte resistência do grupo; no caso dos elementos da cultura material o processo se dá de forma rápida e facilmente aceitável.

Convenhamos, é muito mais fácil trocar de celular ou de televisor, adotar uma nova técnica de trabalho, ou aderir a uma moda de vestuário do que trocar de religião ou aceitar a união de casais homossexuais.

A cultura é determinante e determinada

Este é o grande paradoxo da cultura: ser determinante – estabelecer papéis, comportamentos, regras, modo de vida - e ser determinada – ser os papéis, comportamentos, regras, modos de vida criados, elaborados pelo homem. O caráter determinante da cultura lhe torna impositiva, chegando inclusive, de acordo com alguns estudiosos, a despersonalizar os indivíduos à medida que determina o comportamento esperado e desejado pela sociedade. Os indivíduos aceitam, cumprem e conformam-se ao padrão cultural estabelecido, já que esta é a prerrogativa indispensável à vida em sociedade. Desse modo, é que se promove a regularidade do comportamento e a estabilidade dos papéis, criando expectativas seguras para a sociedade e os seus membros.

Mas não podemos esquecer de que tudo isso resulta da produção humana (coletiva). As expectativas, os papéis, o comportamento, o padrão, tudo criado em resposta à transformação da natureza na busca pela satisfação das necessidades (fisiológicas e psicológicas) mínimas do homem.



Atividade 2



A **telenovela** é uma manifestação cultural muito apreciada no Brasil. Em pleno século XXI, os estudiosos das ciências sociais reconhecem seu valor como referência de entretenimento para grande parte da população.

Pensando nisso, os autores contemporâneos de telenovelas aproveitam as tramas e enredos criados para incentivar o debate em torno de questões socialmente relevantes: foi o caso da reflexão em torno do preconceito contra portadores de síndrome de down, propiciada pela novela “Páginas da vida”, de Manoel Carlos, exibida em 2006. Outras questões foram abordadas nessa mesma novela e em outras também, a exemplo do preconceito racial, o preconceito homossexual etc. Esses trabalhos de ficção, tão conhecidos entre nós, servem para compreendermos as especificidades da cultura, de que tratamos nesta aula.

Telenovela

As reflexões acerca da telenovela enquanto manifestação cultural se desenvolvem, por exemplo, na ECA - Escola de Comunicações e Artes da USP, Universidade de São Paulo. Em 1992, foi criado o NPTN, Núcleo de Pesquisas em Telenovelas. Para um maior conhecimento acerca dos trabalhos desenvolvidos nesse Núcleo, consulte o site www.eca.usp.br/nptn.

Desafio



Descreva, então, uma trama de telenovela que tenha chamado sua atenção e que sirva para explicar as especificidades da cultura. Não esqueça de mencionar o título da novela, o autor, o ano de exibição, ou seja, os elementos que sirvam para identificação da trama de que você está falando. Tal identificação você consegue mediante consultas à Internet. E lembre-se: o ponto teórico que serve para sua argumentação, considerando o exemplo da telenovela, deve ser um dentre os seguintes: a cultura é social; a cultura é simbólica; a cultura é seletiva; a cultura é dinâmica e estável; a cultura é determinante e determinada.

Lição da hora...

Esta aula nos permitiu perceber que para entender a cultura devemos nos despir de preconceitos. Uma simples ida à feira, o acompanhamento de uma telenovela, enfim, a observação do dia a dia, podem ser momentos oportunos para descobrirmos coisas interessantes. Para nós, é importante reiterar que os saberes científicos devem servir para melhorar a vida das pessoas. Ou seja, impossível estudar e compreender a cultura desprezando nossos saberes cotidianos, nossa bagagem de conhecimentos extra-escolares. Como diz o ditado popular, vivendo e aprendendo!

Material complementar

Filme – **Como água para chocolate** – Produção mexicana de 1993, dirigida por Alfonso Arau, com duração aproximada de 115 min.

O filme é baseado no romance homônimo de Laura Esquivel e a história se passa no início do século XX, na zona rural do México. Trata-se do amor proibido entre Pedro e Tita, uma vez que o destino da moça está traçado: cuidar da mãe viúva e nunca casar. O filme é uma excelente possibilidade de aprender mais acerca das nuances culturais de um povo, e de uma época e, a partir disso, consolidar o aprendizado acerca dos elementos taxionômicos e as especificidades da cultura.

Resumo

Nesta aula, vimos que a cultura, apesar de particular para cada sociedade humana, é passível de uma classificação elementar, comum a várias situações. A cultura tem um aspecto pluralista, sendo objetiva e subjetiva, real e ideal, material e imaterial, por exemplo. Vimos ainda que a cultura tem especificidades curiosas, muitas vezes até paradoxais, como o fato de ser dinâmica e ao mesmo tempo estável, determinante e também determinada. Dessa forma, aprofundamos o conhecimento acerca de cultura, esse fenômeno complexo e tão peculiar à raça humana.

Autoavaliação



Tomando por base as informações taxionômicas acerca de cultura, estabeleça diferenças entre questões como: cultura material e não material; real e ideal; objetiva e subjetiva.

2

Escolha uma das especificidades da cultura para explicá-la. O item selecionado para elaboração conceitual deve ser diferente do utilizado na atividade 2, quando você usou o exemplo da telenovela para desenvolver suas idéias.

Referências

CALDAS, W. **O que todo cidadão precisa saber sobre cultura**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

FERRARI, A. T. **Fundamentos da Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOEBEL, E. A. e FROST, E. **Antropologia cultural e social**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MARCONI, M. de A. e PRESOTTO, Z. **Antropologia – Uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1985.

MELLO, L. G. de. **Antropologia Cultural – Iniciação, teoria e temas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à Sociologia**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ULLMANN, R. A. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.

Processos culturais: endoculturação e aculturação

Aula

8



Apresentação

Nesta aula, vamos estudar conceitos relativos aquilo que os antropólogos designam como processos culturais, considerando o pressuposto de que todos os nossos gestos, valores e atitudes em busca da sobrevivência são aprendidos na sociedade que nos acolhe. Vamos focar nesta aula a endoculturação e a aculturação para que possamos entender com clareza o processo de construção de nosso *modus vivendi*.

Esta aula é imprescindível para que você compreenda o mecanismo de articulação da cultura em todas as sociedades humanas. Afinal, a cultura é **imane**nte à nossa condição humana, ou seja, é o traço que nos distingue dos demais animais.

Vamos, então, a mais um valioso momento de aprendizado?

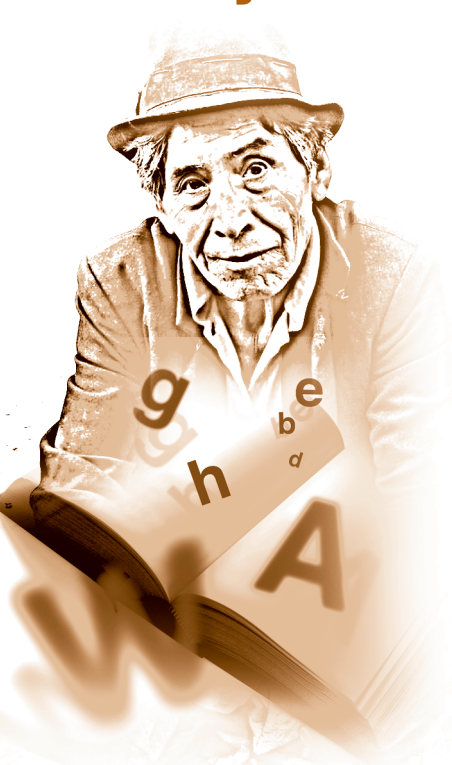
Bons estudos!



Imanente

Imanente – adjetivo.
Inseparável; inerente.

Objetivos



Ao final desta oitava aula, você deve ser capaz de:

- 1** compreender os conceitos de endoculturação, aculturação e sincretismo enquanto demarcadores de importantes processos culturais;
- 2** estabelecer relações entre os conceitos aqui estudados e situações vivenciadas no cotidiano.

Compreendendo endoculturação

Vamos abordar o assunto de hoje a partir de uma história curiosa, que aconteceu há quase cem anos. Leia essa história com bastante atenção:

Na Índia, onde os casos de meninos-lobo foram relativamente numerosos, descobriram-se, em 1920, duas crianças, Amala e Kamala, vivendo no meio de uma família de lobos. A primeira tinha um ano e meio e veio a morrer um ano mais tarde. Kamala, de oito anos de idade, viveu até 1929. Não tinha nada de humano e seu comportamento era exatamente semelhante aquele de seus irmãos lobos.

Elas caminhavam em quatro patas, apoiando-se sobre os joelhos e cotovelos para os pequenos trajetos e sobre as mãos e pés para os trajetos longos e rápidos.

Eram incapazes de permanecer de pé. Só se alimentavam de carne crua ou podre, comiam, bebiam como os animais, lançando a cabeça para a frente e lambendo os líquidos. Na instituição onde foram recolhidas, passavam o dia acabrunhadas e prostradas numa sombra; eram ativas e ruidosas durante a noite, procurando fugir e uivando como lobos. Nunca choraram ou riram.

Kamala viveu durante oito anos na instituição que a acolheu, humanizando-se lentamente. Ela necessitou de seis anos para aprender a andar e pouco antes de morrer só tinha um vocabulário de 50 palavras. Atitudes afetivas foram aparecendo aos poucos.

Ela chorou pela primeira vez por ocasião da morte de Amala e se apegou lentamente as pessoas que cuidaram dela e as outras crianças com as quais conviveu.

A sua inteligência permitiu-lhe comunicar-se com outros por gestos, inicialmente, e depois por palavras de um vocabulário rudimentar, aprendendo a executar ordens simples. (REYMOND apud ARANHA e MARTINS, 1992, p. 02).



Então, o que você achou desse relato? Não chega a parecer duvidoso? Pois é a mais pura verdade. Como já aprendemos em nossas aulas anteriores, o homem pouco possui de **inato**, todas as nossas características são adquiridas no meio em que vivemos: modo de andar, rir, falar, chorar, comer, nossas emoções, comportamentos e crenças, enfim, muito do que se tomava por natural é na verdade fruto de um processo de interiorização de um padrão cultural.

Sem a cultura possuímos apenas a nossa primeira natureza: a **natureza biológica** – somos “homem”, considerando a classificação das espécies animais, ou seja...

Inato

Inato - Relativo à natureza, algo que é natural, que não está perpassado pelo aprendizado, pela cultura. Quando afirmamos que o homem pouco possui de inato queremos salientar que tudo no ser humano resulta de uma aquisição sócio-cultural e histórica.

Gênero – Homo

Espécie – Sapiens



Homem

Uma curiosidade: Na Língua Portuguesa, o substantivo **homem** serve tanto para designar a espécie (exemplo: o homem é um ser cultural) quanto o gênero (exemplo: o homem contemporâneo precisa reavaliar seu papel na família, tendo em vista a conquista do espaço público por parte da mulher). Mas não é assim em todas as línguas. No latim clássico, por exemplo, a palavra “**homo**” designa o homem enquanto espécie e a palavra “**vir**” indica o homem enquanto gênero, antônimo do substantivo mulher. As palavras “viril” e “virilidade”, adotadas em nosso idioma, tem essa raiz no latim clássico e note que são sempre utilizadas quando da menção a um contexto masculino. Como você vem percebendo, ao longo das aulas, em nossa disciplina é mais recorrente o uso da palavra homem para se referir à espécie humana, de modo geral, independente do gênero.

Por outro lado, podemos afirmar que a **natureza humana** resulta do aprendizado cultural e por conseguinte é a responsável pela diversidade humana. Biologicamente somos todos iguais, com as devidas diferenças fenotípicas, ou seja, no tipo físico. Em síntese, nós nascemos **homem** e o que nos torna **humanos** é a cultura.

O que confere unidade ao homem “(...) é a sua aptidão à variação cultural”. Ou seja, “(...) aquilo que os seres humanos têm em comum é a sua capacidade para se diferenciar uns dos outros, para elaborar costumes, línguas, modos de conhecimento, instituições, jogos profundamente diversos”. (LAPLANTINE, 1994, p. 22). Portanto, ser capaz de se diferenciar é o que é *natural* no homem. Nesse caso...

Quais os processos através dos quais os indivíduos adquirem cultura?

O processo cultural denominado pela Antropologia como **endoculturação ou enculturação** é aquele por meio do qual os indivíduos aprendem o modo de vida da sociedade na qual nascem, adquirem e internalizam um sistema de valores, normas, símbolos, crenças e conhecimentos. São, por assim dizer, condicionados a um padrão cultural. Endoculturação significa interiorização, assimilação, apropriação, absorção, aprendizagem. É um processo social que se inicia na infância mediado pela família, pelos amigos, posteriormente, a partir da escola, da religião, do clube, do trabalho, do partido político e de tantos outros grupos sociais.

A endoculturação acontece de forma sistemática, quando se dá através de mecanismos e instituições que se utilizam de metodologias formais para a transmissão do conhecimento e de forma assistemática, quando os indivíduos adquirem o conhecimento a partir da experiência do cotidiano, sem que haja uma demarcação formal dos ensinamentos.

Situações vivenciadas na Feira Central de Campina Grande/PB que ilustram de forma interessante os resultados do processo de endoculturação



A profissão de vaqueiro no Nordeste não resulta de nenhum processo de aprendizagem formal, é fruto da lida do cotidiano, transmitida de pai para filho.

Foto: Cristiane Nepomuceno



Enquanto estudante de um curso superior, sabemos que você tem uma vivência com a escola de, no mínimo, doze anos. Então faça um exercício de memória, lembre esses anos todos, desde sua infância, passando pela adolescência, entre bancos escolares, lápis e cadernos, vivenciando o aprendizado das primeiras letras, dos primeiros cálculos matemáticos, as alegrias da aprovação por média e também algumas angústias por eventual nota baixa... São tantas histórias não é mesmo?

Enfim, o objetivo é que você registre um fato que possa caracterizar um processo de endoculturação, tendo como referência o meio escolar, esse mundo tão familiar para todos nós. Resumindo: conte-nos experiências que voce adquiriu, coisas significativas que você aprendeu, fale-nos de professores(as), colegas e/ou de outros personagens que lhe foram significativos em seus momentos de convivência e aprendizagem na escola. Lembre de atribuir um título e, se possível, coloque uma ilustração para enriquecer mais ainda o seu relato.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.



Para entender aculturação

Após terem internalizado, determinado seu padrão cultural, os indivíduos continuam em processo de mudança, transformação, não apenas porque a sociedade e o homem são dinâmicos, mas também porque existe o contato entre as culturas, que trocam ou fundem seus modos de vida: é o que chamamos de aculturação.

A **aculturação** é o processo de troca e/ou fusão entre culturas. Através do contato prolongado ou permanente, duas ou mais culturas permutam entre si seus valores, conhecimentos, normas, hábitos, costumes, símbolos, enfim, seus traços culturais. Nesse processo, uma cultura se caracteriza como doadora e a outra como receptora, o que não significa dizer que este seja um processo de via única, ou seja, quando em contato, todas as culturas podem sofrer mudanças, pois ocorre aí um processo de influxo recíproco (ULLMANN, 1991).

De forma muito apropriada, Coelho (2004, p. 36) define a aculturação como sendo

(...) resultante de uma pluralidade de formas de intercâmbio entre diversos modos culturais – cultura erudita, popular, empresarial, etc. – que geram processos de adaptação, assimilação, empréstimo, sincretismo, interpretação, resistência (reação contra-cultural), ou rejeição de componentes de um sistema identitário por um outro sistema identitário. Modos culturais compósitos, como operas montadas em estádios de futebol, espetáculos de dança moderna apoiados em manifestações de origem popular, como jazz, exemplificam processos de aculturação ou de culturas híbridas (grifos do autor).

O processo de aculturação ocorre em todas as suas formas de representação, no entanto, é muito mais recorrente quando se trata do plano material da cultura. Não há tantos problemas em aceitar com facilidade o computador de última geração, o modelo recém-lançado de celular, a máquina de perfurar poços... já é possível vislumbrar a revolução que teremos com a TV digital.



Foto: Cristiane Nepomuceno

O *Compact Disc*, que nos acostumamos a chamar de CD, exemplifica de forma convincente o quanto o plano material é mais facilmente assimilado por processos de aculturação: uma década foi suficiente para que esse objeto fosse incorporado ao nosso cotidiano, substituindo os antigos *Long Play*, os LP's de vinil. Muito mais rápida foi a substituição das fitas VHS (*Video Home System*) pela possibilidade digital de gravação de imagens, mediante os DVD's (*Digital Video Disc* ou *Digital Versatile Disc*).

No entanto, não é tão fácil mudar o gosto alimentar, a religião, trocar os valores ou os mitos. Isto acontece porque, "(...) na cultura material, facilmente se percebem as vantagens ou desvantagens de tal ou qual introdução de instrumento" (ULLMANN, 1991, p. 319).

A aculturação ocorre mediante três possibilidades:

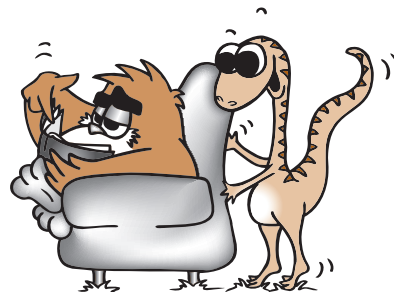
- a) Livre** – Quando se dá de forma espontânea, pacificamente. Quando não há nenhum tipo de dificuldade, confronto ou choque entre as culturas. Pode ocorrer através do que chamamos de SINCRETISMO. No Brasil, o exemplo mais emblemático é o sincretismo religioso: observa-se em nosso país uma religiosidade singular, pois a partir do contato de diversas matrizes culturais (nativos, africanos e europeus) temos a fusão de diversos ritos e crenças. A Macumba, por exemplo, resulta da união de elementos do fetichismo africano, do cristianismo, do espiritismo e também de rituais indígenas.
- b) Forçada** – Quando é imposta por coerção, não há opção de escolha por parte da sociedade que tem sua cultura suplantada. Podemos pensar em fatos do passado, como a imposição do batismo cristão aos índios na época da chegada do europeu ao Brasil. Mas, hoje em dia, também temos exemplos de aculturação mediante violência: o empenho dos EUA em impor ao mundo Árabe um modo de vida ocidental exemplifica essa possibilidade.
- c) Planejada** – Quando a aculturação é previamente pensada, meticulosamente elaborada com objetivos específicos a serem atingidos. Quando se planeja uma nova função ou modificação

na própria cultura ou em outra cultura. Um bom exemplo seriam as políticas públicas que visam promover transformações no modo de vida das pessoas. No caso de uma epidemia como a dengue ou o cólera, necessário se faz pensar em medidas que mudem o hábito das pessoas: não acumular água para evitar proliferação do mosquito transmissor da dengue; lavar as mãos e as frutas antes das refeições para evitar o cólera etc.



Foto: Cristiane Nepomuceno

A foto ilustra uma cena comum em mercados populares nordestinos: a convivência de produtos industrializados e artesanais, numa mesma estrutura comercial, atesta o caráter dinâmico da aculturação livre.



Atividade 2

E quem não gosta de samba?

O texto que reproduzimos a seguir é a letra da música “Chiclete com banana”, uma composição de Gordurinha e Almira Castilho, imortalizada na interpretação do paraibano Jackson do Pandeiro. Pois bem. Vamos apreciar a letra desta música?



CHICLETE COM BANANA

Composição: Gordurinha/ Almira Castilho

Só ponho bebop no meu samba	Mas em compensação
Quando o Tio Sam pegar num tamborim	Quero ver o buggy-woogie de pandeiro e violão
Quando ele pegar no pandeiro e no zabumba	Quero ver o Tio Sam de frigideira
Quando ele entender que o samba não é rumba	Numa batucada brasileira
Aí eu vou misturar Miami com Copacabana	Quero ver o Tio Sam de frigideira
Chiclete eu misturo com banana	Numa batucada brasileira
E o meu samba vai ficar assim	Um batuqueiro raro
Um batuqueiro raro	Bap um bap pá pá
Bap um bap pá pá	Um batuqueiro raro
Um batuqueiro raro	Bap um bap pá pá
Bap um bap pá pá	Quero ver a grande confusão
Quero ver a grande confusão	Bap um bap pá pá
Bap um bap pá pá	Um batuqueiro raro
Um batuqueiro raro	Bap um bap pá pá
Bap um bap pá pá	É o samba rock meu irmão...
É o samba rock meu irmão	



Como você pode perceber, a música sugere uma fusão entre elementos próprios da cultura brasileira e elementos inerentes à cultura americana.

Essa fusão sugerida ocorre a partir de elementos **metonímicos**, como:

- “Aí eu vou misturar Miami com Copacabana”...

Nesse caso, o autor cita uma cidade americana e uma praia carioca, sugerindo a possibilidade da **aculturação** entre Brasil e Estados Unidos.

- “Chiclete eu misturo com banana”... **Chiclete** como produto referência da industrialização americana e **banana**, citada por simbolizar uma fruta nativa brasileira das mais conhecidas, ou seja, uma enunciação que também sugere a fusão cultural Estados Unidos e Brasil.

Metonímicos

Metonímico – adjetivo. Relativo à metonímia. Figura de retórica pela qual se toma uma parte pelo todo. Assim, por exemplo, ao salientar que mistura as *partes*, Miami e Copacabana, a música sugere uma fusão entre o *todo*, que são os países Estados Unidos e Brasil.

Essas nossas considerações preliminares vão facilitar suas respostas às atividades que propomos abaixo:

- 1)** Primeiro amplie a contextualização: descubra o ano em que foi composto o samba e o ano da primeira gravação, procure ouvi-la e anote a fonte que possibilitou sua audição (Exemplo: se foi em CD, anote a gravadora, o ano de produção do material fonográfico, as circunstâncias – se é um lançamento comemorativo etc.). Você já conhecia essa música? Conhecia os compositores? Além de Jackson do Pandeiro, conhece mais alguém que a gravou? Lembre-se: Esta contextualização é sempre muito importante tanto para sua compreensão como para o valor que você pode atribuir à música.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.

- 2)** Em seguida, responda às questões seguintes.
- a)** Para que ocorra a fusão cultural sugerida em algumas metonímias, há uma condição sempre reiterada, também por metonímias, em versos como: “Quando o Tio Sam pegar num tamborim”... “Quero ver o Tio Sam de frigideira”...

Quem é, então, o Tio Sam mencionado nesse texto musical?

b) Que relação podemos estabelecer entre esta música e o conceito de aculturação?

c) Você pesquisou para a questão inicial o ano de composição deste samba. Em que contexto histórico surgiu a música? Qual a relação de intercâmbio entre Brasil e Estados Unidos na época?

d) Podemos dizer que “Chiclete com banana” sugere um questionamento acerca das condições de aculturação entre Brasil e Estados Unidos? Justifique sua resposta.

e) Quais as condições de intercâmbio cultural entre Brasil e Estados Unidos atualmente? Dê um exemplo contemporâneo que o faz perceber a aculturação.

Aqui entre nós...

Você percebeu o quanto é fácil falar de cultura? Basta um giro pela feira, uma busca em nossos discos de estimação para encontrar boas ilustrações dos conceitos que trabalhamos. Pois bem. Esperamos que essa constatação amplie seus horizontes acerca do que é material didático, de modo que suas futuras aulas de geografia também possam resultar desses “passeios” por linguagens diversas. E que essa diversidade de recursos contribua para que você perceba o quanto nossa vida é perpassada pela cultura, de modo que conceitos teóricos e exemplos cotidianos estão sempre sintonizados.

Material complementar



Cidade de Deus

Ficha Técnica

(Roteiro adaptado do livro de Paulo Lins – Cidade de Deus)

Direção Fernando Meirelles;

Roteiro Bráulio Mantovani;

Produtora 2 Filmes/ Vídeo Filmes;

Ano 2002;

Duração 130 minutos.

Sinopse: O filme discute, de forma dura e chocante, a situação na qual se encontra uma significativa parcela da sociedade brasileira. A revelação é feita através da história da favela Cidade de Deus, que de lugar que “acolhia” gente pobre, simples, desabrigada, sem-teto, imigrante, ao longo de sua história também passa a abrigar os criminosos e traficantes mais perigosos e procurados do Rio de Janeiro. Conta a história de vários personagens (moradores) e de suas lutas: alguns tentam escapar do mundo da criminalidade e das drogas, outros querem tornar-se os mais poderosos e respeitados “donos da boca” (chefões do tráfico), cujo lema é: “matar, roubar e ser respeitado”. O filme é narrado por Busca Pé, um dos personagens centrais do filme, que vai nos revelando através da história de vida dos outros personagens os valores, os códigos, os costumes, as instituições, as regras que norteiam o mundo das favelas. O filme nos impele a um questionamento: qual o limiar entre ser marginal e ser cidadão?

Assista você vai gostar. Conheça o Trio Ternura (Alicate, Marreco e Cabeleira), Zé Pequeno, Mané Galinha, Cenoura, os Caixa-baixa e tantos outros personagens que sabemos existir na vida real. Tente captar no filme os diversos processos sociais aos quais somos submetidos na vida em sociedade. Reflita, a partir dos personagens Busca-Pé, Mané Galinha e Zé pequeno, se nós na qualidade de indivíduos inseridos em uma dada cultura somos realmente livres para realizar escolhas, para decidir o que queremos ser.

Resumo

Nesta aula estudamos a Endoculturação e a Aculturação enquanto processos de aquisição e intercâmbio da cultura. Para entender esses conceitos, reiteramos que nosso modo de vida não é inato, ou seja, nossas atitudes, gostos e valores resultam sempre de uma herança cultural, em constante processo de mudança. Vimos ainda que a aculturação pode acontecer mediante um processo marcado pela liberdade de trocas culturais, chamado sincretismo, mas também pode ocorrer mediante um planejamento pré-estabelecido ou através de forças **coercitivas**.



Coercitivas

Coercitivas – adjetivo. Relativo à coerção. Aquilo que se faz por obrigação, por força de um ato repressivo.

Autoavaliação

Nesta aula, tratamos de alguns conceitos básicos da cultura: endoculturação e aculturação. Além da explanação teórica, apresentamos exemplos configurativos desses conceitos. Explique, então, com suas palavras, o que você entende por:

Endoculturação ou enculturação

Aculturação livre ou sincretismo cultural

Aculturação forçada

Aculturação planejada

Referências

ARANHA, M.L. A. e MARTNS, M. H. P. **Filosofando – Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986.

CALDAS, Waldenyr. **O que todo cidadão precisa saber sobre CULTURA**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. 3. ed. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 2004.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Fundamentos da Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

HOEBEL, E. Adamson e FROST, Everett. **Antropologia cultural e social**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. Trad. Marie-Agnés Chauvel. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade e PRESOTTO, Zélia, M^a Neves. **Antropologia – Uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1985.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural** – Iniciação, teoria e temas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Introdução à Sociologia**. 16^a edição. São Paulo: Ática, 1996.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia**: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.

Processos culturais: conflitos e inovações

Aula

9



Apresentação

Nesta aula, vamos estudar uma outra etapa dos processos culturais, desta feita as consequências nem sempre desejáveis dos intercâmbios entre grupos. Vamos enfocar a deculturação, a contra-aculturação, a contracultura, a resistência e a crise cultural para que possamos entender a dinâmica da vida humana também pelo viés da subversão aos modelos de dominação cultural observáveis no mundo contemporâneo.

Esta aula é uma continuação da aula anterior, quando iniciamos as reflexões em torno dos processos culturais. Por isso, é importante que você estabeleça relações entre os conceitos aqui enfocados e o conceito de aculturação, o principal a ser retomado nesta aula e que você já aprendeu na aula passada.

Bons estudos!

Objetivos



Ao final desta aula, você deve ser capaz de:

1

entender os conceitos de deculturação, contra-aculturação, contracultura, resistência e crise cultural enquanto processos reativos à aculturação;

2

estabelecer relações entre os conceitos aqui estudados e manifestações culturais do cotidiano.



Crises identitárias (locução adjetiva)

Crise identitária significa crise de identidade. A identidade cultural refere-se a um sistema de representações, simbologias e elementos adquiridos pelos indivíduos em seu território e que contribui para identificá-los como parte integrante do grupo e do lugar. A crise identitária pode ocorrer como resultado de processos de aculturação ou deculturação, muitas vezes drásticos, pois podem fazer o grupo perder a estabilidade, instituir a desordem, provocar a degenerescência e até a morte do grupo. Podemos observar na história da humanidade vários exemplos disso, ontem e hoje: lembram do que aconteceu com os nossos nativos (índios) em decorrência do processo de colonização? E com os africanos seqüestrados de sua terra e escravizados? Quem não lembra do regime repressor do Taliban e dos danos que provocou no Afeganistão? E hoje? Olhem para o Oriente Médio com seu povo sendo destruído e para os jovens chineses que estão perdendo suas tradições e seus valores. Reflitam sobre o que o cinema, a televisão e a internet vêm fazendo com o mundo.

Deculturação e contra-aculturação

Na aula passada, vimos que o intercâmbio entre culturas é algo comum e freqüente no mundo contemporâneo. Vimos ainda que esse intercâmbio é chamado de aculturação, um processo cultural que ocorre de forma livre, forçada ou planejada.

Nesta aula, veremos que um processo de aculturação nem sempre acontece sem provocar desgostos, sem a implicação de **crises identitárias**. Via de regra, gera outros processos, a exemplo da deculturação e contra-aculturação.

A expressão **deculturação** foi criada pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro e em princípio refere-se ao processo de “degenerescência cultural”.

Apesar de sugerir destruição, desrespeito a algo que foi socialmente construído, o **neologismo** deculturação não é necessariamente **pejorativo** e pode ser utilizado para caracterizar a total substituição de um elemento cultural por outro, ou a adoção gradual de um elemento novo em detrimento de outro mais antigo. A deculturação pode ocorrer por diversas razões:

Marginalização gradativa, em virtude de rechaçamento, de parte de um grupo social dominante; devido à decadência moral; por causa de cataclismos que se abalaram sobre a comunidade decadente, sem forças para se reerguer. Nem se deve esquecer o abandono ou ilhamento em que fica uma população quando, quem de direito, dela não se preocupa (ULLMANN, 1991, p. 323).

A **contra-aculturação** acontece quando a mudança ou troca já foi iniciada ou efetivada, ou seja, é um processo que ocorre **depois** da aculturação. Podemos dizer que é uma reação, a tentativa de retomada ou resgate dos elementos culturais perdidos. Existe sempre como uma busca ao passado, como apropriadamente revela Ullmann (1991, p. 321), a contra-aculturação manifesta-se quando um grupo qualquer percebe “(...) estar sendo solapado em seus princípios, desagregado em sua personalidade, sacudido em suas emoções (...)”.

A moda nas ruas...



Foto: Cristiane Nepomuceno

O consumo do **prêt-à-porter** substituiu de forma irreversível a aquisição do “vestuário sob medida” – predominante até meados do século XX, em todas as camadas sociais, e que se baseava na aquisição de roupas mediante encomendas personalizadas, feitas a costureiras, modistas e alfaiates. Atualmente, tais ofícios são cada vez mais raros, o que implica em deculturação: além das lojas convencionais, as feiras livres e **camelódromos** atestam a popularização da “roupa pronta”. Dentre os estudiosos que tratam dessa questão, podemos citar o sociólogo francês Gilles Lipovetsky. Em seu livro **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**, publicado no Brasil em 1989, pela editora Companhia das Letras, Lipovetsky aponta a mudança na relação com o vestuário como um fenômeno dos mais significativos à compreensão da cultura contemporânea.



Atividade 1

Pé-de-serra ou eletrônico? O embate do forró

Já é bem familiar, principalmente aqui no Nordeste, a categorização do forró, enquanto ritmo musical, considerando duas tendências principais:

- o chamado forró pé-de-serra, tido como tradicional tanto pela utilização de instrumentos como o triângulo, a zabumba e a sanfona, passando pelas melodias elaboradas, além de resultarem do trabalho de intérpretes e compositores reconhecidamente talentosos;
- o forró eletrônico, assim conhecido pela incorporação de instrumentos como guitarra e teclado aos arranjos, mas também considerando a formulação de uma performance artística padronizada: é executado preferencialmente por bandas musicais, que adotam trejeitos de palco e coreografias parecidas; e são recorrentes também tanto nas melodias como nas temáticas das letras musicais.



Neologismo (substantivo)

O termo “neologismo” significa palavra nova, expressão recém incorporada ao léxico de nossa língua portuguesa.

Pejorativo (adjetivo)

Aquilo que causa pejo, vergonha. Algo que desqualifica.

Prêt-à-porter

Expressão francesa que significa “pronto para usar”, ficou mundialmente conhecida por designar as roupas fabricadas em ritmo industrial, sem encomendas prévias, sob tamanhos padronizados, tipo P-M-G, a partir de “tendências” e modismos preestabelecidos.

Camelódromos

Lugar de concentração de “camelôs”, os vendedores ambulantes que fazem o comércio informal nas cidades brasileiras.

Desafio

1

Pesquise em artigos de jornais, em revistas ou mesmo na Internet discussões acerca da qualidade dos forrós pé-de-serra e eletrônico. Em seguida responda: Quais os argumentos que você encontrou para valorizar ou desqualificar essas manifestações culturais? Não esqueça de dizer de quem são os argumentos aos quais você se reportou, salientando a fonte onde aparecem as opiniões.

2

Podemos considerar a valorização, a defesa que alguns artistas e jornalistas fazem do forró pé-de-serra contemporâneo, um esforço que caracteriza a contra-aculturação? Justifique sua resposta.



Mas... Será que é possível contestar a aculturação somente depois de percebermos seus efeitos?

Resistência, contracultura e crise cultural

Enquanto a contra-aculturação acontece depois de instaurada a aculturação, a **resistência cultural** ocorre **antes** da mudança, troca ou transformação no *modus vivendi* de uma sociedade. Enquanto processo cultural, a resistência consiste na oposição declarada, formal, radical – muitas vezes levada ao extremo – contra a aculturação. Ocorre nesses casos a rejeição total a qualquer tipo de mudança ou troca, pois as inovações são consideradas pelo grupo resistente como inapropriadas e por vezes desrespeitosas.

A resistência cultural é muito comum entre povos “subjugados politicamente, culturalmente ou pela força (...). Consiste, na maioria das vezes, em manifestações atomizadas, de grupos às vezes relativamente reduzidos (...) sem forças suficientes para o combate simbólico em pé de igualdade com a cultura dominante” (COELHO, 2004, p. 337).

O processo de resistência cultural pode ser pensado a partir de uma carta enviada por índios americanos ao governo dos estados da Virgínia e de Maryland, no início do século XIX. A carta é uma resposta ao convite feito pelos governantes desses estados aos jovens de algumas tribos, para que fossem estudar nas escolas de algumas cidades. Leia alguns trechos dessa carta:



(...) Aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educar não é a mesma que a nossa.

(...) Muitos de nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo ou construir uma cabana, e falavam nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta embora não possamos aceitá-la, mas para mostrar a nossa gratidão concordamos que os nobres senhores da Virgínia nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles, homens.

Extraído do livro: **O que é educação**, de Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo, editora Brasiliense, 1984. P. 8 e 9.

Como podemos ver, tal carta assinala a resistência dos índios americanos ao processo de aculturação que então lhes parecia totalmente desnecessário, incompatível às necessidades de sobrevivência na selva.



Para pensarmos um pouco...

Podemos contestar o paradigma cultural que nos foi ensinado? É possível ser diferente daquilo que herdamos em nosso meio social?

Para alguns estudiosos a cultura é impositiva e coercitiva, pois invariavelmente impõe os modelos de comportamento e conduta desejáveis e aceitáveis, mas cabe aos seus membros decidirem sobre o que querem e o que desejam. Podemos dizer que os indivíduos estão “livres” para quebrar as regras estabelecidas desde que estejam conscientes do “preço” que pagarão pela opção ao diferente: em algumas situações podem ser ridicularizados, mas há extremos em que podem ser excluídos.

O processo por meio do qual um grupo de indivíduos rompe com o padrão cultural estabelecido, expressando claramente a subversão ao modelo instituído e inaugurando um outro padrão cultural, é conhecido como CONTRACULTURA. Um exemplo de contracultura bastante conhecido, já que conseguiu adeptos em todos os recantos do mundo, é o movimento *hippie*. Os *hippies* constituem o primeiro grande paradigma da contracultura no século XX, e podem ser descritos como

(...) jovens, adolescentes e universitários na maioria, que se voltaram para as experiências comunitárias, as drogas ditas psicodélicas, o misticismo oriental, a psicanálise profunda, teorias sociais anarquistas, o movimento de liberação da mulher, o folclore ameríndio, entre outras orientações (...) Na convergência de todas essas e outras manifestações contraculturais estava o desejo de oposição a uma sociedade cada vez mais dominada pela economia e pela tecnocracia e cujas duas aparentes alternativas – capitalismo e comunismo de origem marxista – eram vistas como as duas faces da mesma moeda. O complexo industrial-militar – expressão de intensa circulação à época –, com sua lógica própria muito mais inspirada em desejos imediatos do que em preceitos estritamente políticos, surgia como o símbolo de uma opressão cada vez maior não apenas sobre a existência física das pessoas, mas também sobre o seu universo interior, o que se conseguia com a manipulação realizada pelos meios de comunicação (...).

(...) O uso de roupas não convencionais, de origem oriental ou ameríndia, a ostentação de cabelos revoltos e grandes barbas foram traços físicos exteriores comuns a muitos setores do movimento contracultural, mas não exclusivo deles. (COELHO, 2004, p. 100)

Atualmente, existem muitos movimentos de contracultura: vão desde os neo-hippies às tribos urbanas, passando pelos movimentos ecológicos, étnicos e homossexuais. Além desses, o *funk* e o *hip hopper* são os exemplos contemporâneos de contracultura, aqui no Brasil.

Os antropólogos E. Adamson Hoebel e Everett L. Frost apontam ainda uma outra modalidade de processo cultural que pode ocorrer a partir da insatisfação com a cultura estabelecida: trata-se da **crise cultural**. Esse processo ocorreria quando o indivíduo não se ajusta à cultura estabelecida, pelas mais variadas razões: está ultrapassado, defasado, em condição de inferioridade, distorcido etc, gerando relações de conflito que podem provocar, inclusive, a **marginalidade** cultural. O descontentamento e a insatisfação podem gerar mais que insatisfação isolada. Segundo Hoebel e Frost (1999, p. 52) tais situações constituem a origem do que definem como “movimentos reativos”:

(...) Tais movimentos são o produto da diferença entre a circunstância presente e a sonhada expectativa. O movimento de reação pode apresentar um código de valores reformado, ou pode propor mudanças trágicas na condição ambiental ou no sistema social que está contribuindo para se sentir a crise. Ou pode tentar abranger todas essas possibilidades simultaneamente.

Ainda segundo esses dois estudiosos, existiriam quatro tipos de movimentos (reações) provocados pela situação de crise cultural: o milenarismo, cuja finalidade seria reerguer um grupo que estivesse em condição de inferioridade; o *nativista* ou *revivalista* que visaria reconstituir um modo de vida desfeito, relegado ou esquecido; o *transicional* quando se busca acelerar o processo de aculturação a fim de gozar os benefícios trazidos pelo novo; e o movimento *revolucionário* que envolveria questões do sistema ideológico e da estrutura social (HOEBEL e FROST, 1999, p. 53).



Atividade 2

O Tropicalismo é um movimento artístico-cultural brasileiro compreendido como um exemplo de contracultura. Alguns clássicos da MPB evocam esse movimento, a exemplo de “Alegria, Alegria” e “Tropicália”, de Caetano Veloso, “Geléia Geral”, de Torquato Neto e Gilberto Gil, “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil e “Chiclete com banana”, de Gordurinha e Almira Castilho – esta última, por sinal, lembrada na aula anterior.

Desafio

Pesquise, então, acerca do Tropicalismo de modo que fique mais objetiva a compreensão deste enquanto movimento de contracultura.

Lembre-se - Alguns elementos contextuais são essenciais em sua pesquisa, como período histórico do Tropicalismo, o que exatamente estava sendo contestado, quais os artistas envolvidos, quais as características culturais desse movimento. Claro que você pode ser

[illegible]

Beleza pura!

Você percebeu que essa pesquisa sobre Tropicalismo pode “render” mais um bom momento de interação com os colegas, os tutores e professores formadores, em nosso espaço virtual? Então que tal partilharmos as letras das músicas, ouvir tais músicas, opinar sobre os comentários que encontrarmos acerca dessas produções, no chat e nos e-mails? Fica mais interessante ainda se partilharmos as fotos desse tempo: os artistas que encabeçaram esse movimento cabem na descrição que Coelho fez dos *hippies*, apresentada nesta aula? Enfim, é importante não perder de vista os **conceitos teóricos** aqui trabalhados, mas nada impede que isso aconteça de forma prazerosa, não é mesmo?

Aproveite, aprenda sempre mais!

Material complementar

Livro – **Viva o povo brasileiro**. Publicado no Rio de Janeiro pela editora Nova Fronteira, em 1984.

Conta a história da formação da sociedade brasileira. É a história do Brasil contada a partir do povo. Apesar de fictícios, os personagens são extremamente realistas: ficção e realidade se confundem no romance. No livro é possível detectar os processos culturais como resistência, deculturação, contra-aculturação que permearam a construção de nossa “brasilidade”.

Livro – **Mulheres de Cabul**. Escrito pela fotógrafa inglesa Harriet Logan, foi publicado no Brasil em 2006, pela “Geração editorial”.

Resulta de duas viagens que a autora fez ao Afeganistão: a primeira durante o regime repressor do Talibã em 1997 e a segunda em 2001 após a derrocada desse regime. Para nós, que estamos estudando e conhecendo o universo da cultura, é um livro riquíssimo, pois nos ajudará a refletir sobre a natureza humana e sobre como a cultura pode ser usada como instrumento de dominação. É um livro simples e de fácil leitura, mas denso e inquietante. Escrito a partir do depoimento de várias mulheres vítimas do Talibã e recheado de fotografias belíssimas, conduz o leitor a um misto de emoções: tristeza, perplexidade e respeito aquelas mulheres corajosas, inteligentes e fortes que viram suas vidas, suas famílias e seu povo serem praticamente aniquilados pela fome, intolerância, fanatismo, morte, despotismo, crueldade ou pela violência emocional. Não deixe de ler!

Resumo

Nesta aula estudamos a deculturação, a contra-aculturação, a contracultura, a resistência e a crise cultural enquanto processos mediante os quais determinados grupos assinalam a insatisfação perante a dominação cultural de um grupo **hegemônico**. Vimos que alguns desses movimentos acontecem antes de um processo de aculturação, a exemplo da resistência, e outros são observáveis depois que já se percebe a aculturação, daí designado contra-aculturação. Mostramos exemplos de situações em que tais processos são observáveis, de modo que possamos perceber a dinâmica desses conflitos em nosso cotidiano.



Hegemônica
(Adjetivo)

Dominante, preponderante.

Autoavaliação



Nesta aula, tratamos de mais alguns dos processos de aquisição e intercâmbio cultural: deculturação, contra-aculturação, resistência cultural, contracultura e crise cultural.

Utilize exemplos de seu cotidiano, diferentes dos que utilizamos ao longo desta aula, que possam caracterizar esses conceitos. Descreva o exemplo e em seguida estabeleça a relação com a teoria que você aprendeu.

Deculturação

Contra-aculturação

Contracultura

Resistência cultural

Crise cultural

Referências

ARANHA, M.L. A. e MARTNS, M. H. P. **Filosofando** – Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

CALDAS, Waldenyr. **O que todo cidadão precisa saber sobre CULTURA**. 2ª edição. São Paulo: Global, 1986.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. 3. ed. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 2004.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Fundamentos da Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

HOEBEL, E. Adamson e FROST, Everett. **Antropologia cultural e social**. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 1999.

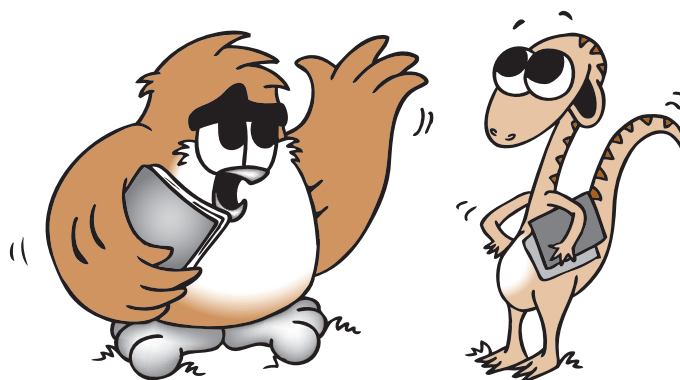
LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. Trad. Marie-Agnés Chauvel. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade e PRESOTTO, Zélia, Mª Neves. **Antropologia** – Uma introdução. São Paulo: Atlas, 1985.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural** – Iniciação, teoria e temas. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1991.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. **Introdução à Sociologia**. 16ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.



Globalização: o tempo das culturas híbridas

Aula

10



Apresentação

No mundo contemporâneo, é inevitável pensarmos sobre cultura a partir de sua inserção no contexto da globalização. Nesta aula, veremos que o debate em torno do que chamamos globalização não é peculiar aos dias de hoje, mas que atualmente esse tema assume características singulares. Discutiremos alguns elementos de um mundo dito globalizado, suas implicações para a dinâmica cultural das sociedades e as principais tendências para a reflexão teórica em torno dessa questão, no âmbito das ciências sociais.

Esta aula expõe as principais tendências das discussões acerca do fenômeno da globalização. Tais tendências nem sempre são convergentes, de modo que é importante sua atenção aos argumentos dos diversos autores mencionados. Reflita acerca das diferenças nas explanações, estabeleça conexões, quando isso for possível. Faça anotações à medida que for estudando, de modo que ao final você tenha um panorama das idéias que estão em voga.

Bons estudos!

Objetivos



Ao final desta décima aula, você deve ser capaz de:

- 1** dimensionar as discussões acerca da globalização, entendendo suas implicações em tempos **hodiernos**;
- 2** estabelecer conexões entre globalização e os conceitos explicativos da cultura.



Hodierno (adjetivo)

Relativo aos dias de hoje. Tempos hodiernos remete aquilo que é atual, contemporâneo.

Quando começa a globalização?

As interconexões culturais, resultantes do aparato tecnológico que nos fez adentrar na *Era da Informação*, nos encaminham de modo mais explícito ao que convencionamos chamar de mundo globalizado. Além da cultura, a globalização está alicerçada na reordenação econômica, na realocação produtiva e na **emergência** de novas conjunturas, políticas e culturais.

Conforme Morin (2002, p. 16), a globalização, além de ser tecnoeconômica, “pode ser vista como a emergência caótica e desigual de um embrião de sociedade mundo. (...) Ao mesmo tempo em que comporta múltiplas culturas em seu seio”.

Porém, de acordo com esse estudioso, a globalização não é um fenômeno recente, se levarmos em conta que no mundo já existiria uma cultura que valoriza o intercâmbio planetário, a partir da mestiçagem, migrações, hibridações, “das múltiplas correntes transculturais que irrigam as culturas ao mesmo tempo em que as superam, (...) ou se fecundam mutuamente”.

Também para Ianni (1998, p. 93), a globalização é um processo antigo, jamais unilateral, mas um fenômeno de múltipla interação, onde a presença e a influência das diversas civilizações são muito mais fortes. Ocidentalização, orientalização, africanização, indigenização são alguns processos socioculturais que se desenvolvem pelos recantos do mundo, atravessam as fronteiras “mesclando culturas e civilizações, ou modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar”.

A globalização, às vezes chamada por Ianni de transnacionalização, mundialização ou transculturação (1998) é tratada como um processo que promove “contato, intercâmbio, permuta, aculturação, assimilação, hibridação, mestiçagem” e sempre esteve presente na história das culturas e civilizações.

Entretanto, neste início do século XXI, o processo de globalização intensificou-se, com seus discursos de uniformização, numa tentativa de homogeneizar o mundo, contrariando o pluralismo cultural e negando o direito às manifestações autênticas e espontâneas do ser e do fazer cultural de cada povo.

Para Coelho (2000), não é tão relevante estabelecer se a globalização é recente ou antiga, pois, para ele, tal fenômeno constitui um tempo “despótico” e “supremo” que se impõe a todos, independente de demarcação **cronológica** objetiva.

Coelho (2000, p. 147) define o tempo em que vivemos como de conflitos permanentes, independentemente das grandes motivações históricas de embate: a economia e a religião. Para ele, o tempo atual está marcado pelas intensas e diversificadas “guerras culturais”, guerras estas que se agravam à medida que o advento da globalização ganha mais espaço.



Emergência (substantivo)

Neste contexto, é relativo a algo que emerge, algo que está surgindo.

Cronológico (adjetivo)

Relativo a tempo. Quando falamos “demarcação cronológica objetiva” nos referimos ao tempo medido através do calendário e do relógio, ou seja, não há uma “data” precisa que possa assinalar o início da globalização.

Por sua vez, Santos (1997, p. 15) salienta que a era da globalização pode ser entendida como, “um tempo universal, instrumento de medida hegemônico que comanda o tempo dos outros. Esse tempo despótico é responsável por temporalidades hierárquicas, conflitantes, mas convergentes”.



Atividade 1

A música “Parabolicamará” de Gilberto Gil, fez sucesso em 1993, por compor a trilha sonora da novela “Renascer” da Rede Globo de Televisão. Vamos lembrar a letra desta música?

Parabolicamará

(Gilberto Gil)

Antes mundo era pequeno
Porque terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque terra é pequena
Do tamanho da antena
parabolicamará
Ê, volta do mundo, camará
Ê-ê, mundo da volta, camará
Antes longe era distante
Perto, só quando dava
Quando muito, ali defronte
E o horizonte acabava
Hoje lá trás dos montes,
den de casa, camará
Ê, volta do mundo, camará
Ê-ê, mundo da volta, camará
De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
Pela onda luminosa
Leva o tempo de um raio
Tempo que levava Rosa
Pra apumar o balaio

Quando sentia que o balaio ia escorregar
Ê, volta do mundo, camará
Ê-ê, mundo da volta, camará
Esse tempo nunca passa
Não é de ontem nem de hoje
Mora no som da cabaça
Nem tá preso nem foge
No instante que tange o berimbau,
meu camará
Ê, volta do mundo, camará
Ê-ê, mundo da volta, camará
De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
De avião, o tempo de uma saudade
Esse tempo não tem rédea
Vem nas asas do vento
O momento da tragédia
Chico, Ferreira e Bento
Só souberam na hora
do destino apresentar
Ê, volta do mundo, camará
Ê-ê, mundo da volta, camará

Como você pôde ver, a música sugere uma mudança na relação entre tempo e espaço, apontando uma nova possibilidade de superação das distâncias geográficas. Atente para os advérbios grifados nos versos:

“Antes mundo era pequeno porque terra era grande, hoje mundo é muito grande porque terra é pequena...” “Antes longe era distante /.../ Hoje lá trás dos montes, den de casa, camará...”

Agora é a sua vez

1

Os autores que estudam o fenômeno da globalização salientam não ser tão importante demarcar o seu início. Mas você acha que neste começo de século XXI convivemos, efetivamente, com um paradigma singular de globalização? Justifique sua resposta.

2

Na música, Gilberto Gil sugere essa interconexão mundial a partir, principalmente, do neologismo “parabolicamará”. Como você entende o uso desse neologismo na música? E que outros elementos de nosso contexto você acha que podem simbolizar de forma convincente nosso convívio com a chamada **aldeia global**?



Aldeia Global

O termo “aldeia global” ficou amplamente conhecido entre os estudiosos das ciências sociais a partir dos anos 1960, quando Marshall MacLuhan assim definiu o mundo contemporâneo, marcado pela popularização dos chamados meios de comunicação de massa, ou seja, o rádio e a televisão.

Mas o que é, afinal, globalização?

De acordo com Teixeira Coelho, o mundo globalizado é algo difícil de descrever e de compreender plenamente. Contudo, Coelho deixa claro que para ele o termo globalização refere-se à ampliação do controle econômico de algumas nações dominantes sobre as praças financeiras mundiais e as economias nacionais.

Entretanto, no prefácio do livro *Desafios da Globalização*, Ladislav Dowbor, Octavio Ianni e Paulo-Edgar Resende afirmam que a globalização não pode ser vista de forma simplificada, cujo foco seja apenas a desconstrução de fronteiras econômicas. Para eles, a geração de um espaço mundial esconde uma infinidade de problemas mais complexos, a exemplo de: como fazer para que os vários aspectos da realidade política, social, econômica ou cultural possam obedecer a espaços e tempos diferenciados, gerando cada um seu ritmo, seu tempo, seu espaço e novas contradições? (DOWBOR, IANNI e RESENDE, 1998, p. 7).

Neste sentido, são fundamentais as reflexões de Santos (2002), para quem a globalização atravessa todas as áreas da vida social, e o “impacto” nas “estruturas” e “práticas” se faz sentir de forma diferenciada, contraditória e indeterminada, muitas vezes com resultados conflitantes. “Ao contrário do que o termo globalização superficialmente conta, estamos perante processos de mudança altamente contraditórios e desiguais, variáveis na sua intensidade e até na sua direção” (SANTOS, 2002, p. 11).

Na sua análise, Santos mostra que a globalização se manifesta de forma diferenciada nas distintas esferas constitutivas da sociedade, definindo-a como um “fenômeno multifacetado” que em alguns setores - como a economia, a política e em algum plano da cultura - obtém sucesso.

Também por essa vertente, Otavio Velho ressalta que a globalização, sem ser sinônimo de totalidade, seria um novo nome para um desenvolvimento e uma modernidade que se pretendem universais, um “projeto imposto de determinado lugar [que permitiria] reafirmar identidades e interesses particulares” (VELHO, 1997, p. 13).

Mas... particularmente, qual a relação entre globalização e cultura contemporânea?

Num primeiro momento, a globalização concebida como uniformizadora e homogeneizadora precisa ser desmistificada. Se de um lado universaliza e elimina fronteiras, do outro, dá lugar ao regresso do particularismo, da diversidade local e da identidade étnica.



Para Milton Santos, qualquer análise da globalização que desconsidere o grande inconveniente que a mesma representa para a humanidade pode ser considerado incompleto. As desigualdades exacerbam-se, culmina em um processo de exclusão social sem precedentes históricos:

(...) a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante. (...) Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de uma experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. (...) Cada pessoa, grupo, firma, instituição realiza o mundo a sua maneira. A pessoa, o grupo, a firma, a instituição constituem o **de dentro do lugar**, com o qual se comunicam sobretudo pela mediação da técnica e da produção propriamente dita, enquanto o mundo se dá para a pessoa, grupo, firma, instituição como o **de fora do lugar** e por intermédio da mediação política.). [Revelando a todos] (...) a não-autonomia das ações e dos seus resultados. [Por isso], (...) é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro (SANTOS, 2002, p. 112).

Por outros termos, Milton Santos considera que a globalização é fragmentada, o local continua existindo e sendo o espaço da diferença, da verdade e da esperança; enquanto que o espaço global aparece como sendo resultado de uma organização perversa, o lugar da falsidade e do engodo. “O mundo da globalização doentia é contrariado no lugar. (...) É pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação, pois nele o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora”. Em um outro estudo, diz: “os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares” (SANTOS, 2001, p. 112). Assim, nesse contexto da globalização “é fundamental viver a própria existência como algo unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para substituir e resistir para poder pensar o futuro” (Santos, 1997, p. 16).

No contexto da globalização “(...) vivemos uma condição planetária pontuada por intervenções locais, regionais, cujas intensas variações determinam a alternância, mais ainda, a imbricação do local e do global” (RESENDE, 1998, p. 38).

É possível que esse mundo interconectado, cada dia mais próximo, que tenta tornar os valores, os anseios e as aspirações universais, limite a criatividade de cada povo, na medida em que promove um processo de desconstrução cultural. Mas a globalização existe em todos os lugares, e em cada local há uma forma de adaptação a mesma. “Ampliam-se os lugares de definições de pertença, de realinhamento, à medida que a pluralidade de lugares se torna ao alcance dos sentidos, neste mundo encurtado, o qual se palmilha na esteira rolante do vídeo. Na multiplicidade dos conceitos, que, por condensação,

conformam as cidades mundiais, o local se cartografa sob novas bases, sem localismos, afetando e sendo afetado pelo global” (RESENDE, 1998, p. 38).

Ao pensar a globalização, devemos ter em mente um processo que atravessa as fronteiras e mescla culturas e civilizações, modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar, e que, ao mesmo tempo, promove contato, intercâmbio, permuta, aculturação, assimilação, hibridação, mestiçagem. Com efeito,

(...) a sociedade global pode ser vista como um todo abrangente, complexo e contraditório, subsumindo formal ou realmente a sociedade nacional. (...) Ela se planta na província, nação e região, ilhas, arquipélagos e continentes, compondo-se com eles em várias modalidades, em diferentes combinações, [o que faz com que muitas vezes a globalização pareça ser um] surpreendente caleidoscópio indecifrável (IANNI, 1997, p 67).



Atividade 2

Um clic que faça pensar...

Você viu nesta aula que a relação entre globalização e cultura está fortemente perpassada pela noção de lugar, pelo sentimento de pertença a um determinado espaço geográfico. Escolha, então, em sua comunidade um exemplo que possa atestar essa convivência entre cultura local e cultura globalizada. Fotografe esse exemplo e abaixo dele coloque uma legenda que nos faça perceber e refletir sobre esse hibridismo.

Material complementar

Livro – **A identidade cultural na pós-modernidade**. O autor é o americano Stuart Hall e aqui no Brasil esse livro foi publicado no Rio de Janeiro, pela editora DP & A, a segunda edição em 1998 e tem 102 páginas.

É um material bastante acessível no esboço do que hoje se concebe enquanto globalização e suas implicações para a questão da cultura em particular. Torna-se mais interessante se considerarmos que, no capítulo final, intitulado “O global, o local e o retorno da etnia”, o autor faz uma abordagem objetiva das culturas híbridas, aspecto da sociabilidade humana de grande visibilidade em tempos hodiernos.

Filme – **Babel**. Produção: EUA / México (2006); Gênero: drama; Duração: 143 minutos; direção: Alejandro G. Inárritu. Um trágico acidente envolvendo um casal norte-americano no Marrocos é o ponto de partida dessa produção.

O filme conta a história de gente comum, vivendo em um mundo em constante transformação. A trama se desenvolve em diferentes locais do globo com personagens que em algum momento se cruzam em situações aparentemente banais, mas que levam a desfechos inesperados, que afetarão a vida de todos. Uma excelente oportunidade para refletirmos acerca da globalização no mundo contemporâneo.



Resumo

Nesta aula, estudamos a globalização, um fenômeno que, apesar de muito em voga no mundo contemporâneo já é observável desde outras épocas da história humana. Estudamos que a globalização não está circunscrita à perspectiva econômica, estando presente, segundo vários teóricos, em outras instâncias da vida social, como a cultura por exemplo.

Autoavaliação

Com base nos assuntos tratados nesta aula, responda às questões abaixo:

1

Quais as peculiaridades do fenômeno da globalização em nossos dias? Em outras palavras, por que essa questão está tão em evidência no mundo contemporâneo?

2

Como você define o termo globalização?

3

Qual a relação entre cultura e globalização nos dias de hoje?

Referências

BURITY, J. A. “Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo”, In: **As Ciências Sociais** – Desafios do Milênio – Natal, EDUFRN – PPGCS, 2001. p. 156-173.

COELHO, T. **Guerras culturais**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

COSTA, A. F. “Identidades culturais urbanas em época de globalização”, In: **Revista brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 17, Nº 48. São Paulo, Edusc, fevereiro/2002. p. 12-29.

DOWBOR, L.; IANNI, O. & RESENDE, P.E. “O impacto diferenciado da globalização”. In: **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 7 e 8 (prefácio).

IANNI, O. “A política mudou de lugar”. In: **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 17-27.

_____. “Nação e globalização”. In: **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. 3. Ed. São Paulo. HUCITEC, 1997. p. 66-74.

ORTIZ, R. “Anotações sobre a Religião e a Globalização”, In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 16 nº 47 Outubro/2001. p. 59-74.

MORIN, E. Por uma globalização plural. In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2002, p. A-16.

RESENDE, Paulo-Edgar. “A federação como alternativa democrática nas relações entre as nações”. In: **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 28-42.

ROBERTSON, R. **Globalização: teoria social e cultura global**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, B. S. Os processos da globalização. In: **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-102.

SANTOS, M. “A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo”. In: **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. 3. ed. São Paulo. HUCITEC, 1997. p. 15-22.

_____. **Por uma outra globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VELHO, O. “Globalização: Antropologia e Religião”, In: **Revista Mana**, Vol. 3, N 1. Rio de Janeiro, abril/1997. p. 20-37.

Formas de manifestação da cultura

Aula

11



Apresentação

Vamos aprender nesta aula que a cultura se manifesta de formas diferentes, e que tal diversidade está relacionada à classe social a qual o indivíduo pertence. Veremos ainda que dentre as várias possibilidades de elaboração cultural, podemos destacar: a cultura científica e a cultura erudita, que serão tratadas com maior ênfase nesta décima primeira aula; além da cultura popular e a cultura de massa, mencionadas aqui e explicadas detalhadamente nas aulas subsequentes.

Estude com muita atenção os conceitos acerca de cultura erudita e cultura científica. Sublinhe informações importantes, tente construir seus próprios exemplos. Tenha sempre em mente o valor desse aprendizado na sua formação enquanto professor(a).

Torcemos por seu sucesso, sempre!

Objetivos

Ao final desta décima primeira aula você deve ser capaz de:

- 1** Compreender as diversas modalidades da cultura, dentro dos contextos sócio-econômicos em que são produzidas;
- 2** Entender a cultura científica e a cultura erudita em suas peculiaridades mais significativas;
- 3** Conhecer as nuances da cultura erudita no contexto brasileiro e nordestino.



Modos de falar do mundo em que vivemos: a construção da cultura

Começemos a aula de hoje de forma bem humorada, nos reportando a uma poesia que fala de coisas bem conhecidas entre nós, nordestinos. Vamos ler os versos?

Rezo quatro Ave Maria
Ao glorioso São Gerome
Pra que nos livre da dor
Da agonia e a da fome
Duma casa com goteira
Cacimba longe de casa

Dente de piranha preta
Dum teco-teco sem asa
Dum sem pensar sem juízo
Dum teje preso ou cadeia!
De sofrer uma cambrinha
Por ter pisado sem meia.
Da tercerez desse mundo
De passagem só de ida
Ferroada de lacrau
Coice de besta parida
Nos livre da companhia
Dum cabra chato e pidão
Dum sujeito bexigoso
Sem figo e sem coração
Duma tosse igrejeira
Dum trupicão de ladeira
Duma laigada de mão.





Nos livre da punição
Da saúde canigada
Pois a enxada na mão
É melhor que mão inchada
Nos livre duma dentada
Dum vira-lata inspiritado
Picada de mangangá
Dum sordado macriado
Dum baque de rede pensa
De briga de má-querença
Dum jogo marriado.

Nos livre dum nôro besta
Ou duma genra fregona
Que meu Zé abaixe o facho
Pro lado daquela dona
Nos livre duma visage
De alma braba e defundo.
Puxando agora de banda
Disgaviando o assunto
Nos livre daqui pra diante
Do roubo dos governante,
Coisa que duvido muito.

Fonte: QUIRINO, J. "Quatro Ave-maria bem cheia de graça". In: *Agruras da lata d'água*. Recife: Editora Bagaço, 1998. p. 47

A poesia que você acabou de ler é do arquiteto paraibano Jessier Quirino, “matuto por opção” - como ele próprio se declara. Os versos acima relatam as preces de uma nordestina para São Jerônimo nos quais ela pede para livrá-la de males que considera difíceis de enfrentar.

Para fazerem sentido, tais versos exigem que o leitor, além de gostar de poesia popular, entenda minimamente do contexto, do modo de vida do homem do campo. O texto evoca os valores, os medos, as angústias e ansiedades próprias da gente de vida simples, principalmente da zona rural. As situações que a poesia descreve não devem fazer sentido para alguém que viva numa grande metrópole urbana, afinal, para alguém que desconheça as peculiaridades de nossas cidades interioranas é difícil entender o que significa, por exemplo, a “cacimba [ser] longe de casa” ou sofrer um “baque de rede pensa”.

Vejamos agora, a partir de uma outra poesia, mais uma possibilidade de relatar em versos sentimentos, anseios, necessidades:

Sabiá

*Vou voltar, sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar, foi lá
É ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá, cantar
Uma sabiá
Vou lá, sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De uma palmeira
Que já não há
Que a flor que já não dá
E algum amor talvez possa espantar
As noites que já não queira
Lhe anunciar o dia*

*Vou voltar, sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos de me enganar
Como fiz enganos de me encontrar
Como fiz estradas de me perder
Fiz de tudo e nada de te esquecer
Vou voltar, sei que ainda vou voltar
E é pra ficar, sei que o amor existe
Eu não sou mais triste
E que a nova vida vai chegar
E que a solidão vai se acabar
E que a solidão vai se acabar.*

Fonte: <http://www.webletras.com.br/letra/musica/813428/chico-buarque/sabia.htm>

Esta música escrita por Chico Buarque e Tom Jobim é uma canção de exílio. De forma muito suave e lírica os compositores revelam o desejo de voltar para o Brasil quando foram exilados. A mensagem (o desejo de voltar para casa) é clara para aqueles que conhecem os compositores e sabem do engajamento político deles na luta contra o regime militar nas décadas de 1960 e 1970.

Pois bem: o que queremos com os dois poemas aqui apresentados é mostrar que o fazer cultural está intrinsecamente relacionado ao modo de vida dos indivíduos, revela como eles apreendem e produzem seu mundo, como se relacionam com o contexto no qual estão inseridos. Mais que tudo, revela o grupo, a classe da qual fazem parte. Portanto para que o universo cognitivo de uma cultura possa fazer sentido para alguém é necessária a vivência, o conhecimento, a experiência com determinado universo social.

Olhando a nossa volta, é possível perceber que existem diferentes formas de ter, fazer, saber, saber-fazer, ou seja, de construir as condições necessárias à subsistência. Como aprendemos no início do nosso curso, as diferenças seriam oriundas das formas encontradas pelo homem na busca da satisfação de suas necessidades mínimas (fisiológicas e psicológicas) a partir das condições dadas para a sua sobrevivência: a natureza, o conhecimento e o domínio do conhecimento. Seriam estes os responsáveis pela diversidade cultural e, conseqüentemente, pelo surgimento das diferentes formas de manifestação cultural.

A poesia, por exemplo, pode ser expressa de forma simples ou rebuscada, com vocabulário formal ou perpassado de regionalismos; pode falar de aspectos do cotidiano

– do homem do campo, de um intelectual, de um aristocrata, de um jovem favelado ou de um político. O fazer poético é sempre revelador do “mundo” que o artista (re)conhece.

De forma simplificada vamos pensar a cultura como o modo total de vida de um grupo/classe/povo. Podemos dizer, então, que a cultura de um grupo/classe/povo esta intrinsecamente relacionada à condição de vida de cada grupo, conforme salienta Waldenyr Caldas:

(...) Além da sociedade como um todo (englobando todas as classes) possuir valores e códigos culturais que lhes são próprios e específicos, existem ainda nessa mesma sociedade valores e códigos culturais que são próprios e específicos de cada classe social. Ou seja, cada uma delas possui seu sistema de símbolos particular. (...) Cada uma das classes, por sua vez, passa a funcionar quase como uma sociedade elementar dentro de uma configuração cultural maior, ou seja, dentro de todo o sistema social.

(...) Toda classe social tende a criar seus próprios padrões culturais (valores morais, políticos, sociais, culturais, estéticos, lúdicos, etc.), (...). É no senso comum, no cotidiano das pessoas, que vamos perceber os códigos culturais próprios de cada classe social. (CALDAS, 1986, p. 20)

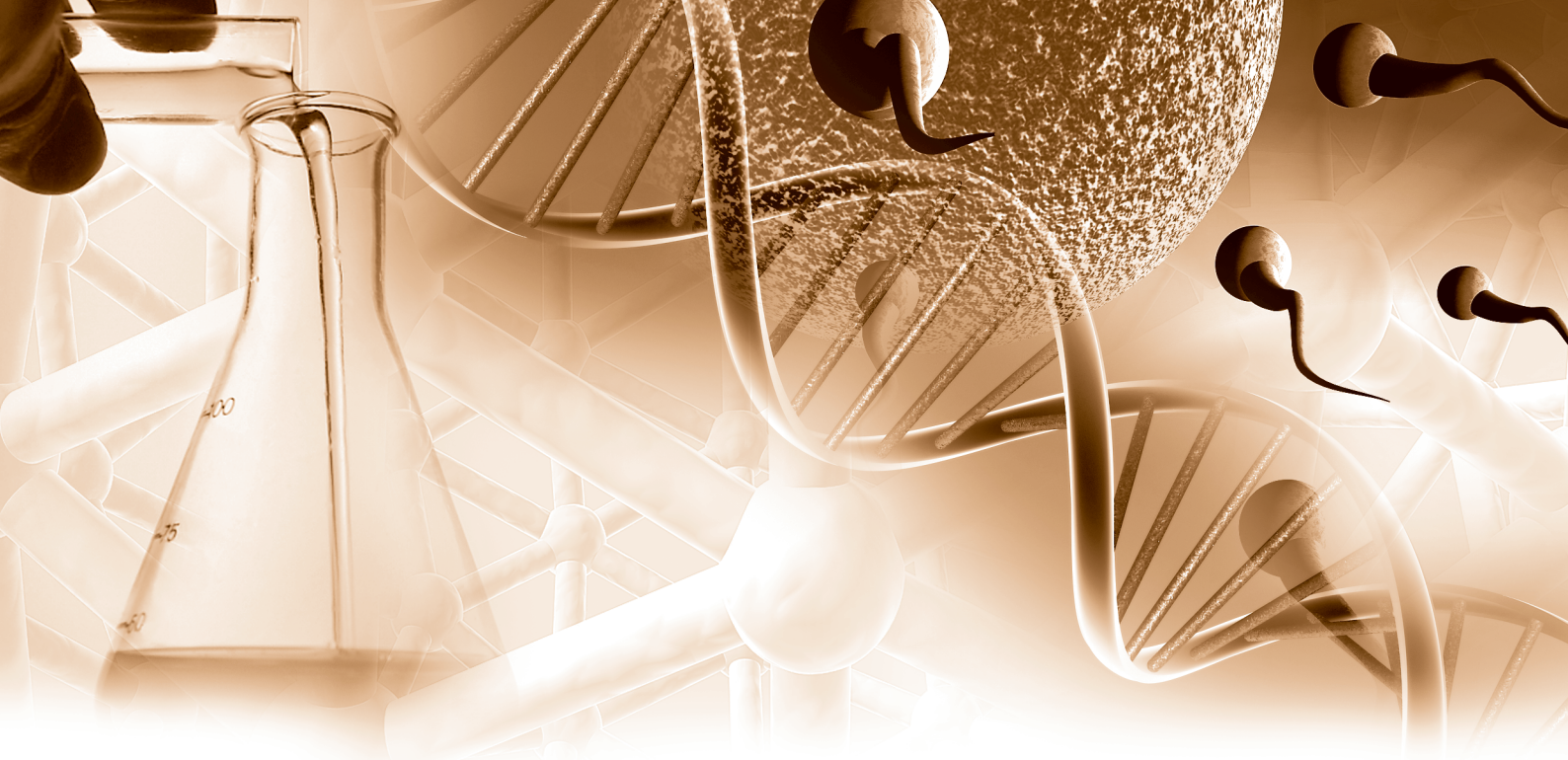
Em outras palavras, cada grupo social cria uma cultura própria à medida que produz as suas condições de subsistência, a partir do que o seu contexto oferece, o que implicaria na produção de um mundo sócio-cultural específico. Em consequência, os indivíduos teriam sua consciência política e ideológica formada em decorrência da sua condição cultural, social e econômica. Não podemos esquecer que a cultura resulta de circunstâncias históricas específicas. Assim sendo, seria formadora de uma identidade singular, de um sentimento de pertença e de uma consciência de classe. Assim, proporciona o consenso, permite que os valores, os sentimentos, os signos e significados sejam compartilhados. Esse complexo conjunto de possibilidades pode ser representado através das diferentes formas manifestas da cultura, que, para fins didáticos, dividimos em quatro tipos principais: popular, científica, erudita e a **industrial**. Cada possibilidade está diretamente relacionada com o nível cognitivo e sócio-econômico dos indivíduos. Mas é preciso atentar para o fato de que os modos manifestos da cultura não acontecem de forma separada, isolada. Uma forma sempre se alimenta de componentes, de elementos das outras formas.

Coelho (2004) faz uma retrospectiva histórica da divisão ou setorização da cultura em três segmentos principais: **Erudita**, **Popular** e **Industrial**. Em nossa aula, acrescentamos a cultura científica entendida como relevante por outros estudiosos. Vamos apresentar, na sequência, a cultura científica e a cultura erudita. Em relação à cultura popular e a cultura industrial iremos dedicar as próximas duas aulas, por dois motivos: em se tratando da cultura popular, por sermos nordestinos e esta ser muito presente no nosso cotidiano (religiosidade, festas, culinária, música, danças, crenças, costumes, valores, hábitos, etc); e no caso da cultura industrial por promover uma simbiose de todas as formas manifestas da cultura e estar presente em todos os contextos, em todos os momentos de nossa vida, influenciando a tudo e a todos no mundo contemporâneo.



Cultura Industrial

Atualmente existe uma infinidade de termos criados para definir o conteúdo manifesto da cultura e suas características. Assim, temos: cultura digital, cultura cibernética, cultura híbrida, cultura global, cultura pós-moderna, cultura nacional-popular, cultura hegemônica, cultura subalterna, cultura de fronteira, cultura emergente... Cada tipo é pensado a partir dos aspectos que os estudiosos da cultura consideram *fundantes* ou mais importantes.



Cultura Científica

Há muita ciência na mente de cada um de nós. Podemos não saber definir um gene ou não ter uma idéia exata do que é uma molécula ou a lei da gravidade, mas todos estamos incorporando muita parte da moderna genética, da química, da física. Olhando as estrelas hoje, um camponês e um poeta imaginam um objeto que é muito mais parecido com o objeto descrito por um astrofísico do que com as estrelas imaginadas por Aristóteles. Mas essas imagens científicas nas nossas cabeças não são somente na forma de conceitos mais ou menos aproximativos, de dados, leis, fatos. São também na forma ambígua, contraditória e interessantíssima de metáforas, símbolos, sonhos e medos estratificados. São, em uma palavra, cultura. E a cultura transita não somente pelos canais visíveis da divulgação e da educação escolar, mas também, antes e mais, ao longo dos caminhos subterrâneos, enrolados, longínquos, da difusão cultural de mitos e símbolos. Antes de aprender a palavra e o conceito, uma criança pode intuir o que é o frio tomando um sorvete. Antes de ler um livro de texto ou uma revista, um cidadão constrói uma imagem da ciência e do cientista por meio das novelas, do cinema, da arte, da música. Estudar a cultura científica adentrando por esses caminhos e contradições, analisando o imaginário que o público agrega à informação científica além de suas falhas no conhecimento, é mais difícil. E também mais fascinante.

(CASTELFRANCHI, Y. *Imaginando uma paleontologia da cultura científica*. Disponível em: <http://www.comciencia.br> (Com Ciência: Revista eletrônica de jornalismo científico. Laboratório de Jornalismo da SBPC, n.45, julho 2003, acesso em 04 de março de 2008).



A ciência está presente em todos contextos de nossa vida, vivemos a era digital, a era da informatização: podemos ir ao banco sem sair de casa, conhecer o sexo dos nossos filhos antes do nascimento e podemos fazer escolhas que nos possibilitam uma **longevidade** até então impensada. Se tomarmos como parâmetro este três aspectos, constatamos o quanto as novas possibilidades de ser, ter, fazer e saber-fazer promoveram mudanças no homem e na sociedade.

Longevidade

Vida longa. Aqui nos referimos ao aumento da expectativa de vida a partir dos investimentos na cura e prevenção de doenças.

As mudanças que a ciência provocou na sociedade contemporânea ressignificou os valores, as regras, os costumes e a própria dinâmica cultural. Os meios de comunicação, por exemplo, nos permitem ter acesso a lugares, situações e experiências, que, possivelmente, a maioria de nós, nunca irá vivenciar. Mesmo assim, as informações as quais somos submetidos diariamente produzem noções, nos fazem ter uma idéia sobre o outro, desenvolvem medos, estabelecem imaginários, criam novos símbolos, (re)elaboram a nossa cultura.

O modelo de sociedade contemporânea, indiscutivelmente pode ser definido como “sociedade da informação” ou “sociedade do conhecimento”. Nessa sociedade a ciência assume papel preponderante, tanto modela quanto influencia: a educação, a saúde, o lazer, a alimentação, a economia, a relação com o meio ambiente, as técnicas de produção, enfim, estende seus domínios sobre todas as instâncias constitutivas da vida social. Novos hábitos, novas regras, novos valores, novos modos de vida são perpassadas pelo fazer científico, fundador de uma modalidade de realização cultural: a cultura científica.

De acordo com Caldas (1986, p. 37), “a cultura científica é aquela parte do conhecimento que exige o rigor da ciência; que em suas investigações teóricas ou empíricas não pode prescindir de um **método científico**”. Em outras palavras, poderíamos dizer que a cultura científica representa um fazer cultural intrinsecamente dependente do conhecimento científico, que só existe a partir da exatidão proporcionada pela ciência.

A cultura científica, antes de tudo, é uma atitude, uma postura. Sendo uma forma de manifestação cultural profundamente enraizada na sociedade atual. Este modelo de sociedade pauta-se na otimização, ou seja, em formas de organização baseadas no aperfeiçoamento, aprimoramento dos seus elementos/regras/instrumentos/instituições/relações de modo que não haja espaço para o erro ou desperdício, seja de tempo, dinheiro e até das emoções. Teria a cultura científica a função de assegurar o progresso do homem e da sociedade, contribui para que os indivíduos se sintam parte de um novo tempo, de um novo contexto histórico, do qual a tecnologia é a mola propulsora.

Quando se fala em *cultura científica* é preciso entender pelo menos três possibilidades de sentido que se oferecem pela própria estrutura lingüística da expressão:

1. Cultura da ciência

Aqui é possível vislumbrar ainda duas alternativas semânticas:

- a) cultura gerada pela ciência
- b) cultura própria da ciência

2. Cultura pela ciência

Duas alternativas também são possíveis:

- a) cultura por meio da ciência
- b) cultura a favor da ciência

3. Cultura para a ciência

Cabem, da mesma forma, duas possibilidades:

- a) cultura voltada para a produção da ciência
- b) cultura voltada para a socialização da ciência.

(...)



Método Científico

De acordo com o novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a ciência é um “conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, especialmente obtidos mediante a observação, a experiência dos fatos e um método próprio.”

Essas distinções aqui esquematizadas certamente não esgotam a variedade e a multiplicidade de formas da interação do indivíduo com os temas da ciência e da tecnologia nas sociedades contemporâneas, mas podem contribuir para um entendimento mais claro da complexidade semântica que envolve a expressão cultura científica e o fenômeno que ela designa em nossa época também caracterizada por outras denominações correntes em geral forjadas sobre o papel fundamental do conhecimento para a vida política, econômica e cultural dessas sociedades: sociedade do conhecimento.

(VOGT, C. A espiral da cultura científica. Disponível em: <http://www.comciencia.br>
(Com Ciência: revista eletrônica de jornalismo científico. Laboratório de jornalismo da SBPC, n.45, julho 2003, acesso em 04 de março de 2008).

Segundo Carlos Vogt (2003), quando falamos sobre a cultura científica devemos “englobar” um vasto campo de significações, que vai desde a cultura a “popularização/vulgarização da ciência” e a “percepção/compreensão pública” do que vem a ser ciência. Que possibilitaria a todos os indivíduos o entendimento de que o “desenvolvimento científico é um processo cultural” e através deste processo se estabelece um novo sistema de relações baseadas em novas formas de relacionamento, novas regras, novos valores, novos hábitos, enfim, pode implicar em um novo modo de vida.

Para a sociedade contemporânea, a ciência é vista como algo bom e positivo: promotora do progresso, facilitadora do dia-a-dia, instrumento de libertação da ignorância e das superstições, cura para uma infinidade de males. Pouco se reflete sobre os graves danos que pode provocar na natureza ou no próprio homem.



Atividade 1

Nós aprendemos que a ciência influencia fortemente no estabelecimento de modos de vida (cultura), dessa forma você irá pensar na **sua vida** e na vida das pessoas que conhece para responder as seguintes questões:

- a) De que modo a Internet influencia na sua relação com os amigos e parentes? Por exemplo, você substituiu o envio de cartas pelo correio tradicional para utilizar com mais frequência o correio eletrônico ou e-mail? Trocou os telefonemas interurbanos pelos gestos interativos no espaço virtual? Conte-nos de que modo esse avanço da ciência contribuiu para que tivéssemos um novo modo de vida nas últimas décadas.
- b) Agora nos diga: de que maneira a tecnologia amplia a desigualdade entre as nações?



Cultura Erudita

Você já ouviu as composições de Bach, Mozart ou Villa Lobos? Poderia dizer a qual escola musical eles pertencem? Você já teve oportunidade de assistir a uma ópera? Conhece as obras de Portinari, Tarsila do Amaral ou Picasso? Saber identificar em qual tendência artística se enquadram? Já leu Érico Veríssimo, José Saramago, Gabriel Garcia Márquez ou João Guimarães Rosa? Por quê? Não teve acesso ou não teve interesse?

Vimos no início desta aula que a cultura tem relação direta com a classe social. Vimos ainda que as formas manifestas de cultura (comidas, símbolos, livros, música, pintura, crenças, etc.) revelam as condições, o modo de vida de cada grupo ou de cada sociedade. Os compositores, artistas plásticos e escritores mencionados no parágrafo anterior fazem parte de uma modalidade de fazer cultural denominada erudita e a arte deles está diretamente relacionada a uma forma de fazer cultural extremamente elaborada que para ser produzida exige conhecimento de alto nível.

Para se fazer cultura erudita é indispensável o estudo, o conhecimento profundo e conseqüentemente a legitimidade atribuída pelas instituições científicas (conservatórios, universidades, escolas de artes plásticas). Tal legitimidade resulta do conhecimento profundo em história da arte e a vinculação dos trabalhos aos diversos movimentos artísticos. Enfim para realizar a arte erudita é necessário erudição.

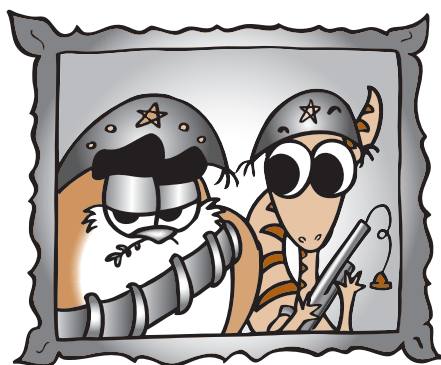
A expressão *erudito* é latina (*eruditus*) e serve para designar uma pessoa que possui muito conhecimento, reconhecidamente culta. Originalmente, ela era empregada para destacar os méritos das pessoas da classe dominante que conheciam em profundidade a chamada “alta cultura”, ou seja, a cultura científica, arte musical, pictórica, literária, cênica, enfim, todas as formas de manifestação cultural produzidas e consumidas pelas classes dominantes. (...)

[A cultura erudita é] (...) toda a produção cultural, científica ou não, dirigida a classe dominante e produzida por alguns membros que dela fazem parte. Tudo aquilo que é considerado sofisticado, de ‘bom gosto’, de ‘alto nível’, intelectualizado (...). (CALDAS, 1986, p. 65-67).

Devemos salientar ainda que a cultura erudita, além de muito conhecimento, exige altíssimo investimento financeiro. Não há como desvincular a cultura erudita do capital, não apenas porque os produtos que a compõe sejam caros, às vezes muitíssimo caros, a ponto de servirem para ostentação de poder e riqueza, mas primordialmente porque para produzi-las são necessários vultuosos investimentos. Essas obras são produzidas para atender a um grupo seleto: críticos, museus, colecionadores, razão pela qual também é chamada de “alta cultura”, “cultura superior”, “cultura de elite” – alusão ao fato que é produzida pela elite e para a elite.

De acordo com a maioria dos estudiosos, a divisão do universo cultural em popular e erudito surge a partir do século XVI. Até então não havia distinção, diferenciação ou determinação do que deveria ser próprio ou específico dos grupos sociais. A burguesia emergente, detentora do poder e da riqueza no novo modelo de sociedade que se consolidava, necessitava definir uma identidade, espaços e bens diferenciados, no caso, acessíveis apenas através do dinheiro. No âmbito da cultura não constroem nada de novo, apenas se apropriam do fazer cultural que existia – o popular – e o reproduzem, redefinem e reformulam, a exemplo das obras de Shakespeare que eram destinadas ao entretenimento do povo. Assim, também transformam a cultura em mercadoria, já que esta também deveria se constituir em algo que oferecesse vantagens econômicas, permitisse o aumento de seus capitais. Desde então a cultura erudita mantém profícuo diálogo com a cultura popular, esta funciona como uma proveitosa fonte de inspiração. “(...) o artista produtor da cultura erudita lança mão de temas considerados populares para criar sua arte” (CALDAS, 1986, p. 66).

A cultura erudita no Brasil também é profundamente marcada pela cultura popular. A partir do século XX, essa relação torna-se muito mais estreita, de muita proximidade graças a dois grandes movimentos culturais, cuja proposta era reformular o modo de fazer arte no Brasil: o **Modernismo**, no Centro Sul e o **Regionalismo**, na região Nordeste. Estes movimentos instituíram um novo jeito de fazer arte. Cada qual com sua proposta, influenciaram vários campos, principalmente as artes plásticas, a arquitetura, a música e especialmente a Literatura. O objetivo desses movimentos era libertar o Brasil dos ditames das escolas estrangeiras, fazer uma arte, uma música, uma literatura genuinamente brasileira e, mais que isso, realizar uma arte revolucionária.

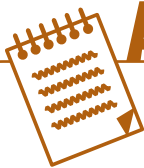


Modernismo

O Movimento Modernista tem na Semana de Arte Moderna (11 a 18 de fevereiro de 1922) seu marco original. O objetivo do movimento era promover uma reformulação no modo de fazer arte no Brasil no sentido de estabelecer um padrão próprio e livre de qualquer irrupção estrangeira. Principais representantes: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Anita Malfatti, Di Cavalcante, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Villa Lobos, Menotti del Picchia dentre outros.

Regionalismo

O Movimento Regionalista, iniciado na cidade do Recife em 1926 fazia profundas críticas ao Movimento Modernista. Iniciado por Gilberto Freyre negava o academicismo e os valores importados, pregava o retorno ao nacionalismo, as tradições e sugeria que os artistas e escritores apresentassem como tema central de suas obras as questões características do Brasil, inclusive seus problemas mais graves. Principais representantes: Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, João Cabral de Melo Neto, dentre outros.



Atividade 2



Manifesto Regionalista

Você pode ter acesso ao texto integral na Internet, basta escrever em qualquer *sítio* de busca: “Manifesto Regionalista”.

Leia com atenção o texto a seguir, uma pequena síntese do **Manifesto Regionalista (1926)**. Observe que o texto apresenta a proposta do Movimento e faz uma série de críticas a postura dos modernistas. Apesar de escrito no primeiro quartel do século XX o conteúdo do manifesto é totalmente aplicável ao momento que estamos vivendo no Brasil hoje: (globalização/aldeia global/homogeneização cultural).

Dessa forma, elabore um texto apontando que críticas podem ser feitas aos dirigentes, literatos, músicos, artistas plásticos, a sociedade como todo, em relação as suas posturas modernas ou até mesmo pós-modernas.

Há dois ou três anos que se esboça nesta velha metrópole regional que é o Recife um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais desta parte do Brasil: movimento de que mestres autênticos como o humanista João Ribeiro e o poeta Manuel Bandeira vão tomando conhecimento e a que agora se juntam pela simpatia, quando não pela solidariedade ativa e até militante, (...).Concorrem eles ao Congresso de Regionalismo do Recife com trabalhos e teses acrescentando suas contribuições às de homens do próprio Nordeste ou aqui radicados: homens públicos ou de ciência, preocupados com problemas urbanos e rurais da região (...).Seu fim não é desenvolver a mística de que, no Brasil, só o Nordeste tenha valor, só os sequilhos feitos por mãos pernambucanas ou paraibanas de sinhás sejam gostosos, só as rendas e redes feitas por cearense ou alagoano tenham graça, só os problemas da região da cana ou da área das secas ou da do algodão apresentem importância. Os animadores desta nova espécie de regionalismo desejam ver se desenvolverem no País outros regionalismos que se juntem ao do Nordeste, dando ao movimento o sentido organicamente brasileiro e, até, americano, quando não mais amplo, que ele deve ter.

(...) Procurando reabilitar valores e tradições do Nordeste repito que não julgamos estas terras, em grande parte áridas e heroicamente pobres, devastadas pelo cangaço, pela malária e até pela fome, as Terras Santas ou a Cócagne do Brasil. **Procuramos defender esses valores e essas tradições, isto sim, do perigo de serem de todo abandonadas, tal o furor neófilo de dirigentes que, entre nós, passam por adiantados e “progressistas” pelo fato de imitarem cega e desbragadamente a novidade estrangeira.**(grifo nosso) A novidade estrangeira de modo geral. De modo particular, nos Estados ou nas Províncias, o que o Rio ou São Paulo consagram como “elegante” e como “moderno”: **inclusive**

esse carnavalesco Papai Noel que, esmagando com suas botas de andar em trenó e pisar em neve, as velhas lapinhas brasileiras, verdes, cheirosas, de tempo de verão, está dando uma nota de ridículo aos nossos natais de família, também enfeitados agora com arvorezinhas estrangeiras mandadas vir da Europa ou dos Estados Unidos pelos burgueses mais cheios de requififes e de dinheiro. (grifo nosso)

Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores.

(...)Querer museus com painéis de barro, facas de ponta, cachimbo de matutos, sandálias de sertanejos, miniaturas de almanjarras, figuras de cerâmica, bonecas de pano, carros de boi, e não apenas com relíquias de heróis de guerras e mártires de revoluções gloriosas. Exaltar bumbas-meu-boi, maracatus, mamulengos, pastoris e clubes populares de carnaval, em vez de trabalhar pelo desenvolvimento do “Rádio Clube” ou concorrer para o brilho dos bailes do “Clube Internacional”. Levantar-se contra o loteamento de sítios velhos alegando que as cidades precisam de árvores, de hortas, de mato tanto quanto de casas e ruas. Querer os grandes edifícios públicos e as praças decoradas com figuras de homens de trabalho, mestiços, homens de cor em pleno movimento de trabalho, cambiteiros, negros de fornalha de engenho, cabras de trapiches e de almanjarras, pretos carregadores de açúcar, carros de boi cheios de cana, jangadeiros, vaqueiros, mulheres fazendo renda - e não com as imagens convencionais e cor-de-rosa de deusas européias da Fortuna e da Liberdade, de deuses romanos disto e daquilo, de figuras simbólicas das Quatro Estações. Desejar um museu regional cheio de recordações das produções e dos trabalhos da região e não apenas de antiguidades ociosamente burguesas como jóias de baronesas e bengalas de gamenhos do tempo do Império.

(...)Quase não se vê conto ou romance em que apareçam doces e bolos tradicionais como em romances de Alencar. Os romancistas, contistas e escritores atuais têm medo de parecer regionais, esquecidos de que regional é o romance de Hardy, regional é a poesia de Mistral, regional o melhor ensaio espanhol: o de Gavinet, o de Unamuno, o de Azorin.

(...)De modo que, no Nordeste, quem se aproxima do povo desce a raízes e a fontes de vida, de cultura e de arte regionais. Quem se chega ao povo está entre mestres e se torna aprendiz, por mais bacharel em artes que seja ou por mais doutor em medicina. (grifo nosso)

(FREYRE, 1926, *passim*).



Passim

Passim ou na forma abreviada *pas* é uma expressão latina usada para dizer que a obra foi citada aqui e ali em várias páginas.



Depois da leitura de **excertos** do Manifesto Regionalista, aponte algumas críticas que podem ser feitas à sociedade contemporânea por seu desrespeito as nossas manifestações culturais e conseqüente adesão aos modismos de outros lugares.

Excertos

Partes, trechos.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Material complementar

Filme – **Memórias do cárcere** (Brasil, 1984, direção: Nelson Pereira dos Santos, 187 minutos).

O livro *Memórias do Cárcere* foi adaptado para o cinema por Nelson Pereira dos Santos e tornou-se um clássico do cinema brasileiro. O filme provocou grande impacto público por revelar os maus tratos, a miséria e as condições sub-humanas dos presídios. Conta as memórias de Graciliano Ramos durante o período em que esteve preso na Ilha Grande. A prisão ocorreu em 1936, por perseguição política, resultado dos sentimentos anti-getulistas que o escritor nutria. Durante os dez anos em que esteve recluso não foi oficialmente acusado de nada, tampouco nunca foi ouvido. O filme é para que vocês conheçam um pouco da vida de Graciliano Ramos um dos principais representantes do **Movimento Regionalista**. Aliás, as obras de Graciliano – todas de leitura indispensável – denunciam a miséria, a subjugação social, política e econômica vivida no Nordeste. Além do filme de Nelson Pereira dos Santos, você pode conhecer os romances de Graciliano Ramos. “*Vidas Secas*” é o mais conhecido.

Livro

Nesta aula, não vamos indicar apenas um livro. Recomendamos as obras de todos aqueles que têm o Nordeste como tema central de suas narrativas, obras escritas a partir de uma nova perspectiva de fazer literário, um fazer comprometido com os “dramas” do povo nordestino: a seca, a fome, a miséria, a fé e o messianismo, a bravura, a resistência, o banditismo, o jeito de amar, as festas, as comidas, os costumes, enfim, a nossa vida enquanto povo nordestino. Leia Rachel de Queiroz, José Lins de Rego, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, João Cabral de Mello Neto, Ariano Suassuna, Jorge Amado, além de outras tantas “maravilhas” da literatura regional brasileira. E por fim, uma indicação de suma importância: leia o **Manifesto Regionalista**, escrito por Gilberto Freyre para o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo - ocorrido na cidade do Recife/PE em fevereiro de 1926. Foi a partir das idéias defendidas nesse Congresso que se fundou o Movimento Regionalista.

Resumo

Nesta aula, vimos que a cultura pode manifestar-se de diversas formas e que tais modalidades têm uma relação estreita com a diversidade de classes e modos de vida observável nas sociedades humanas. Estudamos mais precisamente a cultura erudita e a cultura científica, tanto nos seus aspectos conceituais quanto a partir da riqueza dos exemplos que lhe são pertinentes.

Autoavaliação



Demonstre que você entendeu o que é cultura científica e cultura erudita, elaborando, no espaço abaixo, um conceito para cada uma dessas possibilidades de manifestação cultural.

Cultura científica

Cultura erudita

Referências

CALDAS, W. **O que todo cidadão precisa saber sobre cultura**. 2ª edição. São Paulo: Global, 1986.

CASCUDO, L. C. **Civilização e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CASTELFRANCHI, Y. **Imaginando uma paleontologia da cultura científica**. Disponível em: <http://www.comciencia.br> (Com Ciência: revista eletrônica de jornalismo científico. Laboratório de jornalismo da SBPC, n.45, julho 2003, acesso em 04 de março de 2008).

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. 3ª edição. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2004.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HOEBEL, E. A. & FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. 9ª edição. Tradução: Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 1999.

MARCONI, M. A. & PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia – uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1985.

MELLO, L. G. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1

LARAIA, R. B. **Cultura – um conceito antropológico**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**. Disponível em: <http://www.comciencia.br> (Com Ciência: revista eletrônica de jornalismo científico. Laboratório de jornalismo da SBPC, n.45, julho 2003, acesso em 04 de março de 2008).

Cultura popular: o ser, o saber e o fazer do povo

Aula

12



Apresentação

Nesta aula, vamos nos deter na cultura popular enquanto modalidade de manifestação cultural. Estudaremos os aspectos conceituais da cultura popular, sua relação intrínseca com o conceito de **povo** e veremos as tendências contemporâneas dessa possibilidade de cultura, tomando por base a farta exemplificação disponível na região Nordeste.

Conforme salientamos na aula anterior, estamos trazendo uma aula específica sobre cultura popular, de modo que você possa aprofundar mais o conhecimento acerca das discussões que lhe são afins.

Você verá que a maioria dos exemplos usados em todas as aulas anteriores remetem à cultura popular, daí a importância desse aprofundamento numa aula específica. A região Nordeste continua muito rica em manifestações da cultura popular e, por isso, pedimos sua atenção especial ao conteúdo desta aula.

Aproveite! É sempre muito bom estudar a realidade em que vivemos.

Bons estudos!

Objetivos

Ao final desta décima segunda aula, você deve ser capaz de:

1

Entender o conceito de cultura popular e sua relação com o conceito de povo;

2

Compreender as características da cultura popular nos dias de hoje;

3

Conhecer a tendência de aliar preservação e ressignificação no âmbito da cultura popular contemporânea.



Conceitos de cultura popular

A cultura popular é uma forma de manifestação cultural intrinsecamente relacionada ao anônimo, ao coletivo, ao espontâneo, à tradição e à oralidade. De modo geral, podemos dizer que a cultura popular é

o conjunto de conhecimentos e práticas vivenciadas pelo povo, embora possam ser vividos e instrumentalizados pelas elites. Pense-se no candomblé, no carnaval, na feijoada, nos usos folclóricos, no jogo do bicho e na capoeira. (...) Cultura popular simplesmente [é] o que é espontâneo, livre de cânones e de leis, tais como danças, crenças, ditos tradicionais. (...) Tudo que acontece no país por tradição e que merece ser mantido e preservado imutável. (...) Tudo que é saber do povo, de produção anônima ou coletiva. (VANNUCCHI, 1999, p. 98).

Como você pode perceber, definir cultura popular não é algo simples porque é necessário estabelecermos uma relação com a palavra *povo*. O termo “povo” possui várias concepções, pois pode estar relacionado a concepções ideológicas, políticas, sociais e econômicas. Assim, no âmbito das Ciências Sociais, existe um grande debate acerca do quem pode ser incluído na categoria **povo**. Por exemplo: quando pensamos no povo brasileiro, não podemos incluir a elite. Nesse caso, povo diz respeito à camada mais pobre da sociedade brasileira, aqueles que estão em oposição à classe dominante, aos que estão no poder. Assim, o fator econômico é a **variável** mais significativa para demarcar o significado do termo.

No presente contexto, o importante é percebermos que os relativismos em torno da categoria “povo” influenciam os conceitos de cultura popular. Sob esse enfoque sócio-econômico, é possível perceber que, em decorrência do desenvolvimento industrial, os elementos do fazer popular tanto sofreram influência quanto influenciaram as outras formas de manifestação cultural. Atualmente, a cultura popular assume uma dimensão nova e multifacetada: definidora da identidade nacional, fonte de renda e atração turística.



Variável

Critério para análise crítico-científica de algum fenômeno social.

Como demarcar, então, a cultura popular?

Para Luis da Câmara Cascudo, é possível interpretar a cultura popular como resultado da “sabedoria oral”, memória coletiva anteposta aos conhecimentos transmitidos pela ciência. Possuidora de “bases universais”, portadora de um “instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado,” (CASCUDO, 1983, p. 679).

Apesar desse **instinto de conservação**, a cultura popular é detentora de um caráter multidimensional e está aberta ao contato com o novo. O próprio Câmara Cascudo assegura ser a cultura, em grande parte, fruto da aculturação e da difusão cultural, já que nenhuma cultura poderia ser considerada imune à mistura. Para o autor, “não existe civilização original e isenta de interdependência”(CASCUDO, 1983, p. 429).

A cultura popular é justamente resultado de todos esses resultados, fundidos pelos processos mais inexplicáveis ou claros, viajando através do mundo, obedientes aos apelos misteriosos que não mais podemos precisar. A cultura popular é o último índice de resistência e de conservação do *nacional* ante o *universal* que lhe é, entretanto, participante e perturbador (CASCUDO, 1983, p. 688-689).

Para Cascudo (1983, p. 39), na cultura popular existiria um “processo lento ou rápido de modificações, supressões, mutilações parciais no terreno material ou espiritual do coletivo sem que determine uma transformação anuladora das permanências características”. Leio como sendo estas “permanências características” o saber e o saber-fazer do povo que atribuem à cultura popular seu caráter de continuidade, funcionalidade e utilidade, que, por sua vez, a torna “(...) mantenedora do estado normal do seu povo quando sentida viva, sempre uma fórmula de produção”. (CASCUDO, 1983, p. 40).

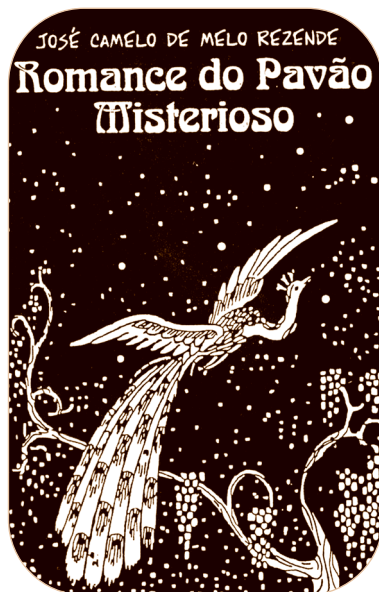
A cultura popular não é um mero suporte idealizador para a tradição, por estar muito além das representações estanques, segundo as quais ela ocorreria apenas no passado; na verdade, é o hoje vivido e expresso.



Atividade 1

Cultura popular e literatura...

Você já leu algum folheto de cordel? Caso já tenha lido, ótimo! Se não, vai realizar suas primeiras leituras para esta atividade. Vamos fazer algumas sugestões: “As proezas de João Grilo” de José Ferreira de Lima e “Pavão Misterioso” de José Camelo de Melo Rezende, estes são dois dos mais tradicionais e conhecidos títulos, são fáceis de encontrar. Leia os cordéis e veja, por exemplo, que o cordel do Pavão Misterioso conta as aventuras de um jovem que vivia do outro lado do mundo.



Capa do “Romance do pavão misterioso”, folheto publicado pela Tupynanquim Editora, em Fortaleza-CE (agosto de 2000). Esta versão foi devidamente autorizada pela ABC - Academia Brasileira de Cordel.

- a)** Feita a leitura, conte-nos, então, qual cordel você leu, indicando o título, o autor e fazendo uma síntese do assunto tratado na obra.

- b)** Em seguida, pesquise sobre a literatura de cordel: qual a sua origem, quando chega ao Brasil, quais os temas que trazem e por que funcionavam como jornalismo. Será que é possível usar o cordel como material de apoio didático, em aulas de geografia? E qual seria sua sugestão?

Nordeste brasileiro: nossa incursão na cultura popular

As práticas culturais do Nordeste brasileiro sofrem forte influência do contexto popular: na religião e nas crenças (romarias, magia, superstições, tabus, rezadores, benzedadeiras, crendices); na culinária (tapioca, queijo de coalho, cuscuz, carne-de-sol, macaxeira, bode guisado, buchada, rapadura, farinha); na música e na dança; nos hábitos (dormir em rede, sentar nas calçadas, varrer a frente das casas etc.); nas brincadeiras, na forma solidária de se relacionar, nos mitos, nas lendas, contos, poesia, na literatura, enfim, para onde se olha em nossa região percebe-se a presença marcante da cultura popular.

Dentre os vários aspectos que compõem o universo da cultura popular são mais presentes entre nós:

Festas Populares

As festas são extremamente representativas da cultura popular por expressarem as tradições dos grupos. Carnaval, São João, São Pedro, festa de padroeira, festa de apartação (vaquejada), festa de reis e tantas outros momentos, representativos da nossa nordestinidade, da nossa brasilidade. Tais festas são, na verdade, espaço não só de comemorações, mas também de edificação das diferenças e da percepção do outro, visto permitir “a recriação simbólica da memória, já que possibilita criar vínculos com o passado, estabelecendo uma forte consciência de filiação a uma nação, reconstituindo o sentimento de comunidade e pertença a um grupo, deixando patente este vínculo essencial entre a memória, a identidade e o poder de resistência cultural” (AYALA, 2001, p. 508).



Vaquejada no interior do Rio Grande do Norte

Danças

As danças e folgedos são por assim dizer, as formas de manifestação que as pessoas mais facilmente relacionam ao contexto da cultura popular. Estão relacionados ao mundo do trabalho, contam histórias ou servem para rememorar os tempos idos. No Nordeste, temos maracatus, afoxés, reisados, caboclinhos, quadrilhas, cavalo Marinho, vaquejada, congadas, nau catarineta, coco de roda, bumba-meu-boi (presente em vários ciclos: natalino, junino e carnavalesco), pastoril, chegada, mineiro-pau, espontão e tantas outras manifestações.



Música

Os ritmos da música popular são de uma riqueza ímpar, resulta da reunião dos elementos da cultura africana, indígena, européia e asiática. Temos o samba, o forró, o baião, o frevo, o xote, cantoria de viola, aboio dos vaqueiros e mais uma infinidade de estilos.

Atualmente, além da revalorização do tradicional forró pé-de-serra, das sambadas, das rodas de coco, um novo estilo musical canta o Nordeste. Trata-se de uma música destinada a um público juvenil, feita por “bandas” compostas por jovens oriundos na sua maioria de movimentos culturais ou grupos populares, rurais e urbanos. Esses grupos musicais mesclam seus sons de baixo, guitarra e bateria com instrumentos tradicionais como a rabeca, a sanfona, o tambor do maracatu, o pandeiro e o berimbau, elaborando uma nova música que a muitos encanta, por nela ser possível identificar as temáticas que evocam a alma do povo nordestino e funcionam como meio de fortalecer a herança musical, e despertar o desejo por reabilitar e manter sua identidade cultural.



Artesanato e Arte Popular

O artesanato é um dos principais destaques da cultura popular. Assume as mais variadas formas: fios (bordado, renda, labirinto, retalhos, crochê, redes, e tecelagem), couro (chapéus, sandálias, cintos, bolsas), barro (esculturas, arte sacra, utilitários, decorativos, louças), além de objetos de madeira, metais (ferro e flandres), fibras, litografia, pedra, estopa, palha, brinquedos populares. O artesanato contemporâneo não tem mais o caráter utilitário, mas passou a ser consumido como item de decoração, em ambientes de várias classes sociais. Em decorrência disso, o artesanato representa uma das principais alternativas de sobrevivência para uma parcela considerável da sociedade.

No caso do Nordeste, é uma atividade plenamente adequada às especificidades da região e geradora de renda e empregos.



Jogos, Brinquedos e Brincadeiras

Os jogos, brinquedos e brincadeiras populares, como tudo que caracteriza a cultura popular, não têm origem e autoria reconhecida. No caso do Brasil, sofrem influência de todos os elementos étnicos formadores da nossa sociedade (índios, negros e europeus). Quem nunca brincou de cama-de-gato, pião, “senhor rei mandou dizer”, amarelinha, cabra cega, currupio, machado tora, bolinha de gude, cantigas de roda (atirei um pau no gato, Terezinha de Jesus, ciranda-cirandinha, margarida, pai Francisco, o cravo e a rosa, etc.), puxa lagarta, lagarta pintada, serra-serra, peia quente, boneca de pano, pipa (papagaio), bodoque (atiradeira), peteca, e mais uma infinidade de alternativas que cada um de nós está apto a lembrar e acrescentar a lista. O que devemos saber é que os jogos e brincadeiras possuem identidade cultural, são próprios de classes sociais específicas e lugares. Ganham características mais fortes ou são mais presentes em diferentes regiões.





Atividade 2

Diálogo de gerações...

Você pode tornar prazerosas as discussões em torno da cultura popular. Para tanto, sugerimos que você convide para um debate cerca de seis pessoas, de idades diferentes, e também de ambos os sexos. A conversa é bem descontraída e para tanto você deve formar um círculo entre os participantes. Você sugere os assuntos e anota as informações mais significativas. Assim...

- a)** Primeiro fale sobre danças. Que danças são inesquecíveis para as pessoas? Como são seus passos? Em que época do ano ocorre essa prática? Quais as diferenças entre tal dança nos dias de hoje e no passado?

- b)** E quanto às brincadeiras, de que modo as crianças do passado se divertiam? Como as crianças de hoje passam o tempo? De que os mais idosos sentem saudade? O que podem sugerir para os jovens de hoje?

c) Conversem também sobre artesanato. Que peças artesanais acham bonitas? Alguém no grupo fabrica peças artesanais? Qual o uso que fazem do artesanato?

Lembrete - as perguntas acima são meras sugestões. Você tem a liberdade de criar seu próprio roteiro e pode conduzir a conversa do modo que for mais conveniente. Não esqueça de anotar o nome de todos os participantes do debate e registrar as respostas dadas.

Cultura Popular no mundo contemporâneo: entre a tradição e a resignificação

Para entendermos qual o lugar da cultura popular no mundo contemporâneo, precisamos rever alguns preceitos acerca de cultura já vistos em aulas anteriores. Aprendemos que qualquer modalidade de fazer cultural deve pautar-se na idéia de movimento e transformação, resultante não apenas da inter-relação das forças internas da sociedade (indivíduos, regras, valores...), como também do contato e do conflito com as forças externas. A cultura pensada como uma amálgama, onde **mesclar** é imprescindível. Misturar a um contexto existente, elementos novos, diferentes e externos, constitui a chamada hibridização.

Desse modo, a cultura popular - o fazer próprio e inerente ao povo - também deve ser concebida como um movimento dinâmico e contextual, ou seja, híbrido. A cultura popular orienta-se pela tendência contemporânea da confluência entre o global e o local, uma perspectiva concebida como portadora de princípios, modelos, esquemas de conhecimento próprios de nossa época.

Na manifestação contemporânea da cultura popular, há uma visão de mundo, um saber coletivo acumulado na memória social, resultado de uma **múltipla dimensão cognitiva** capaz de superar **determinismos**, tudo resultado do que Edgar Morin define como: **Dialógica Cultural** – uma espécie de

comércio cultural feito de trocas múltiplas de informações, idéias, opiniões e teorias; tanto mais estimulado quanto mais se trava com as idéias de outras culturas e as idéias do passado. [Processo este que] provoca o enfraquecimento dos dogmatismos e intolerâncias, [do mesmo modo que] comporta a competição, a concorrência, o antagonismo e o conflito entre idéias, concepções e visões de mundo, fazendo com que idéias antagônicas e concorrentes se tornem idéias complementares (MORIN, 1991, p. 27).

Não é mais possível pensar o universo da cultura popular de forma simplista, como, por exemplo, numa perspectiva de oposição: cultura hegemônica ou de elite X cultura subalterna ou do povo. A cultura deve ser vista como um todo complexo, no qual as suas diversas possibilidades de ser interagem continuamente entre si, não geram oposição e sim uma forma de influência recíproca. Ocorre então o que Ginzburg (1987, p. 4) designa “**circularidade entre as culturas**”, ou seja, um “influxo recíproco” entre as diferentes formas de culturas, nas quais uma se alimenta da outra.

É claro que essa concepção não nega a possibilidade de dicotomia ou contraposição. Não há como negar que os fazeres e saberes são distintos, e estes são representativos



Múltipla dimensão cognitiva

diversidade de conhecimento, ou seja, a cultura popular não resulta de uma única fonte de saberes.

Determinismos

Determinismos – Pressupõe o imutável, aquilo que é determinado como verdade absoluta. Atualmente, a cultura popular é multifacetada e dinâmica, avessa, portanto, a determinismos..

da vivência de cada grupo. Mas pensar a cultura como sendo resultado de movimento, multiplicidade, trocas e fusões é indispensável para a compreensão do sistema cultural no mundo contemporâneo e do mesmo modo do universo da cultura popular, hoje muito mais dinâmica e voltada para o mundo que a rodeia. A cultura popular não pode mais ser “colocada numa redoma, congelada no tempo e mostrada como uma expressão anônima, ágrafa e passadista” (AMORIM, 2004, p. 6).

Portanto, para pensar a cultura popular no mundo contemporâneo, necessário se faz perceber que esta não é estática, tampouco isenta das influências do mundo, e que esta, por sua vez, reflete, reproduz e assimila a realidade. Por ser um fenômeno social, deve ser percebida como “móvil, adaptável, mutante, reciclável, dinâmica. (...) Um processo” (AGRA, 2000, p. 77).

A cultura popular como sinônimo de tradição não deve mais ser vista de modo oposto à modernidade, **confrontador**, mas primordialmente de modo **integrador**. O que queremos dizer é que, no contexto atual não existe uma modalidade **pura** de cultura, ou seja, não podemos pensar o universo da cultura popular como isento da influência das outras modalidades de fazer cultural. Conforme Catenaci (2001, p. 35), “o termo tradição não implica, necessariamente, uma recusa à mudança, da mesma forma que a modernização não exige a extinção das tradições”.

A partir da década de 90 do século XX, a cultura popular assume outro papel na sociedade, se reveste de uma nova conotação e essa nova perspectiva contribui para que a cultura popular seja entendida como uma fonte de “estabilidade de padrões”, continuidade e raiz, ou seja, um instrumento de reconstrução da memória e de fortalecimento da identidade local. E o mais importante é que essa nova perspectiva contribui para desmistificar a idéia de superioridade cultural, difundir respeito e aceitação e disseminar a necessidade de viver junto.

Para Mello (2004, p. 14), o fato do Brasil, na última década, vir dando uma ênfase especial ao saber e ao fazer popular implica no “reconhecimento da emergência da cultura popular como autoridade representativa de uma visão de país associada com a idéia de nação ligada ao povo. O reconhecimento da interpelação interrompida da nação, a resignificação da arte e das manifestações culturais do povo como signos do nacional.”

Mesmo que essa valorização seja com fins específicos, em que, na maioria das vezes, a tradição precise ser “(re)inventada”, as antigas tradições cedem lugar às “tradições construídas e institucionalizadas” que se estabelecem com rapidez, “normalmente reguladas” e “abertamente aceitas”, mas que de algum modo representam continuação com o passado do grupo (HOBSBAWN e RANGER, 1997, p. 9).

Na verdade, todo debate em torno do universo da cultura popular é polêmico e contraditório. Independentemente dos avanços dos estudos na área, as concepções continuam múltiplas, vão do tradicionalismo dogmático às visões transformadoras do modernismo. No entanto, seja qual for a percepção, é necessário compreender que, a partir

da década de 90 do século XX, a cultura popular assume outro papel na sociedade, assume uma nova conotação.

A cultura popular passa a interessar muito mais do que simplesmente como fator de identidade nacional. Revela um semi-reconhecimento de uma alteridade, reivindicando e denunciando, sinuosamente, as discriminações e as cidadanias de “segunda classe”. Dentro dessa perspectiva, a cultura popular faz emergir também a dignidade e o reconhecimento. [É onde] apreendem-se “vozes” de uma sociedade mais tolerante com as diferenças culturais (...), [Torna-se o reflexo de uma] época em que predomina um caleidoscópio cultural e étnico acelerando a epifania de uma cultura afetada pelo processo de globalização (MELLO, 2004, p. 10).

Essa nova perspectiva contribui para que a cultura popular seja entendida como uma fonte de “estabilidade de padrões”, continuidade e raiz, ou seja, um instrumento de reconstrução da memória e de fortalecimento da identidade local. E o mais importante é que essa nova perspectiva ajuda a desmistificar a idéia de superioridade cultural, difundindo o respeito e a aceitação de nossa diversidade.

Em estudos sobre a cultura popular no início dos anos 80 do século XX, Nestor Garcia Canclini fazia uma série de questionamentos que ainda continuam válidos. Uma de suas indagações diz respeito à identidade da cultura popular: “criação espontânea do povo, a sua memória convertida em mercadoria ou o espetáculo exótico de uma situação de atraso que a indústria cultural vem reduzindo a uma curiosidade turística?” (CANCLINI, 1983, p. 11). A essa indagação o autor responde salientando que a modernidade misturou, cruzou, mesclou o tradicional e o moderno, processo designado por ele de “hibridação”. Nos seus estudos, Canclini mostra que a modernidade, apesar de diminuir o papel do popular, não o suprime, mas o redimensiona. Na maioria das vezes, sofre inovações, suas formas são recriadas, teatralizadas.

À própria cultura popular e ao povo cabe **reinventar, recriar e ressignificar** o seu saber e o seu saber-fazer. Revelar a todos que seu universo vai além da conservação, preservação ou resgate, de modo que possamos perceber, também a sua dimensão **sincrônica**. Como diz Amorim (2004, p. 6), em se tratando de cultura popular, é imprescindível mostrar que a “tradição está em permanente adaptação, atualização, frente à realidade contemporânea”.

Essa noção de que a cultura popular está aberta às influências externas e, mais importante, que é “situada num lugar material” firmemente colocada dentro de um contexto histórico específico, nos permite perceber a cultura popular a partir da sua inserção no contexto da globalização, procurando apreendê-la como resultado do cotidiano de uma comunidade envolvida num macro contexto histórico, coexistindo com uma dada realidade; por sua vez, direta ou indiretamente, incorpora as transformações do mundo.



Sincrônico

Adjetivo que qualifica algo que é próprio do contemporâneo, que ocorre no tempo presente.



Atividade 3

Tomando por base as manifestações culturais sugeridas abaixo, comente as mudanças que estão acontecendo no nosso cotidiano e que redimensionam a nossa cultura popular:

- a)** Festas – transformadas em mega-espetáculos, em mercadoria: Veja-se, por exemplo, a Festa do Bode Rei, o São João de Campina Grande, de Caruaru e de outras cidades nordestinas

- b)** Danças estão sendo espetacularizadas, estilizadas, teatralizadas: perderam a função social e a identidade, ex: maracatu, ciranda, quadrilhas, coco de roda

- c)** Culinária – restaurantes especializados em comidas típicas promovem a sofisticação da culinária caseira. Exemplos desse espetáculo culinário podem ser vistos em promoções do tipo: Festival da Carne-de-Sol, Festival da Fava (Queimadas-PB), Festa do Abacaxi, restaurantes de comidas regionais, inclusive em shoppings centers etc.

- d)** Artesanato - transformados em objetos de decoração para ricos – perdem a funcionalidade: ex: a panela de barro vira enfeite, como também o abano e o candeeiro; a boneca de pano ornamenta lojas, restaurantes, casas de shows etc.

Pano pras mangas...

Como vimos ao longo desta aula, a discussão em torno da cultura popular é rica e empolgante. Afinal de contas, tratamos de conceitos e usamos exemplos que nos são bem familiares. Devemos, portanto, sempre considerar essa riqueza cultural em nossos momentos de aprendizagem. Impossível separar a compreensão do espaço geográfico de elementos culturais que lhe são constitutivos.

Material complementar

Filme – O homem que desafiou o diabo (Brasil, 2007, direção: Moacir Góes, 106 minutos).

O filme conta a história do caixeiro viajante José Araújo, que se mete numa grande “furada”. Vítima do golpe de uma solteirona, filha de um comerciante “turco” avarento, se vê obrigado a casar com a quarentona e mudar seu estilo de vida. De boa vida, alegre e sedutor passa a capacho do sogro e escravo sexual da mulher. Quando descobre que é motivo de **mangoça** de toda a cidade, revolta-se, vira a mesa, muda de nome (passa a se chamar Ojuara – Araújo ao contrário) e vai ser bandoleiro. O bom do filme é que reúne uma série de histórias de trancoso, mexe com nosso imaginário popular, pois há uma engraçada peleja com o diabo, “causos” de butijas e almas do outro mundo, o aparecimento da Mãe de Pantanha etc.). Não deixe de assistir, você vai dar excelentes gargalhadas e lembrar daquelas estórias tão comuns em nosso interior nordestino.

Livros – Sabemos que a literatura popular é representada pelo cordel. No entanto, vamos indicar aqui leituras de caráter mais acadêmico e até erudito sobre a cultura popular. Existem livros interessantes, por exemplo: as riquíssimas obras de Câmara Cascudo e Ariano Suassuna. Para esta aula, vamos indicar particularmente dois livros.

Para rir até chorar... Com a cultura popular, escrito pelo Marcos França, um apaixonado pela cultura popular, trata sobre poesia, cantorias, emboladas, cordel, romances, adágios, ditados e ditos populares. Além de apresentar uma seleção dos versos, canções, repentes, etc. Os mais famosos, nos oferecem uma riquíssima aula sobre as regras e o gênero da cantoria, considerando os instrumentos, o mote, a estrutura poética etc.

Plantas, Prosa e Poesia do Semi-Árido, escrito pelo professor Daniel Duarte Pereira, que se declara ultra apaixonado pelas “coisas” do Nordeste. O livro reúne botânica, medicina popular, música e poesia. Apresenta a flora nativa da região (inclusive através de fotografias lindas), suas propriedades e seus usos. Por fim, traz receitas da medicina popular e poesias cujos temas são a flora nativa do Semi-Árido.



Resumo

Vimos nesta décima segunda aula que a cultura popular é uma modalidade cultural própria do povo, ou seja, originalmente produzida pelas camadas mais pobres de uma sociedade, ainda que, posteriormente, passe a ser (re) conhecida também pela elite. Vimos que no Nordeste brasileiro há exemplos muito significativos de cultura popular, tanto no campo da música e da dança, quanto entre jogos e brinquedos infantis, passando pela culinária e na produção de utensílios artesanais. Por fim, estudamos a resignificação da cultura popular, que traduz a busca de novos caminhos para o fazer-saber do povo, na conjuntura de um mundo globalizado.

Auto avaliação



A partir das informações que lhe foram passadas ao longo desta aula, elabore sua própria explicação conceitual para o que designamos **cultura popular**.

Referências

AGRA, M. C. M. Cultura popular: desmistificando (pré)conceitos. In: **Cultura Local – Discursos e práticas**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.

AMORIM, M. A. **Folclore: saber tradicional do povo**. In: Revista Continente Documento. Ano 2, n. 24/2004.

ARAÚJO, W. T. (org.). **Cultura Local – Discursos e Práticas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

- AYALA, M. Cultura, etnia e identidades: memória e resistência na cultura popular. In: **As Ciências Sociais: desafios do Milênio**. Natal/RN: EDUFRN/PPGCS, 2001. p. 508-516.
- BORBA, M. A. B. Saberes e fazeres do povo – **Resgate da cultura popular na Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2006.
- CANCLINI, N. G. **Culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CASCUDO, L. C. **Civilização e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CATENACI, V. **Cultura popular**: entre a tradição e a transformação. In: Revista São Paulo em Perspectiva. v. 15, n. 2, abr/jun 2001.
- EDELWEISS, F. **Apontamentos de Folclore**. Salvador: EDUFBA, 2001
- FRANÇA, M. **Para rir até chorar... Com a cultura popular**. João Pessoa: Filipéia, 2006.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. Trad. Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MEDEIROS, Irani (Org.). **Leandro Gomes de Barros – No reino da poesia sertaneja**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.
- MELO, B. A. A. **Cultura popular e multiculturalismo**. In: Revista Vivência – dossiê Cultura Popular. n. 27, 2004.
- MELLO, L. G. **Antropologia cultural**: iniciação, teoria e temas. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MORIN, E. **O método IV** – As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Portugal: Europa-América, 1991.
- PEREIRA, D. D. **Plantas, Prosa e Poesia do Semi-Árido**. Campina Grande: EDUEFG, 2005.
- QUIRINO, J. **Prosa morena**. Recife: Bagaço, 2001
- _____. **Bandeira nordestina**. Recife: Bagaço, 2006.
- SOLER, Luis. **Origens árabes do folclore do Sertão brasileiro**. Florianópolis: Editora da UFCS, 1995.
- THOMPSON, E. P. Introdução. In: **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

A cultura enquanto mercadoria

Aula

13



Apresentação

Nesta aula, vamos considerar uma das estratégias utilizadas pelo homem para divulgar sua cultura, considerando que vivemos uma época de grandes possibilidades tecnológicas que favorecem uma convivência da sociedade com artefatos artísticos antes acessíveis apenas a pessoas com maior poder aquisitivo. Veremos que a cultura passou a ser um bem de consumo mediante o que normalmente conhecemos por indústria cultural e que seu principal produto é a chamada cultura de massa. Os meios de comunicação e os investimentos tecnológicos muito contribuíram para consolidar a indústria cultural e a cultura de massa.

Esta aula traz informações que, de certa forma, retomam assuntos e conceitos já tratados em momentos anteriores. Portanto, estude com atenção toda a aula, procurando estabelecer relações com conceitos como aculturação, globalização e outros afins.

Sublinhe as idéias mais significativas e procure no dicionário o significado de palavras desconhecidas. Busque exemplos que possam auxiliar sua compreensão acerca do que tratamos aqui.

Faça todas as atividades propostas. Elas foram elaboradas para favorecer sua aprendizagem.

Lembre-se sempre: Leitura e escrita são fundamentais para seu crescimento intelectual.

Bons estudos!

Objetivos



Ao final desta décima terceira aula, você deve ser capaz de:

- 1** entender o conceito de indústria cultural enquanto processo de produção cultural no mundo contemporâneo;
- 2** compreender a relevância dos meios de comunicação de massa na consolidação da cultura de massa;
- 3** conhecer as tendências contemporâneas de industrialização de produtos culturais.



A cultura em sua condição de produto industrial

Você assistiu ao filme “O auto da compadecida”, uma produção que ficou conhecida desde 2006 até mesmo porque foi uma adaptação para o cinema de uma minissérie global? E a telenovela “As pupilas do Senhor Reitor”, que até bem pouco tempo estava sendo reexibida à tarde pelo SBT, você tomou conhecimento? Você sabe de alguém que enfeita a sala da casa com um quadro da Monalisa ou da Santa Ceia? Dificilmente alguém desconhece essas pinturas não é mesmo? Pois saiba que essas manifestações de cultura tão conhecidas em nossos dias têm características em comum:

- A primeira delas é que são reproduções de obras artísticas reconhecidamente valiosas, integrantes do que convencionamos chamar *cultura erudita*, modalidade estudada *em nossa* décima primeira aula. Pois bem: *O auto da compadecida* é um dos romances do escritor paraibano Ariano Suassuna, reconhecido como uma das grandes expressões da Literatura brasileira contemporânea; *As pupilas do Senhor Reitor* é uma obra literária do século XIX, de autoria de Julio Diniz, muito representativa do Romantismo português; já a Monalisa e a Santa Ceia são as obras mais conhecidas do pintor renascentista italiano Leonardo Da Vinci;
- O outro fator interessante é que passaram a ser (re)conhecidas por um grande público justamente por causa dessa reprodutibilidade, ou seja, imaginem que os quadros de Da Vinci estivessem desde o século XV até os dias de hoje bem guardados num museu em Paris: será que teríamos tido a oportunidade de pelo menos saber que existia uma Monalisa? Da mesma forma, os romances de Ariano Suassuna e Julio Diniz chegaram ao conhecimento público justamente a partir de suas respectivas adaptações.

Por outro lado, há quem faça a seguinte pergunta:



Vale mesmo a pena tomar conhecimento dessas obras a partir de reproduções, ou seja, essa atitude não configura uma desqualificação da obra original?

Vamos então estudar alguns aspectos conceituais da chamada Indústria cultural, de modo que possamos entender esse fenômeno tão presente em nossos dias. Desde nossa primeira aula, vimos que toda cultura humana é fruto de um trabalho, e que o trabalho propicia ao homem a sobrevivência condizente com seu meio geográfico e social. Assim, todos os artefatos, todo nosso modo de vestir, de comer, nossas práticas religiosas e políticas, nossas festas, a maneira como nos relacionamos com o próximo, tudo isso faz parte de nosso alicerce cultural.

Ao final do século XVIII, o trabalho humano começou a vivenciar uma transformação extremamente significativa se comparado ao trabalho artesanal, praticado em momentos anteriores de nossa história: o advento da revolução industrial e todos os seus desdobramentos nos séculos subseqüentes impuseram, efetivamente, uma nova maneira de trabalho que influencia, inclusive, a produção dos bens culturais do tipo artísticos.

Para entender melhor essa questão, podemos observar o quadro a seguir, que expõe, numa síntese comparativa, alguns elementos demarcadores da diferença entre produção artesanal e produção industrial:

Produção artesanal	Produção industrial
Artefatos sob encomenda	Produção em série
Uso de ferramentas simples	Uso de máquinas, ou seja, meios mecânicos de produção
Não há preocupação com excedente de produção	Necessidade de estratégias de fomento ao consumo
Não há preocupação com lucratividade	O sentido da produção é o lucro
Relação interpessoal entre artesão e usuário	Produtor conhece o público consumidor – e não as pessoas individualmente – a partir das pesquisas de mercado.

Com o amadurecimento da era da produção industrial, a rede de manufatura e comercialização ficou mais complexa, a ponto de transcender os bens materiais tangíveis, ou seja, palpáveis, e passar a valer também para os chamados bens intangíveis, imateriais, a exemplo das obras artísticas, dos ícones religiosos, das festas etc. Por conseguinte, “a indústria cultural é fruto da sociedade industrializada, do tipo capitalista liberal. Mas especificamente, a indústria cultural se concretiza a partir da consolidação da sociedade dita de consumo” (COELHO, 1989, p. 29).

Por outros termos, devemos compreender que, a priori, quando tratamos de Indústria cultural, temos em mente a produção em larga escala de objetos de arte, os chamados *bens simbólicos* que até meados do século XX eram vistos com diferentes dos chamados *bens materiais* (ECO, 1987).

O produto da Indústria cultural tem várias designações: cultura de massa, *masscult*, cultura industrial, cultura pop. As expressões mudam de acordo com a leitura que cada estudioso faz do universo constitutivo da sociedade capitalista, ora priorizando a arte, ora o consumo, ora o produto. Em todo caso, podemos dizer que a condição básica para a existência da Indústria cultural é o aparecimento de uma nova lógica de relação econômica que surge a partir do advento da Revolução Industrial, como vimos anteriormente.

Segundo Caldas (1986, p. 83),

A cultura de massa consiste na produção industrial de um universo muito grande de produtos que abrangem setores como moda, o lazer no seu sentido amplo, incluindo os esportes, o cinema, a imprensa escrita e falada, os espetáculos públicos, a literatura, a música, enfim, um número muito grande de eventos e produtos que influenciam e caracterizam o atual estilo de vida do homem contemporâneo do meio urbano industrial.



E por que os meios de comunicação de massa foram tão significativos na consolidação da Indústria cultural?

Em primeiro lugar, conforme ressalta Benjamin (1982, p. 213) a reprodução técnica viabilizou uma certa independência das reproduções artísticas. Os meios de comunicação facilitam a divulgação em larga escala dessas adaptações, de forma que a apreciação de um trabalho como “Romeu e Julieta” de Shakespeare, por exemplo, é bem mais ampla através de uma adaptação da peça teatral para o cinema ou TV, do que propriamente mediante uma encenação circunscrita a um teatro onde poucas pessoas têm acesso.

Além de Walter Benjamin, outros teóricos, a exemplo de Theodor Adorno e Max Horkheimer dedicaram-se a realizar estudos críticos sobre a nova forma que assumia a sociedade capitalista em decorrência do elevado processo de urbanização e desenvolvimento tecnológico. Aliás, a expressão Indústria Cultural foi criada por Adorno e Horkheimer, em 1947, em análises acerca do grau de influência que o desenvolvimento e propagação dos meios de comunicação exerciam sobre a sociedade como um todo.

Na concepção destes estudiosos, exposta na obra a **Dialética do Esclarecimento** (1947), a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança, faz parte de um projeto que pretende dar aos indivíduos a ilusão de serem independentes, quando na verdade os torna cada vez mais submetidos ao poder do capital. O **rádio e o cinema** não passavam de instrumentos ideologicamente manipulados para legitimar o lixo cultural que propositalmente produziam, voltado apenas para fins comerciais. Por conseguinte, a divulgação de “bens” culturais pretendia determinar um padrão de consumo único em todo o mundo, reduzindo a arte à condição de mercadoria.

O objetivo dos teóricos era mostrar que a Indústria cultural, através dos meios de comunicação, funcionava como um instrumento para tornar os indivíduos incapazes de julgar e decidir conscientemente, impedindo-os de ter contato com uma cultura verdadeiramente esclarecedora e de *bom gosto*.

Com o passar dos anos...

Os sistemas que promovem a produção em larga escala dos chamados bens simbólicos ou bens culturais cresceram na mesma proporção das indústrias que produzem os bens tangíveis ou materiais. A lógica da produção, que considera desde o planejamento criterioso dos produtos até a **logística** que nos propicia o acesso a tais produtos, promoveu até mesmo a ampliação do sentido original do termo indústria cultural. Nos dias de hoje, além da possibilidade da reprodução ou recriação da cultura erudita, o *fabrico* da cultura de massa ou cultura pop tem a mesma importância, em termos econômicos, para as sociedades e grupos empresariais voltados ao fomento neste setor.

Neste sentido, são emblemáticos, por exemplo, os casos de Hollywood – pólo industrial americano voltado à produção cinematográfica; no caso brasileiro, podemos citar:

- o complexo liderado pela Rede Globo, por sua hegemonia na produção do entretenimento em telenovelas, minisséries, na indústria fonográfica através da gravadora Som Livre e, mais recentemente, por sua incursão no cinema através da Globo Filmes;
- e a Mauricio de Sousa produções Ltda., líder no mercado do entretenimento infanto-juvenil, com todo seu arsenal de produtos relacionados à Turma da Mônica.

Vale salientar que, no caso brasileiro, esse crescimento da indústria cultural começou ainda na primeira metade do século XX, conforme melhor nos esclarece Noya Pinto (1989, p. 53):



Rádio e o cinema

Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e outros teóricos faziam parte de um grupo que ficou conhecido como *Escola de Frankfurt*. Na época dos primeiros estudos voltados à Indústria cultural, ou seja, os anos 40 do século XX, tais estudiosos se referiam preferencialmente ao rádio e ao cinema enquanto meios de comunicação voltados à massificação da cultura. Naturalmente, nesse tempo, ainda não existia o convívio das sociedades com a televisão e muito menos com a Internet.

Logística

Aparato de distribuição de mercadorias; sistema de apoio que facilita acesso do consumidor final a determinado bem ou serviço.

A indústria do disco se desenvolve com a expansão do rádio, principalmente pela criação dos mitos da música popular brasileira, como Carmem Miranda, Francisco Alves, Orlando Silva (...) Paralelo ao rádio, outro grande meio (de divulgação da cultura de massa) nas décadas de 30 e 40 foi o cinema. A passagem do cinema mudo para o sonoro marcou a hegemonia dos Estados Unidos no setor e o Brasil passou a ser um dos seus grandes mercados.



Atividade 1

Durante o primeiro momento desta aula, você viu exemplos de produtos resultantes da chamada Indústria cultural. Citamos o filme O Auto da Compadecida, a telenovela As Pupilas do Senhor Reitor, as réplicas populares da Mona Lisa e da Santa Ceia.

Agora é sua vez...



Pesquise sobre outros produtos da Indústria cultural que caracterizam reproduções da arte erudita. Faça, no espaço abaixo uma contextualização do material original, salientando o que é (romance, peça teatral, ópera, desenho ou pintura etc), onde e em que ano foi produzido, qual o autor, qual a importância no cenário artístico de sua época etc...

2

Em seguida, faça a contextualização da reprodução dizendo qual seu formato (se filme, telenovela, minissérie, coletânea musical, história em quadrinhos, quadro ou escultura ornamental etc.). Em seguida, indique o autor dessa adaptação, o aparato de produção (gravadora, no caso de CD, produtora, no caso de filme) etc.

3

Agora responda: Você conhecia a obra original? E valeu a pena conhecer tal obra a partir da adaptação que foi feita dela. Por quê?

Você percebeu que para entender a cultura contemporânea temos que deixar de lado alguns preconceitos? Pois é, preconceitos que muitas vezes permitem qualificar as produções como “bregas” ou “chiques” podem nos impedir de entender os mecanismos de produção e circulação da chamada cultura industrial ou cultura de massa. Ainda que você não aprecie tais produtos, impossível negar, eles existem e precisam ser estudados e compreendidos enquanto resultantes das relações culturais humanas, em nossos dias.

A indústria cultural é uma coisa boa ou ruim para a humanidade?

De acordo com Coelho (1989, p. 29) o estudo da indústria cultural costuma se pautar na oposição entre cultura erudita e cultura de massa. Nesse contexto, há ainda a oposição entre a cultura popular, entendida como genuína manifestação cultural de um povo e a cultura de massa ou cultura pop, vista como resultado de uma preocupação maior com o consumo e o lucro do que propriamente com os valores das manifestações culturais propriamente ditas.

Tal **dicotomia** tem uma proporção tão significativa que favoreceu a divisão dos estudiosos do assunto em *apocalípticos* e *integrados* (ECO, 1987). Os apocalípticos compõem o grupo de intelectuais que protestam contra o advento da industrialização da cultura sob o argumento de que a reprodutibilidade técnica de obras artísticas desvirtua alguns de seus princípios mais importantes como a originalidade e a preservação dos direitos do autor. Para esse grupo, a indústria cultural favorece a morte da obra de arte, pois compromete toda sua *aura*, toda sua condição de representar a essência do gênio artístico em seu contexto sócio-histórico. Um dos maiores representantes desta corrente é justamente Walter Benjamin, que teve seus argumentos apresentados pela primeira vez em 1936, no artigo intitulado **“A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”**, até hoje indispensável à reflexão deste fenômeno.

Por outro lado, o grupo designado como integrados defende a importância da indústria cultural, sob o argumento de que esta possibilidade favorece a democratização dos bens culturais antes circunscritos à nobreza. Para intelectuais como Marshall McLuhan, é injustificável o confinamento da produção artística da humanidade ante a evidência do desenvolvimento tecnológico, desde a invenção da tipografia por Gutenberg, no século XV. Parte de suas idéias aparece no artigo **“Visão, som e fúria”**, publicado pela primeira vez em 1954: “De fato, a descoberta do tipo móvel (tipografia) foi o ancestral de todas as linhas de montagem e seria tolice desprezar o impacto da forma tecnológica envolvida na impressão sobre a vida psicológica dos leitores” (MACLUHAN, 1982, p. 153).



Dicotomia

Oposição.

“A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”

Tal artigo aparece em nossas referências bibliográficas a partir de uma coletânea brasileira de 1982, organizada por Luiz Costa Lima.

“Visão, som e fúria”

Como você pode conferir nas referências, este artigo também faz parte da coletânea do professor brasileiro Luiz Costa Lima, organizada em 1982. Essa coletânea contém textos clássicos acerca de Indústria Cultural e Cultura de Massa, de modo que ainda são valiosos na compreensão deste fenômeno, em nossos dias.



Tendo por base os exemplos da atividade anterior, bem como os argumentos brevemente esboçados de integrados e apocalípticos acerca de indústria cultural, elabore um artigo de opinião argumentando sobre o papel da cultura de massa em nossos dias. Você pode ser contra, a favor ou relativizar mostrando aspectos positivos e negativos da cultura de massa contemporânea. Afinal de contas, é a cultura de massa um mal necessário? É possível conceber a arte contemporânea sem o aporte dos aparatos tecnológicos e sem a divulgação mediada pela comunicação de massa? De que modo a indústria cultural interfere no gosto do público e nas produções disponíveis no mercado? São questões como essa que você deve focalizar em seu artigo, que deve trazer um título e, no mínimo, um parágrafo de introdução ao assunto, dois parágrafos para sua argumentação e um parágrafo conclusivo, em que você expõe sintetiza as idéias e elabora suas considerações finais.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.

Indústria cultural e cultura de massa: tendências contemporâneas

Como pudemos perceber até agora, a industrialização de produtos culturais não é um fenômeno recente. Porém, alguns itens são bastante significativos para atestar o amadurecimento desse setor da economia contemporânea:

- Maior descartabilidade dos produtos
- Deslocamento das fronteiras geográficas
- Sofisticação na promoção dos produtos
- Peculiaridades do uso da rede mundial de computadores – a Internet – no tocante a este setor
- Revisão de conceitos: em termos de cultura contemporânea, qual a fronteira entre o pop e o popular?
- Em se tratando do caráter descartável dos bens culturais, Baudrillard (1981) elabora alguns conceitos para explicar a lógica produtiva que lhes é inerente nos dias de hoje.

Assim, os produtos são perpassados pelo que o autor designa **Lei da obsolescência programada**, ou seja as produções devem ser efêmeras (passageiras), com uma curta durabilidade já prevista desde seu lançamento no mercado. Exemplo: os filmes da Xuxa e da Turma do Didi, sempre lançados estrategicamente em períodos de férias escolares. Mesmo que você possa adquirir e guardar o DVD do filme, que encanto ele tem frente ao novo lançamento? A mesma coisa ocorre com os CDs de forró: note que a cada São João há uma leva de novos lançamentos; o mesmo ocorre com os lançamentos das bandas baianas de axé, a cada carnaval, e assim por diante.

Um outro conceito significativo desse autor é a **Menor Diferença Marginal**, explicado pela preocupação da indústria contemporânea em trazer uma oferta incalculável de produtos diferentes entre si apenas por detalhes muito pequenos, insignificantes, mas que movimentam o mercado a partir da cultura do consumismo. Observe, por exemplo, que as bandas de forró costumam identificar-se em meio a shows e mesmo nas gravações em CDs: de tão parecidas, recorrem a esse recurso para identificarem-se junto ao público...

- A cultura de massa também reorienta topografias, algo que nos parece muito significativo para você, estudante de geografia. Isso quer dizer que a noção de fronteira geográfica é algo que nos dias de hoje extrapola e muito as divisões meramente geopolíticas. Veja por exemplo, que o fato de ter nascido na região centro-oeste do Brasil e gravar músicas

ditas sertanejas, não impõe ao cantor e compositor Leonardo o rótulo de cantor goiano inviável para o sucesso em outras regiões. O mesmo ocorre com a banda paraense Calypso, com os filmes americanos que nos chegam na condição de totalmente familiares, apesar de produzidos e ambientados em outro país e assim por diante. Por outro lado, veja o que diz Ortiz (2000, p. 198-200) acerca do cinema indiano:

Do ponto de vista quantitativo, a Índia é a maior indústria cinematográfica do mundo. No entanto, como dizem os mercadores globais, seus produtos não são 'exportáveis'. Por quê? Uma resposta possível está no nível da distribuição(...) Global/nacional, mundial/local. Essas dicotomias não recortam apenas limites espaciais, mas se revestem de um valor simbólico(...) Dentro desta perspectiva, o cinema indiano é 'paroquial', 'provinciano', pois seu alcance se conforma as fronteiras de um país.

Tais constatações nos levam a indagar: Quais os critérios contemporâneos de demarcação geográfica de um povo, de uma cultura? De que maneira o modo capitalista de produção interfere nessa nova configuração topográfica dos espaços? Atualmente, é mais interessante para um país a preservação de suas fronteiras culturais, como ocorre na Índia, ou a disseminação do fim dessas fronteiras, num favorecimento explícito aos movimentos de aculturação, como se observa no Brasil? Estas são questões verdadeiramente inquietantes para todos nós que nos propomos a pensar o mundo em que vivemos.

- Os produtos da indústria cultural recebem a cada dia uma **embalagem** mais sofisticada. Doravante, os produtos da cultura de massa nos chegam sob um invólucro multimidiático. O que isso quer dizer? Os produtos contemporâneos não envolvem apenas um único suporte tecnológico, e tem resultado de grandes complexos industriais, sufocando produções oriundas de micro e pequenas empresas, algo bem significativo no âmbito da produção do entretenimento.

Podemos exemplificar tal questão a partir de vários objetos que nos cercam cotidianamente. Tomemos nesse caso uma minissérie, tipo de produção ficcional contemporânea caracterizada por ser mais curta que as telenovelas convencionais e por ter enredos mais vinculados a uma única temática. Pois bem: a partir de seu lançamento na televisão uma série de outros produtos vem a reboque, a exemplo do CD com a trilha sonora, o DVD com seus capítulos condensados, as revistas ou suplementos de jornais voltados para o acompanhamento sistemático da trama e assim por diante. Isso significa uma cadeia produtiva complexa que assegura a hegemonia dos pólos industriais de grande porte.

- A rede mundial de computadores – a Internet - naturalmente contribui para uma nova configuração da cultura de massa no mundo contemporâneo. Esse redimensionamento passa, inclusive, pela necessidade de discussões em torno de itens como direito autoral, com enfoque para as leis de repressão à pirataria. E pelo modo como doravante os produtos podem ser comercializados no ambiente virtual. Nesse particular, a Indústria cultural vive um momento ímpar, para o qual ainda não se tem modelos acabados de demarcação produtiva.

- Por fim, um dos questionamentos mais evidentes neste campo diz respeito as fronteiras entre a cultura pop e a cultura popular. Aliás em nossa região nordeste temos um caso bem emblemático dessa discussão considerando a popular dicotomia entre o chamado forró pé-de-serra e o forró eletrônico. Afinal, o forró pé-de-serra é atualmente uma autêntica manifestação de nossa cultura popular? Até que ponto sua incursão no universo da indústria cultural compromete esta sua alardeada autenticidade? Por outro lado, a negação das possibilidades tecno-industriais não condenaria o forró a extinção?

Além dessas questões que permeiam o binômio *cultura pop* e *cultura popular*, devemos considerar ainda que, não raro, um produto tido como próprio da cultura pop pode num outro momento ser considerado emblema de uma cultura clássica. Coelho (1989) traz essa questão apontando o exemplo de Charles Chaplin, visto em sua época com preconceito pela teor popularesco de seu personagem Carlitos, e hoje reconhecido como um dos gênios do século XX por todo seu pioneirismo no âmbito da chamada sétima arte.



Atividade 3

Observe com atenção as ilustrações abaixo. Não esqueça de ler a legenda.

II Encontro da Música Regional de Raiz

10 a 16 de Dezembro

Praça da Bandeira
Teatro Municipal
Feira Central

Homenageando
Zabé da Loca

oficinas e
apresentações musicais

Lia de Itamaracá
Nelson da Rabeca
Mestre Salustiano
Benedito do Rojão

Realização

SESC **SESC**

Paraíba Nacional

Apoio:

GOVERNO DA PARAÍBA

Fotos: Fernanda Souza

Zabé da Loca, tocadora de pífanos, vive no município de Monteiro-PB. Sua arte ficou conhecida a partir de iniciativas voltadas à promoção da cultura popular: No alto, a esquerda, participação da pifeira em um show da grife Cavaleira, em Belo Horizonte-MG (veja do lado direito a participação também das protagonistas do filme “A pessoa é pra que nasce”, recomendado nesta aula); em baixo, a capa de seu segundo CD: e no lado direito, cartaz de uma homenagem a artista promovida pelo SESC. Como podemos ver, a cultura popular vem sendo difundida a partir de mecanismos próprios da chamada Indústria cultural, tornando cada vez mais tênue a fronteira entre essas duas possibilidades de manifestação artística.

Aproveitando o exemplo propiciado pelas ilustrações com Zabé da Loca, escreva um comentário acerca das tendências contemporâneas da Indústria cultural. Você pode partir dos seguintes questionamentos: Já conhecia Zabé da Loca? E as bandas de pífanos? A difusão dessas bandas em meios de comunicação serviu para você conhecer essa manifestação artística ou você não conhece ainda? Aliás, se você desconhecia, um “passeio” pela Internet servirá como referência sobre esta artista nordestina não é mesmo?

Pois bem: Os sopros do pífano de Zabé da Loca ocupam atualmente a ambiência da cultura de massa a partir de recursos multimidiáticos? (Observe pelas fotos acima que há cartaz promocional, apresentação em shows, lançamento de CD...)

E você considera positiva ou negativa a incursão desta paraibana tocadora de pífano no mundo da cultura industrial? Por quê? Partilhe esse comentário com seus colegas e professores no nosso ambiente virtual. Vai ser interessante conhecer a diversidade das respostas!

Material complementar

Para ampliar sua reflexão em torno da indústria cultural e cultura de massa recomendamos dois filmes. Veja a sinopses.

Filme – **A pessoa é pra que nasce**, dirigido por Roberto Berliner, produção brasileira de 2004. Duração: 85 min.

O documentário conta a saga de três mulheres cegas, bastante conhecidas nas ruas da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Maria, Conceição e Regina ganham a vida mendigando e cantando nas feiras e praças da cidade, e passariam despercebidas em sua própria comunidade se suas histórias de vida e suas músicas não tivessem vindo à tona a partir do filme. Vale a pena para refletirmos acerca da validade ou não da indústria cultural na promoção de artistas anônimos.

Filme – **O nome da Rosa**, produção franco-italo-alemã, duração de 130 mim, foi dirigida por Jean-Jacques Annaud, em 1986.

O filme é muito conhecido e conta a história de um monge medieval as voltas com misteriosos assassinatos. No contexto presente, vale ver (ou rever) o filme considerando a inacessibilidade dos livros na Idade Média e entender melhor o paradigma contemporâneo, de popularização do livro e outros tantos meios de cultura e informação. Interessante notar que o próprio filme é uma adaptação do romance “O nome da Rosa” escrito pelo italiano Umberto Eco, uma prova de nossa convivência irreversível com a reprodutibilidade técnica...

Resumo

Vimos nesta décima terceira aula que a Indústria cultural é uma possibilidade de produção artística muito em voga nos dias de hoje e que o principal produto da Indústria cultural é a chamada cultura pop ou cultura de massa. Vimos que, em meados do século XX, os cientistas sociais se dividiam entre os que defendiam a reprodutibilidade artística (os integrados) e aqueles que a condenavam (os apocalípticos). Por fim, estudamos a era da consolidação da cultura massificada que, dentre outras coisas, atenua as fronteiras entre cultura pop e cultura popular.

Autoavaliação



Demonstre sua compreensão acerca dos assuntos desta aula, elaborando sua própria explicação conceitual para os seguintes termos:

a) Indústria Cultural

b) Cultura de massa

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Edições 70, 1981.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: Lima, L.C. (org) Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 209-240.

CALDAS, Waldenyr. **O que todo cidadão precisa saber sobre cultura**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

COELHO, T. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ECO, U. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informação**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

McLUHAN, M. **Visão, som e fúria**. In: Lima, L.C. (org) Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 149-159.

NOYA PINTO, V. **Comunicação e cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ROCHA, R.; PIRES, H. S. **Minidicionário enciclopédico escolar**. São Paulo: Scipione, 2000.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

Para explicar a cultura: o suporte antropológico e sociológico

Aula

14



Apresentação



Cognitivo

Relativo à cognição.
Conhecimento; universo cognitivo - uma referência aos elementos que instituem o conhecimento acerca de determinado fenômeno.

Nesta aula, vamos retomar algumas questões anteriormente colocadas para entendermos como se constituiu o universo **cognitivo** que tem o homem, a sociedade e a cultura como fonte de produção teórica. Na sequência, discutiremos algumas das diversas correntes de pensamento, a exemplo do evolucionismo, das reflexões histórico-culturais até desembocarmos nas teorias mais recentes, voltadas à análise do universo sócio-cultural da humanidade.

Estude criteriosamente todo o material desta aula, fazendo anotações, sublinhando informações importantes, se necessário, retomando conhecimentos adquiridos em aulas anteriores. As correntes teóricas aqui abordadas podem subsidiar suas reflexões acerca de cultura e sociedade, não apenas nesta disciplina, mas em vários outros momentos de seu percurso acadêmico e profissional.

Torcemos muito por seu sucesso!

Objetivos

Ao final desta décima quarta aula, você deve ser capaz de:

- 1** Compreender que a cultura pode ser estudada à luz de diversos paradigmas e a partir de diferentes ciências;
- 2** Distinguir as abordagens antropológicas e sociológicas na explicação da cultura;
- 3** Conhecer as principais escolas de pensamento das Ciências Sociais.



Cultura: uma compreensão plural

De modo algum a ciência é simplesmente o conhecimento das relações objetivas da natureza ou dos homens. A ciência é uma interpretação da realidade, isto é, supõe uma bagagem conceitual e teórica sem a qual tudo permaneceria mudo.

A prática da ciência está ligada a um projeto que nunca é neutro e desinteressado, mas que se insere na história e nos conflitos dos homens (AZCONA, 1992, p. 12).



Paradigma

“Um paradigma é uma visão de mundo, uma perspectiva geral, uma maneira de analisar a complexidade do mundo real. Como tal, os paradigmas estão profundamente embutidos na socialização de seus praticantes. Os paradigmas também são normativos, dizendo a seus praticantes o que fazer, sem a necessidade de longas considerações existenciais ou epistemológicas” (PATTON apud MOREIRA e CALEFFE, 2006, p. 171).

Ciências Humanas

Também chamada de Ciências Sociais, Ciências do Homem ou Ciências da Cultura. São as ciências que analisam, pesquisam ou estudam fenômenos relativos ao homem – estudado a partir de sua condição humana. Fazem parte desse grupo ciências como Antropologia, Sociologia, Política, Psicologia, História, Economia, Geografia, Linguística etc (LUNGARZO, 1989, p. 18)

Ao longo da nossa disciplina, aprendemos que os homens sempre tiveram uma grande curiosidade acerca do porquê das diferenças humanas e sociais. A busca por essa explicação a princípio tomou como base a aparência física: cor de pele, cabelo e olhos, formato dos olhos, textura dos cabelos, altura etc. Gradativamente, os estudiosos perceberam que o parâmetro da aparência física não servia para explicar a diversidade. O critério mais relevante está no modo de vida, particular ou próprio de cada grupo humano. Ou seja, as diferenças seriam oriundas das formas encontradas pelo homem na busca da satisfação de suas necessidades mínimas (fisiológicas e psicológicas), a partir das condições dadas para a sua sobrevivência: a natureza, o conhecimento e o domínio do conhecimento.

A necessidade premente de conhecer-se e conhecer os outros, entender e explicar o porquê de tantas diferenças entre os grupos humanos, ao longo dos tempos, consubstanciou os modelos explicativos, que, conforme já aprendemos na segunda aula desta disciplina, são designados de **paradigmas**.

No quadro das **ciências humanas**, a maioria dos paradigmas se constituiu da confluência de saberes oriundos de distintas ciências. Cada ciência humana é composta por visões interpretativas, por meio das quais os estudiosos observam, analisam e explicam o homem, a sociedade e a cultura, a partir de circunstâncias específicas. Ou seja, a diversidade sócio-cultural é investigada por modelos explicativos edificados a partir de circunstâncias históricas específicas, dos interesses e dos objetivos envolvidos no estudo e na reflexão dos temas analisados.

Podemos afirmar que a compreensão do homem, da sociedade, da cultura ou da diversidade humana - suas manifestações, implicações, enfim, os aspectos que lhe são inerentes - não resultou do esforço de um único pesquisador ou grupo de pesquisadores, observando a mesma realidade num único lugar e numa época demarcada. Na verdade, o entendimento do homem enquanto ser plural resultou de um esforço amplo e complexo, perpassado por diversos fatores, dentre eles, o tempo, o espaço, as peculiaridades histórico-sociais e cognitivas inerentes aos sujeitos que se propuseram a tal estudo. No entanto, é necessário frisar que ao longo do processo de construção da explicação e compreensão do homem e do mundo, os paradigmas (modelos explicativos) tanto uniram quanto separaram os homens, pois em seu interior sempre se encontram presentes as concepções e os ideais de uma época.

Os paradigmas são compostos por dados de três modalidades, como nos revela Moreira e Caleffe (2006, p. 169):

Um paradigma contém três elementos: uma ontologia, uma epistemologia e uma metodologia. A ontologia levanta questões básicas com relação à natureza da realidade. A epistemologia pergunta: como nós conhecemos o mundo? Qual é a relação entre investigador e o investigado? A metodologia enfoca a maneira como nós apreendemos o conhecimento a respeito do mundo. A resposta a estas questões define o que os investigadores são e o que está dentro ou fora dos limites de uma investigação autêntica.

Por exemplo

Nas Ciências Humanas, temos o Paradigma Positivista que se orienta pela busca da objetividade nas suas investigações. O que isso significa? Que sendo este paradigma influenciado pela Doutrina Positivista baseia-se nos métodos e procedimentos utilizados pelas Ciências da Natureza, o que possibilitaria “(...) a busca da estabilidade constante dos fenômenos humanos, a estrutura fixa das relações sociais e a ordem permanente dos vínculos sociais” (CHIZZOTTI, 2006, p. 340).

Ou seja, para os estudiosos que se regem pelos pressupostos positivistas o mundo social é racional e explicável a partir da quantificação (análise estatística). Em consequência, qualquer estudioso que se utilize das mesmas variáveis deve chegar as mesmas conclusões. Em outras palavras, “(...) o positivismo postula que o mundo social é externo à cognição do indivíduo, é um mundo real constituído de fatos rígidos, tangíveis e relativamente imutáveis que podem ser observados, medidos e conhecidos pelo que eles realmente são.” (MOREIRA e CALEFFE, 2006, p. 179).

Cada paradigma acolhe uma série de abordagens ou correntes de pensamento distintas, estas se fundamentam e orientam-se pelos objetivos propostos a partir do por quê e para que conhecer. Assim, a escolha dos aspectos que se deseja estudar no objeto é consubstanciada no percurso que cada estudioso encontra para chegar ao conhecimento. A cultura, por exemplo, pode ser estudada sob o prisma das relações sociais, das instituições, do comportamento em algumas situações do cotidiano, religião, organização política, festas etc., ou seja, pode ser estudada, concebida ou entendida de acordo com o interesse e os instrumentos de análise (teorias e métodos) utilizados por cada estudioso.

Mas no caso da cultura, esta tanto se constitui em objeto de estudo, conceito como também é paradigma por meio do qual é possível elaborar uma explicação do homem e da sociedade. A cultura é um instrumento de análise, um mecanismo de interpretação e compreensão da diversidade humana e, por sua vez, também se encontra intrinsecamente relacionado a interesses específicos.

O paradigma da cultura é composto por um conjunto diversificado de escolas teóricas, orientações filosóficas ou pressupostos ideológicos. A razão desta multiplicidade encontra-se no fato de que conhecer o universo da cultura tornou-se uma forma de contribuir para o entendimento da natureza humana, sem contar que através da compreensão do universo cultural é possível propor ou encontrar alternativas e soluções para os problemas sociais, planejar formas de promover o convívio harmonioso entre os grupos humanos e o desenvolvimento equilibrado dos mesmos.

Em torno da obtenção das prerrogativas anteriormente mencionadas, se constituíram várias ciências humanas, mas em se tratando especificamente da ênfase no estudo da cultura, apresentaremos nesta aula (de forma sucinta) algumas das teorias que dão sustentação a essa área de interesse e no nosso caso nos interessam as teorias que foram elaboradas pelas ciências Antropologia e Sociologia.

A Antropologia e a Sociologia, dentre todas as Ciências Humanas, são as que mantêm relações de maior proximidade, chegando inclusive a provocar confusões diante da dificuldade de definição da área de atuação de cada uma. Para muitos, a linha que separa as duas é muito tênue, mas na verdade existem profundas diferenças entre elas, desde a forma que se apropriam dos dados, até o uso que fazem dos mesmos. É certo que existem diferenças de caráter teórico, metodológico e conceitual, mas a diferença é marcante no que diz respeito ao interesse, a forma de realizar o trabalho, aos objetivos e ao uso ou aplicação do conhecimento produzido.

No que diz respeito à concepção, uso e aplicação do conceito de cultura, podemos dizer que este assume função diferenciada para cada uma. A Antropologia toma o conceito de cultura como seu principal instrumento de análise e interpretação, já que para esta ciência todas as formas de manifestações do homem são de caráter cultural, produto de sua criação e obtida mediante a endoculturação. Assim, os antropólogos estão mais interessados em pequenas sociedades, pequenos grupos ou em grupos denominados minoritários, estão interessados nas suas práticas culturais e nas relações decorrentes destas.

A técnica mais utilizada nas pesquisas antropológicas é a observação participante, pois para o antropólogo o trabalho de campo funciona como uma possibilidade de produzir um conhecimento legítimo e muito mais próximo do real, mostrando o que se encontra por trás da aparência. Entender e explicar a diversidade e o comportamento humano é o interesse central da antropologia contemporânea, sendo dessa forma possível destituir a intolerância e promover os preceitos essenciais ao bom convívio humano. Em outras palavras, o objetivo maior da Antropologia é divulgar o respeito pela diferença e derrubar o etnocentrismo, realizar aquilo que a antropóloga Margareth Mead, ao estudar o comportamento dos adolescentes das ilhas Samoas, em 1969, desejava: a partir de seus estudos instaurar uma sociedade melhor.

Enquanto a Antropologia esteve preocupada com as particularidades das sociedades e culturas, a Sociologia esteve voltada ao desenvolvimento de modelos teóricos que explicassem as causas das diferenças e desigualdades entre as sociedades e as culturas, mesmo consciente da complexidade das sociedades no mundo contemporâneo. Os

sociólogos estão mais voltados para o estudo dos grandes grupos e dão grande importância às chamadas patologias sociais: violência, desemprego, pobreza, delinquência, conflitos, preconceitos, estratificação e desigualdades de modo geral. Mas também se interessam por relações de poder: Estado, família, desenvolvimento, populações e processos sociais.

A Sociologia é uma ciência que se diferencia muito da Antropologia não só por estar muito centrada no estudo das formas de organização, dos fenômenos e problemas sociais, mas sobretudo por ter como principal interesse encontrar soluções de ordem prática para os desequilíbrios que atingem a sociedade como um todo, ou seja, preocupa-se com a promoção do bem-estar social. Assim, como afirma Costa (1997, p. 123), a Sociologia hoje enfrenta uma grande dificuldade: “(...) nessa sociedade globalizada, desenvolver modelos macrosociológicos capazes de dar conta de tão heterogênea e fragmentada realidade.”

Portanto, considerando as singularidades existentes entre ambas um mesmo fato/ acontecimento/relação pode ser estudado de várias perspectivas, a partir de diferentes tipos de abordagem possibilitando diferentes compreensões e explicações. Por exemplo, a Antropologia e a Sociologia se interessam por tudo que diz respeito ao homem vivendo em sociedade e por tudo que é resultado dessa relação, muitas vezes analisam o mesmo fato, abordam-no de forma distinta, dão uma nomenclatura diferenciada, mas o resultado é o mesmo, observem:

- **Endoculturação:** é o conceito utilizado pela Antropologia para definir o processo de aprendizagem cultural. Seria a ação pela qual os indivíduos internalizam os valores, as regras, os códigos, hábitos, costumes, tradições, enfim, o padrão da cultura na qual nasceu.
- **Socialização:** é o conceito utilizado pela Sociologia para designar o modo que permite ao indivíduo tornar-se **sociável**. Seria o processo social (total) por meio do qual os indivíduos assimilariam os valores, as regras, os códigos, hábitos, costumes, tradições do grupo social do qual fazem parte.





Atividade 1

De modo sucinto, vimos algumas das características que compõem o Paradigma Positivista. Existem outros paradigmas que se opõem à perspectiva positivista da busca do conhecimento. Dentre eles, temos, por exemplo, o **Paradigma Interpretativo**, uma crítica ao positivismo feita a partir da prerrogativa de que não há como entender o mundo como um dado concreto e desprovido de significados: as relações sócio-culturais pressupõem interpretação e compartilhamento desses significados. Partindo desse princípio, as Ciências Humanas produziram seu conhecimento, ou seja, a realidade social seria entendida e explicada a partir da subjetividade de cada estudioso. Desse modo:

- a) Pesquise sobre as várias tendências ou correntes de pensamento que compõem o Paradigma Interpretativo (o mais em voga nos nossos dias).
- b) Mostre, a partir da indicação de exemplos concretos, em que o objeto das Ciências Humanas se diferencia do objeto das Ciências Exatas e Ciências da Saúde.
- c) Pesquise sobre a perspectiva positivista de explicação do universo sócio-cultural e aponte falhas na construção do conhecimento a partir de tal enfoque.



Paradigma Interpretativo

Algumas tendências que fazem parte deste paradigma: Fenomenologia, Interacionismo Simbólico, Etnometodologia, Dialética, Hermenêutica etc.



Pensando a cultura humana: as escolas antropológicas e sociológicas



Métodos

Método é uma palavra que resulta da junção de dois vocábulos de origem grega: **METÁ** que significa através de/pelo qual e **HODÓS** que significa caminho. Portanto, método diz respeito aos caminhos, meios, formas, instrumentos, etapas, fases, procedimentos, maneiras que uma ciência segue para a obtenção do seu conhecimento.

Teoria

A palavra teoria designa “um organizado de conhecimentos científicos, ou seja, é um conjunto de ‘produtos’ de nossa atividade de conhecer cientificamente. Mas os elementos desse conjunto não estão isolados, sem qualquer conexão. Pelo contrário, esses conhecimentos estão vinculados por certas relações, especialmente lógicas” (LUNGARZO, 1989, p. 63).

As **escolas de pensamento** são muitas, não há como em tão poucas páginas discorrer sobre elas de forma mais detalhada. Desse modo, nos limitaremos a uma apresentação breve das principais tendências. As teorias que compõem as escolas ou correntes de pensamento mudam de uma época para outra, pois podem ser consideradas válidas até o aparecimento de uma forma de explicação mais convincente, ou até que aconteçam novas “descobertas”.

No século XIX, as Ciências Humanas se consolidaram como uma valiosa forma de conhecimento, adquiriram uma credibilidade incontestável graças a produção de um conhecimento fundamentado em **métodos** e **teorias** emergentes. No século XX, consolidou-se uma forma de saber e explicar o homem, a sociedade e a cultura que até então não se considerava possível. Este processo de consolidação ocorreu profundamente marcado pelas idéias de desenvolvimento e progresso, ou seja, pelas idéias evolucionistas. A Antropologia e a Sociologia também se enquadravam nesta perspectiva: tinham como foco descobrir as leis gerais que promoveriam as transformações, a evolução da sociedade e identificar os fatores que possibilitavam as sociedades saírem de formas de organização simples para chegar às mais complexas.

Nessa perspectiva, a Antropologia estava interessada em preencher as lacunas que possibilitariam entender quem eram aqueles que habitavam em regiões longínquas (América, África e Ásia), buscando encontrar o elo entre estes povos e o mundo europeu; por sua vez, a Sociologia, naquele mesmo momento, diante das grandes transformações sociais que ocorriam na Europa, em consequência da implantação de um novo modelo sócio-econômico, preocupou-se com a promoção da ordem e do progresso social, a partir da identificação dos fatores que provocavam problemas sociais, as mudanças no modo de vida, nas relações e nas instituições.

As ciências Antropologia e Sociologia evoluíram em intrínseca relação com a história da sociedade moderna. As teorias, os métodos, as técnicas de pesquisa, as idéias foram pensadas e elaboradas (independente da tendência) para analisar, compreender e explicar o homem, a sociedade e a cultura. O conhecimento proposto por estas duas ciências, intrinsecamente atreladas à sociedade moderna, tem o respaldo de inúmeras escolas de pensamento e suas diversas teorias:

O Evolucionismo cultural (século XIX) é a primeira escola de pensamento “formalizada” da **Antropologia**. Muitos dos seus preceitos foram influenciados pelo Evolucionismo Biológico. Os estudiosos desta escola estavam preocupados em mostrar e explicar a origem e o processo de desenvolvimento da sociedade e da cultura, por exemplo: como foi o processo de evolução da religião ao longo do tempo (Edward Taylor); a evolução da família e da cultura (compreendida a partir de estágios: selvageria, barbárie e civilização - Lewis Morgan).

No âmbito da Sociologia, há o registro do **evolucionismo desenvolvimentista** (COSTA, 1997, p. 148, 149). Um sociólogo bastante expressivo neste cenário é o americano William Wiber Rostow, que em sua obra “Estágios de desenvolvimento econômico” demarca o amadurecimento social a partir da caracterização de cinco tipos de sociedade, uma abordagem que desconsidera a diversidade histórica dos povos, pressupondo que todos têm a mesma forma original – a ‘sociedade tradicional’ – e atravessaram as mesmas etapas para chegar ao desenvolvimento.

Os evolucionistas foram muito criticados pelas escolas teóricas subseqüentes, as chamadas **Escolas Histórico-Culturais**. Apesar dessa nova possibilidade de reflexão, a concepção evolucionista não esmaeceu: no segundo quartel do século XX o evolucionismo cultural “ganha fôlego” com as idéias de Gordon Childe e Leslie White. A ênfase dos neo-evolucionistas é na tecnologia e no domínio técnico como fatores propulsores da evolução cultural.

Os difusionistas buscam uma explicação para as semelhanças existentes entre as culturas particulares. Os estudos decorrentes dessa crítica ao evolucionismo se apóiam em três versões principais: o difusionismo inglês, a escola de Viena e o difusionismo americano. O difusionismo americano é dos mais expressivos por ter delimitado o campo de estudo da Antropologia às reflexões histórico-culturais (MELLO, 1991, p. 231). Tal iniciativa permitiu o aperfeiçoamento metodológico desta ciência consolidando a pesquisa de campo como forma mais recorrente de investigação nessa vertente das Ciências Sociais.

A escola funcionalista surgiu no início do século XX. Os estudiosos que compunham esta corrente de pensamento acreditavam que uma sociedade só poderia ser compreendida se considerada em sua totalidade, concebiam a sociedade como resultante da integração de todas as partes que a compunha, cabia ao pesquisador descobrir a inter-relação que existia entre as mesmas. Junto com o funcionalismo, nasceu a prática da **observação participante**, uma técnica na qual o estudioso passa a viver no ambiente de pesquisa o que lhe permite conhecer todas as especificidades do grupo estudado.



Antropologia

De acordo com Laplantine, a Antropologia até a I Guerra Mundial não possuía um corpo teórico “(...) precisava ainda elaborar instrumentos operacionais que permitissem construir um verdadeiro objeto científico. (...) [pois] se existe uma autonomia do social, ela exige, para alcançar sua elaboração científica, a constituição de um quadro teórico, de conceitos e modelos que sejam próprios da investigação do social, isto é, independentes tanto da explicação histórica (evolucionismo) ou geográfica (difusionismo), quanto da explicação biológica (o funcionalismo de Malinowski) ou da psicológica (psicologia clássica e a psicanálise principiante).” (LAPLANTINE 1994, p. 87)

Escolas Histórico-Culturais

Podem ser enquadradas nestas escolas o Difusionismo (Inglês, Alemão e Americano), o Configuracionismo e o Funcionalismo.



Etnocentrismo

Pressupõe a idéia de supremacia de um povo e de sua cultura em relação a outros povos e outras culturas. No caso do eurocentrismo, essa idéia de superioridade tem como epicentro a Europa. Desse modo, “Eurocentrismo é a tendência a interpretar as sociedades não-europeias a partir dos valores e princípios europeus, isto é, tomar a sociedade europeia como modelo e padrão” e Etnocentrismo “é o princípio igualmente tendencioso de considerar uma raça como padrão e modelo, ponto mais elevado atingido pela espécie humana” (COSTA 1997, p. 110).

A principal preocupação dos funcionalistas era combater o eurocentrismo e o conseqüente **etnocentrismo** gerado pelas idéias difundidas pelos evolucionistas. Estudiosos como o polonês Bronislaw Malinowski e o inglês Alfred Radcliffe-Brown pretendiam mostrar que as sociedades encontradas na Ásia, África e América tinham sua própria história e forma de organização social, não eram reminiscências do passado da humanidade. Os funcionalistas, além de inovarem nos métodos de pesquisa, também criaram muitos conceitos, dentre eles podemos citar os conceitos de **função** e **sistema social** - adotados pela Sociologia.

O Estruturalismo é uma corrente de pensamento igualmente relevante à Antropologia. O cientista pioneiro desta tendência é o belga Claude Lévi-Strauss. Este teórico partia do princípio de que a estrutura é uma elaboração teórica capaz de dar sentido aos dados empíricos de uma certa realidade. Seus estudos foram considerados muito relevantes, principalmente nos anos 1960, por procurar “revelar a relação existente entre a maneira como o homem vive e aprende a realidade e como organiza de forma significativa os dados dessa percepção” (COSTA, 1997, p. 120).

As tendências recentes

À medida que o modelo de sociedade capitalista se estabilizava, o homem, a sociedade e a cultura tornavam-se cada vez mais complexos. Dessa forma, também ficaram mais complexas e diversificadas as formas de refletir sobre as relações sócio-culturais, algo que reorientou tanto as investigações antropológicas quanto sociológicas. Mello (1987, p. 281) salienta que, atualmente, a Antropologia se dispõe ao estudo das chamadas sociedades **complexas ou letradas**, ou seja, doravante o foco das pesquisas nesse campo não está circunscrito aos pequenos grupos sociais, como ocorreu em épocas precedentes. Por conseguinte,

Com as mudanças ocorridas e com os novos caminhos que se abrem à Antropologia com os estudos de civilizações letradas a tendência da nova divisão da antropologia é a criação de antropologias especiais em que tanto as sociedades complexas como as de pequena escala estarão presentes(...) Essa transformação deve ser aceita naturalmente como parte da própria dinâmica da antropologia, enquanto atividade sócio-cultural que ela também é.

No âmbito da Sociologia, um dos aspectos de maior relevância acadêmica é o caráter paradoxal da sociedade contemporânea. Muitas situações são emblemáticas para dimensionar essa questão:

Percebemos no mundo, pela multiplicação das redes de informação e da expansão da economia mundial, um fenômeno que reconhecemos como **globalização**. Paradoxalmente, se esse processo de internacionalização da economia e da cultura parece geral e irreversível, assistimos também ao surgimento de um regionalismo que pensávamos ultrapassado, desde a unificação das mais tardias nações da Europa no século XIX (COSTA, 1997, p. 297).

Esse paralelismo entre globalização e culturas regionais foi, aliás, tratado em nossa décima aula, e também na décima segunda, quanto nos reportamos ao hibridismo cultural e as tendências da cultura popular observáveis no mundo contemporâneo.



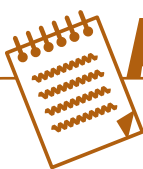
Hodiernos

Relativo aos dias de hoje. Tempos hodiernos – refere-se aquilo que é atual, contemporâneo.

Inquirições

Perguntas, indagações.

Outros paradoxos são igualmente relevantes para as Ciências Sociais em tempos **hodiernos**: pobreza e abundância, individualismo e solidariedade, conquistas femininas e violência contra mulheres etc. Uma diversidade de questões que demonstram ser impossível esgotar tal assunto em apenas uma aula. Assim, nossa intenção é que a partir dessas informações preliminares, você tenha uma noção desse debate tão amplo e que as idéias aqui expostas sirvam de ponto de partida para novas **inquirições**, novas curiosidades em suas aventuras na busca do conhecimento.



Atividade 2



Pesquisando sobre pesquisas...

Procure em bibliotecas, livrarias ou mesmo a partir de conversa informais, dicas de livros, artigos científicos, dissertações de mestrado ou teses de doutorado que sirvam como exemplo de pesquisas antropológicas ou sociológicas. Escolha um dos trabalhos. Coloque no espaço abaixo o nome do autor, o título do trabalho, ano de publicação, editora, enfim, **contextualize** a obra. Em seguida, faça uma síntese do trabalho. O texto deve ter argumentos em favor da obra que você leu, de modo a nos convencer a procurá-la também. Um exemplo do que você deve fazer está logo na sequência desta aula: veja como falamos do livro do antropólogo francês Marc Augé no item “material complementar”. A síntese que você vai fazer deve seguir tal modelo.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

O professor é, antes de tudo, um curioso. Nos dias de hoje, mais do que a pretensão de ensinar coisas, o professor deve estar predisposto ao aprendizado constante, deve perceber no aluno um sujeito que também tem seus saberes, as suas experiências; deve buscar leituras, deve usar bem a internet e todos os recursos de comunicação e informação para o crescimento da sociedade em que vive e das gerações que educa. Aliás, foi pensando nisso que pedimos a você para “pesquisar sobre pesquisas”: para ampliar seus horizontes, contribuir para seu amadurecimento profissional. Além do mais, logo você estará produzindo seus próprios artigos científicos, sua monografia... então, vá exercitando, leia muito, leia sempre. Suas possibilidades são infinitas!

Material complementar

Livro - Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Autor: Marc Augé

Esta obra foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1994, pela editora Papirus, em Campinas-SP. Marc Augé conceitua como não-lugar espaços como aeroportos, rodoviárias, supermercados etc. a partir da constatação de que em tais ambientes de circulação pública não existe uma relação de memória identitária, tais espaços são concebidos sem demarcações topográficas que as particularizam, como acontece com os “lugares”. Conforme o próprio autor, “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço eu não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, espaços que não são em si lugares antropológicos (...) e que não integram os lugares antigos” (AUGÉ, 1994, p. 73).

A leitura é agradável, atual e bastante válida para você conhecer uma possibilidade de estudo contemporâneo no campo das Ciências Sociais, a partir de um objeto de extrema importância para o geógrafo: o espaço urbano.

Resumo

Nesta aula, mostramos que a cultura é estudada a partir de diversos paradigmas no âmbito das Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia). Como exemplo, citamos o paradigma positivista. Vimos ainda que a Antropologia e a Sociologia tem abordagens conceituais similares, como a endoculturação e a socialização, que explicam a aquisição, o aprendizado da cultura. Estudamos as **escolas do pensamento**, que viabilizam a compreensão científica de homem, cultura e sociedade, sendo o evolucionismo cultural ou desenvolvimentista, as escolas histórico-culturais, o funcionalismo e o estruturalismo algumas das tendências clássicas que permitiram a consolidação das Ciências Sociais. Por fim, vimos que a ampliação de campos de pesquisa e o olhar em torno dos **paradoxos** sociais consubstanciam as pesquisas hodiernas em Sociologia e Antropologia.

Autoavaliação



Com base nas informações desta aula e também buscando outras informações em livros e sites da internet, faça comentários acerca de duas escolas de pensamento que impulsionaram o crescimento das Ciências Sociais.

Referências

- AZCONA, J. **Antropologia I** – História. Trad. Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- COSTA, C. **Sociologia** - Introdução à ciência da sociedade. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. Trad. Marie-Agnès Chauvel. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LUNGARZO, Carlos. **O que é ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MAIR, L. **Introdução à Antropologia Social**. 6. ed. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- MELLO, L. G. **Antropologia Cultural** – Iniciação, teoria e temas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

(Des)encontro de culturas: etnocentrismo e relativismo

Aula

15

relativismo
etnocentrismo



Apresentação

Nesta aula, vamos estudar os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural, ambos muito em voga nos dias de hoje, uma vez que vivemos num mundo globalizado. Tais conceitos estão relacionados ao exercício da tolerância entre os povos algo extremamente imprescindível à construção de um mundo sem violências, espacialmente mais humanizado, apesar das diferenças geográficas e, principalmente, culturais.

Com esta aula, encerramos a nossa disciplina. Aproveitamos para sugerir a releitura de aulas anteriores, não de forma sistemática, mas à medida que você mesmo(a) sentir necessidade de estabelecer relações entre o que estudou agora e o que já viu em outros momentos.

Lembre-se: Aprender é estabelecer um diálogo permanente entre as diversas possibilidades do conhecimento. Ou, como nos diz o escritor português José Saramago, “tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas”.

Que lição esta, hein?

Objetivos

Ao final desta décima quinta aula, você deve ser capaz de:

- 1** Compreender o conceito de etnocentrismo e os termos que lhe são afins relacionando-os a exemplos concretos das sociedades contemporâneas;
- 2** Compreender o conceito de relativismo cultural em seus postulados de respeito às diferenças entre as diversas possibilidades de sobrevivência no planeta;
- 3** Estabelecer relações entre relativismo, etnocentrismo e o conceito de globalização.



Para ler atentamente

Nazismo, racismo, xenofobia, pedofilia: conheça o outro lado do Orkut

Alceu Luís Castilho e Jéssika Torrezan

Badalado pela mídia brasileira, o Orkut tem seu outro lado: ele reúne comunidades virtuais nazistas, racistas ou que cultivam ódio a crianças, velhos, argentinos, nordestinos. Há quem entre no site para declarar seu desprezo pelos pobres. Para divulgar idéias como matar baianos ou estuprar uma criança de quatro anos. Não são somente pessoas isoladas, mas grupos com dezenas de pessoas mostrando no site da vez o que a sociedade brasileira - ou aquela que tem acesso à internet - possui de pior. Uma das comunidades contra baianos chama-se “Baiano Bom é Baiano Morto”. Contra velhos, há a “Odeio Velhos” e a “Odeio Velhos Gordos”. A comunidade “No Escuro” mantém um tópico com a defesa da pedofilia. Grupos separatistas ou contra nordestinos são comuns. A comunidade “Pedofilia - a Banda” trazia até o início de agosto uma foto em que um bebê aparecia numa montagem ao lado de um pênis, levando uma chuva de esperma.

Os grupos nazistas no Orkut somam mais de mil integrantes, a maior parte, brasileiros. No “White Pride Skinheads 14”, o moderador ensina a criar células de uma organização nacional-socialista. No Nazismo, ilustrado pela suástica, um estudante de Juiz de Fora define a ação na Alemanha como um baita serviço de preto, porque já que eles se propuseram a exterminar uma raça maldita porque não cumpriram o objetivo de forma decente?

O presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo, Jayme Blay, já enviou representação ao Gradi (Grupo de Repressão e Análise dos Delitos de Intolerância), da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo. “O racismo, a pedofilia, o anti-semitismo, são todos crimes, não importa se é um cartaz colado no poste ou no Orkut”, diz o advogado Walter Vieira Ceneviva, especialista em Direito das Telecomunicações.

Frases racistas são emitidas por pessoas com nome e sobrenome. Comunidades com até centenas de pessoas permitem a proliferação do sadismo. Na comunidade “Eu Odeio Crianças”, com 255 membros, uma jovem de 19 anos conta com prazer como viu um bebê de dois anos cair no Parque da Mônica.

A designer de multimídia Marília Alves tentou defender a criança de quatro anos que participa de comercial da Embratel. Foi ameaçada de estupro. Isso ocorreu na comunidade “Eu tenho medo da Anã (sic) Paula Arósio”, com 3.589 pessoas. A mini-atriz também foi ameaçada de estupro. “Cruel? O que me assusta é as pessoas continuarem ali depois disso”, diz Alves.

As comunidades que humilham a imagem da menina, à margem do Estatuto da Criança e do Adolescente, somam mais de cinco mil pessoas. No grupo “Eu Odeio a Menininha do 21”, o moderador diz que quer reunir pessoas com vontade de dar 21 socos na cara dela.

(...) O círculo do ódio dá voltas. Um norte-americano criou uma comunidade para discutir a presença brasileira no Orkut e provocou reações desproporcionais, apesar de declarar que o objetivo não era cultivar o ódio (...).

Fonte: <http://www.reportersocial.com.br> - Acessado em 28/04/2008



Etnocentrismo

Além da fome, da miséria, das doenças, da desigualdade, um dos graves problemas que o mundo contemporâneo enfrenta é a intolerância entre os povos. A dificuldade em encarar a diversidade humana conduz à negação dos valores culturais alheios e supervalorização do “grupo do eu”, visão e atitude que chamamos de etnocentrismo, ou seja,

Uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensar a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. (ROCHA, 1994, p. 7)

Podemos dizer que a dificuldade de convivência entre os povos remonta aos primórdios do homem. A história nos revela em todos os seus períodos exemplos da percepção negativa de um povo diante de outro. Independente de sua origem, africanos, americanos, asiáticos ou europeus, esta sempre foi uma atitude comum. Os gregos, por exemplo, chamavam de bárbaros aos povos que não partilhavam da cultura helênica; os europeus denominavam os nativos africanos e americanos de selvagens e posteriormente de primitivos; as comunidades do tronco Tupi que habitavam o litoral brasileiro referiam-se aos grupos que viviam no interior como Tapuias; o povo judeu, a maior vítima da intolerância entre os povos na modernidade, também designava de gentios outros povos numa referência depreciativa a quem não fazia parte do grupo dos “eleitos”.

É preciso esclarecer que o etnocentrismo é fruto do desejo de preservar os valores do “grupo do eu” a fim de manter suas diferenças em relação aos outros, salvar sua identidade cultural.

A base do etnocentrismo é ideológica, toma como parâmetro o comportamento, a língua, o gosto alimentar, a religião etc.; ao contrário, o racismo toma como parâmetro as características físicas ou biológicas e atribui, a partir destas, níveis de superioridade e inferioridade aos povos. O etnocentrismo não atribui ou determina, objetivamente, níveis de superioridade de

um povo, mas toma a diferença como critério de julgamento, de modo que o outro passa a ser considerado: estranho, nojento, ridículo, esquisito, absurdo, engraçado ou desajeitado.

De um lado, conhecemos um grupo do “eu”, o “nosso” grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, casa igual, mora no mesmo estilo, distribui o poder da mesma forma, empresta à vida significados em comum e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. Aí, então, de repente, nos deparamos com um “outro”, o grupo do “diferente” que, às vezes, nem sequer faz as coisas como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis. E, mais grave ainda, este “outro” também sobrevive à sua maneira, gosta dela, também está no mundo e, ainda que diferente, também existe.

(...)

O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro”, o grupo do diferente fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível (ROCHA, 1994, p. 8-9).



Essa visão do outro produz distorções, preconceitos, agressividades, equívocos, hostilidades, intolerância e, inclusive, **xenofobia**. A história contemporânea nos revela inúmeros acontecimentos cruéis que foram motivados por esta impossibilidade de respeito à diferença. O antropólogo Darcy Ribeiro, em seus estudos sobre os índios, no final da década de 1960, investigou como estes eram vistos pela população não indígena da Amazônia brasileira. A constatação é que os indígenas autênticos nem eram vistos como pessoas dignas, os demais habitantes da região os viam como “(...) perversos, vingativos, covardes, traiçoeiros, desconfiados, dissimulados, brigões, violentos, preguiçosos, ladrões, mendigos, estúpidos, ignorantes, infantis, mal agradecidos, nojentos, cachaceiros, indecentes, dissolutos, etc” (RIBEIRO, 1970, p. 362-363).

Desse modo, podemos dizer que a visão etnocêntrica do outro pode formular distorções, ao ponto de se construir imagens preconceituosas, completamente deturpadoras. Essas visões distorcidas tendem a gerar a supervalorização da própria cultura.

É preciso considerarmos que o modo de vida que determinado grupo considera bom e aceitável pode ser totalmente inaceitável para um outro grupo. Esta constatação deveria servir para nos conscientizar a não julgar o outro, pois da mesma que julgamos podemos ser julgados. Assim cada povo deve ser entendido a partir do seu próprio ponto de vista, evitando-se, desse modo, o confronto da alteridade, de que tratamos em nossa quarta aula.

Xenofobia

É o medo do “outro” levado ao extremo. O que veio de fora, o estranho ou o estrangeiro é alguém capaz de contaminar, destruir o lugar em que se vive. Esta fobia produz um medo que induz à intolerância, ao crime, à agressão e inclusive às guerras. O Holocausto é um bom exemplo do que um povo pode fazer motivado pela intolerância e negação de outro povo.

Por outro lado...

O etnocentrismo tem seus defensores, inclusive entre cientistas sociais. Para alguns estudiosos,

O etnocentrismo apresenta um aspecto positivo, ao ser agente de valorização do próprio grupo. Seus integrantes passam a considerar e aceitar o seu modo de vida como o melhor, o mais saudável, o que favorece o bem-estar individual e a integração social. (MARCONI e PRESOTTO, 1985, p. 52)



Atividade 1

O preconceito contra nordestinos na região Sudeste é um fato, infelizmente, pouco discutido. Manifestado das mais diversas formas, todas sempre de caráter depreciativo, desqualificante e discriminador. Aos olhos de paulistas e cariocas, os nordestinos, pejorativamente chamados de “baianos” ou “paraíba”, são considerados responsáveis pela miséria, criminalidade, violência e a degradação que avança contra estes centros. Ao contrário de outros grupos de imigrantes (italianos, japoneses, chineses, judeus, espanhóis e portugueses), que ajudaram a construir a riqueza desses centros e têm suas contribuições reconhecidas, os nordestinos são totalmente desconsiderados como parte fundamental desse processo.

Observe agora a ilustração abaixo e comente a construção do preconceito a partir desta mensagem de intolerância ao presidente Lula, um migrante nordestino. Considere, em seu comentário, o conceito de etnocentrismo estudado nesta aula.



Fonte: <http://opinioenoticia.com.br> – Acessado em 28/04/2008

Relativismo

A busca da superação do etnocentrismo toma como parâmetro o fato de que cada povo construiu um modo próprio de vida a partir da busca da satisfação de suas necessidades mínimas (fisiológicas e psicológicas), e tendo por suporte as condições dadas para a sua sobrevivência: a natureza, o conhecimento e o domínio do conhecimento. As diferenças entre as sociedades seriam oriundas das formas encontradas pelo homem para se relacionar com a natureza. Afinal, o processo de desenvolvimento do homem e da cultura, segundo Geertz (1989), nada mais é do que o resultado do aperfeiçoamento da relação do homem com o meio (natureza) – da descoberta do fogo às formas de organização familiar.

A concepção de relatividade cultural surgiu desta constatação da pluralidade humana: a percepção de que cada cultura possui características gerais, comuns com outras, entretanto todas as culturas apresentam características que são especificamente suas e tais peculiaridades tornam uma cultura diferente das outras. Dessa forma, constituiu-se o conceito de relatividade cultural, baseado no seguinte pressuposto:

(...) os padrões de certo e errado (valores) e dos usos e atividades (costumes) são relativos à cultura da qual fazem parte. Na sua forma extrema, esse conceito afirma que cada costume é válido em termos de seu próprio ambiente cultural. (HOEBEL e FROST, 1999, p. 22)

A partir do relativismo, as práticas culturais passaram a ser percebidas como parte de uma imensa variabilidade, tornando o comportamento humano algo plural, diverso. Conseqüentemente, existem comportamentos aceitáveis para um grupo humano que são, não apenas inaceitáveis para outros, como totalmente inconcebíveis. Por exemplo, para a maioria dos povos ocidentais são inconcebíveis práticas como o infanticídio, gerontocídio ou a mutilação genital feminina; em contrapartida, muitos dos costumes e comportamentos do ocidente são considerados estranhos, esquisitos ou até mesmo impraticáveis para povos de origem asiática, tais como a forma de conceber a morte, sepultar os mortos, cumprimentar ou saudar as pessoas, hábitos alimentares.

Considerando a extrema diversidade cultural da humanidade, pode-se compreender cada grupo humano, seus valores definidos, suas exclusivas normas de conduta e suas próprias reações psicológicas aos fenômenos do cotidiano; e também suas convenções relativas ao bem e mal, ao moral e imoral, ao belo e feio, ao certo e errado, ao justo e injusto etc. (MARCONI e PRESOTTO, 1985, p. 36)

Portanto, cada povo deve ser entendido a partir do seu próprio modo de vida, de seus padrões - por mais estranhos que possam parecer. Os comportamentos são variados em relação aos mesmos fatos, cada grupo humano desenvolve valores e padrões de acordo com a conveniência dos mesmos.

O relativismo cultural nos ensina:

- a compreender que a diferença deve ser tomada como sinônimo de diversidade e nunca de desigualdade;
- que não devemos usar os padrões da nossa própria cultura para julgar os padrões culturais de outro grupo;
- e a perceber que o que caracteriza o homem “(...) é sua aptidão praticamente infinita para inventar modos de vida e formas de organização social extremamente diversas” (LAPLANTINE, 1994, p. 21).

Reconhecer a diversidade das culturas nos ajuda a compreendê-las como são, não estabelecendo hierarquias de valores culturais. Assim,

Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de posição: estamos relativizando. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o “outro” nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores, ou em bem ou mal, mas vê-la em sua dimensão de riqueza por ser diferença (ROCHA, 1994, p. 20).

Por outro lado...

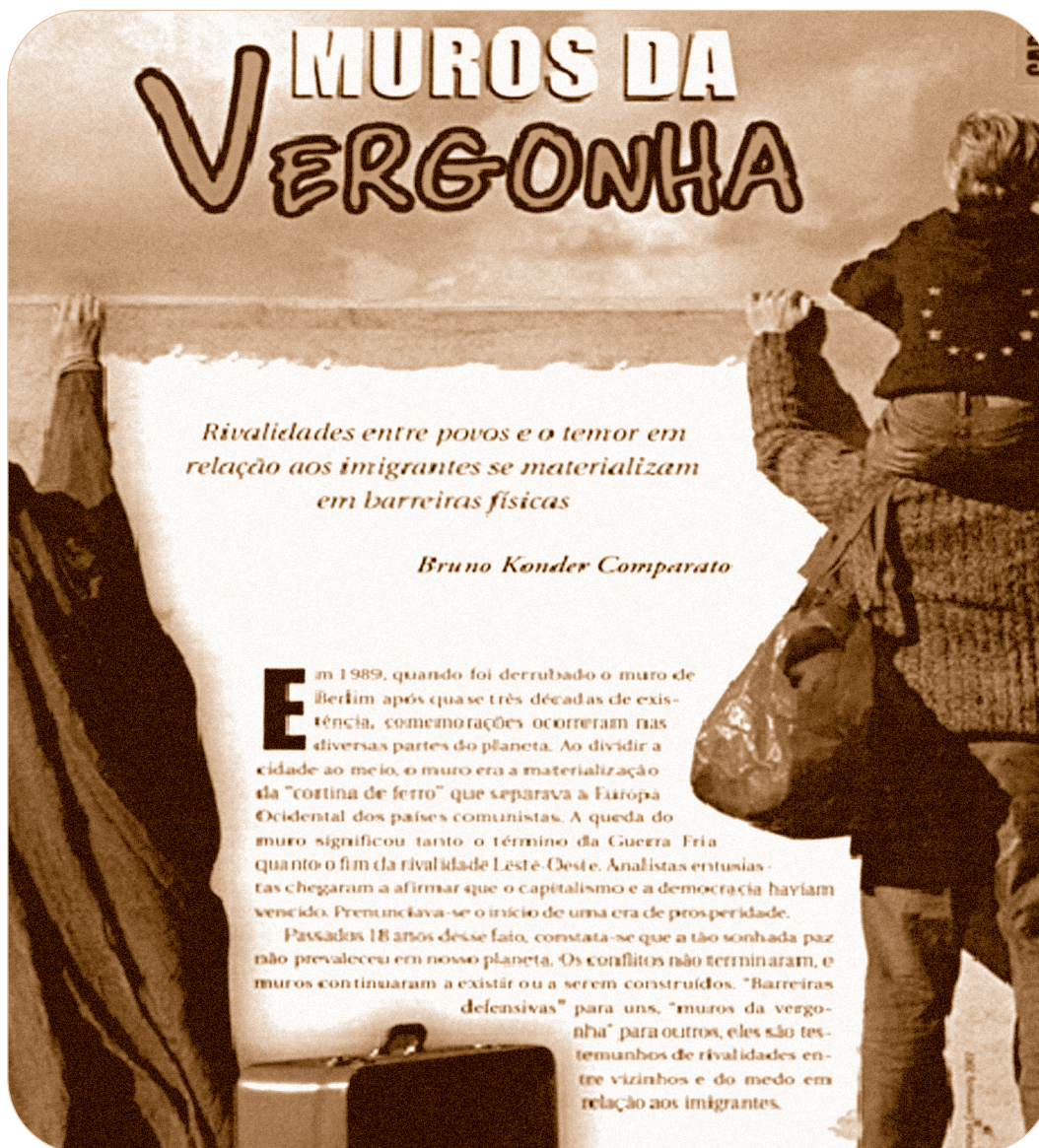
O relativismo é uma postura, uma visão, uma filosofia que se pauta no pressuposto de que não existe verdade absoluta, que qualquer prática é válida. Nesse sentido, é possível dizer que a postura relativista abre espaço para equívocos. As críticas à concepção relativista da cultura são severas, se baseiam na prerrogativa que a atitude de relativizar (considerar todos os pontos de vista válidos) pode levar a visões limitadoras, ambíguas de modo a conduzir a percepção do “outro” a apreensões.

(...) reduzidas e estereotipadas, [pois] ao mesmo tempo que impede o alargamento do exercício intelectual em busca das semelhanças, entorpece a percepção e produz o relaxamento do espírito para consagrar, por vezes atrocidades incompatíveis com a condição humana (ALMEIDA, 1998, p. 238).

O anti-relativismo é uma vertente de crítica ao relativismo cultural. Sua principal crítica é ao caráter reducionista do relativismo, muitas das características do fazer científico são deixadas de lado. Como diz Almeida (1998), não se compara, relaciona, revela, associa, amplia ou sintetiza as diferenças entre as culturas. O relativismo seria um “pensamento simplificador”, portanto, conduziria a

(...) conseqüências censuráveis: ao limitar a avaliação crítica das obras humanas, ele nos desarma, desumaniza, e incapacita para entrarmos numa interação comunicativa, ou seja, deixa-nos incapazes de criticar intersubculturalmente; em última instância, o relativismo não deixa nenhum espaço para a crítica (...) (JARVIE apud GEERTZ, 2001, p. 52).

A cultura no mundo contemporâneo: encontros e desencontros



Fonte: Revista *Discutindo Geografia*. São Paulo: Escala educacional, ano 3, nº 15, 2007. p. 43.

Atualmente, observamos a edificação de um cenário que, apesar de não ser novo, intensificou-se nos últimos anos. Para muitos, a realidade atual parece dispensar explicações ou questionamentos, tudo é aparentemente muito simples e inevitável. No entanto, não há como negar uma realidade que nos mostra um mundo em ebulição, prestes a ser "dissolvido" em prol dos interesses de poucos. A partir da prática da unificação de mercados, estão sendo postas

abaixo as fronteiras em todo o mundo, não levando em consideração que essas fronteiras não são apenas territoriais e econômicas, mas são também culturais, políticas, jurídicas, religiosas, familiares, lingüísticas, artísticas e psicológicas, resultantes da história de cada povo, sua identidade cultural.

Esse contexto organizacional tem provocado um deslocamento do sentido das coisas, revelando uma habilidade surpreendente de renovação em todos os aspectos. Na geografia, por exemplo, as categorias de análise e os conceitos estão sendo redefinidos: fronteira, espaço, tempo, lugar, diversidade, dentre outros. A necessidade de ampliação e redefinição dos conceitos é indispensável para que se possa apreender de forma satisfatória a realidade que vivenciamos no mundo contemporâneo que vem assumindo dimensões nunca imaginadas.

No âmbito da cultura, para estudarmos as relações entre povos/sociedades/nações no atual momento histórico, é necessário situá-las no contexto da globalização. A nossa aula 10 foi totalmente dedicada à discussão acerca da cultura no contexto da Globalização, mas para esta aula retomaremos um pouco desse debate no sentido de mostrar as consequências desse processo nas relações entre as nações. Vamos partir da seguinte indagação:

O que significa e no que implica viver num mundo globalizado?

Podemos afirmar, a princípio, que significa viver sob a égide de um modo de vida submetido a uma estrutura econômica, política e cultural que impõe a todos um único modelo de ser: ser contemporâneo. É adotar uma forma de agir que exige uma obediência cega, exclui aqueles que ousam não seguir as regras estabelecidas e nega o direito de ser de cada povo.

Vivemos a ditadura da era globalizada e, conseqüentemente, de um novo jeito de ser, que se traduz num comportamento obsessivo por consumir, ser informado, ser eficiente e ser competidor. E, de acordo com o que aprendemos na aula 13, sobre a Indústria Cultural, os meios de comunicação são os principais veículos de transmissão, os responsáveis pela divulgação desse modelo de vida contemporâneo - representado pela ideologia da "(...) cultura euro-ocidental (branca, masculina, cristã, capitalista, cientificista, predatória, racionalista etc.)." (GONÇALVES e SILVA, 1998, p. 16)

Nos decênios finais do século XX, o processo de globalização intensificou-se, colocando a todos a possibilidade de transformar o mundo numa aldeia global, um projeto baseado em discursos de uniformização ou padronização. Uma tentativa de homogeneização do mundo, que contraria o pluralismo cultural negando aos povos o direito às manifestações culturais autênticas e espontâneas.

A globalização ocorre em relação de confronto com a identidade local e, em decorrência desse fato, a relação global X local vem possibilitando várias trocas e contatos entre os povos/sociedades/nações. Dentre os reflexos das relações geradas nesse confronto, temos o surgimento de antagonismos e conflitos. O contexto da globalização é um espaço que desperta e induz a um “fervor patriótico”, capaz de mobilizar entusiasmos e emoções, baseados no sentimento do local ou do nacional reemergentes e formador de um “contexto multicultural”, o que permitiria se reafirmar o princípio da humanidade: a diferença. (VELHO, 1997, p. 12-14) Esta idéia é compartilhada por Joanildo A. Burity, que apresenta o processo de globalização como reforçador da lógica multicultural:

[a globalização] não exige o fim das referências locais, mas as reinscreve num terreno em que estas não mais podem se definir pelo isolamento nem tampouco pela territorialidade. Sendo assim, a globalização tanto forma como deforma, tanto exige como resiste à identidade enquanto signo do local, do singular, do autêntico, do emancipatório. (BURITY, 2001, p. 159)

Queremos mostrar que o mundo da cultura no contexto da globalização é o espaço da diferença e da definição de pertença, da “luta contra a uniformidade”, que está fazendo reemergir culturas que há muito estavam relegadas ao esquecimento. “Os poderosos e envolventes processos de difusão e imposição de culturas, imperialisticamente definidas como universais, têm sido confrontadas, em todo sistema mundial, por múltiplos e engenhosos processos de resistência, identificação e indigenização culturais” (SANTOS, 2002, p. 47).

O mundo se opõe à idéia de formação de uma suposta sociedade global, isto se torna explícito quando olhamos o planeta e vemos a eclosão das desigualdades, das diversidades e a exacerbação dos sentimentos de nacionalismo, tão radicais, que se transveste ora de fundamentalismo, ora de xenofobia ou no imperialismo que origina os já tão conhecidos blocos **regionais**. É esse o grande paradoxo da globalização: quanto mais o processo se intensifica, mais tendem a proliferar, multiplicar-se e acentuar-se as diferenças culturais. Dessa forma,

Se é verdade que a intensificação dos contatos e da interdependência transfronteiriços abriu novas oportunidades para o exercício da tolerância, do ecumenismo, da solidariedade e do cosmopolitismo, não é menos verdade que, simultaneamente, têm surgido novas formas e manifestações de intolerância, chauvinismo, racismo, de xenofobia e, em última instância, de imperialismo (SANTOS, 2002, p. 48).

O local onde o diferente sobressai não tem se reduzido ao mero regionalismo saudosista, razão pela qual nas pequenas cidades, nas zonas rurais e nas periferias, se acolhe o novo, e, ao mesmo tempo, se resiste às mudanças, preservam-se valores culturais, mesmo que os parâmetros tomem novos rumos, assumam a dimensão global.



Regionais

Essa idéia aparece no artigo de Octávio Ianni: A política mudou de lugar. In: **Desafios da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.



Atividade 2

Um desafio pra você...

Em 1989, o mundo comemorava a queda do Muro de Berlim, conhecido como “muro da vergonha”. Naquele momento acreditava-se na possibilidade de que os povos se tornassem mais tolerantes. Grande engano! Ao contrário de que se imagina, novos muros foram e estão construídos. Há cada ano observamos que as fronteiras estão se tornando mais evidentes, vigiadas e cercadas, o objetivo é “estancar o fluxo de imigrantes (ilegais) que saem de seus países de origem em busca de uma vida melhor(?) nos grandes centros desenvolvidos do mundo capitalista. Pergunta-se: o mundo contemporâneo esta se transformando no mundo dos muros? As figuras a seguir são alguns dos exemplos das situações que mencionamos acima. Seu desafio é descobrir o porquê da construção dessas barreiras.



Fig. 1 - Muro que está sendo construído entre os EUA e o México



Fig. 2 - Muro que separa Ceuta e Melilla - África



Fig. 3 - Muro que separa israelenses de palestinos

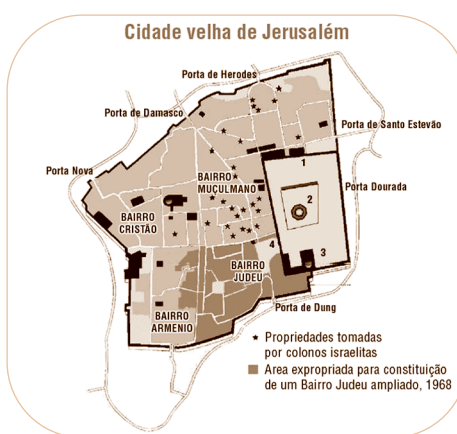


Fig. 4 - Representação gráfica da localização dos muros que cercam Jerusalém

Fonte: <http://g1.globo.com/noticias/0,,GF36039-5602,00.html>



Considerações finais

Diante deste cenário (econômico, político e sociocultural) algumas questões precisavam ser repensadas nos quadros das Ciências Humanas, desde os conceitos clássicos e as categorias de análise, até a ampliação dos campos de pesquisa do universo social.

No caso dos estudos da cultura, mais que em qualquer outra dimensão analítica, precisaram ser reformuladas suas categorias interpretativas. Quanto mais o homem, a sociedade e a cultura transformavam-se, mais as diferenças se acentuavam. O século XXI nos trouxe uma outra dimensão para a concepção de “cultura”. Utilizada de diferentes formas, a cultura assume um caráter multidisciplinar, de uso plural, constituindo-se num campo de investigação sem pertença científica.

Neste começo do século XXI, vivemos num mundo profundamente preocupante, porém repleto das mais extraordinárias promessas para o futuro. É um mundo inundado de mudanças, marcado por enormes conflitos, tensões e divisões sociais, como também pelo ataque destrutivo da tecnologia moderna ao ambiente natural. Mesmo assim, temos possibilidades de controlar nosso destino e moldar nossas vidas para melhor, de um modo inimaginável para as gerações anteriores (GIDDENS, 2005, p. 24).

Reflexão final

O progresso tecnológico não provoca mudanças apenas de ordem prática; as relações, os valores, a moral, os costumes, enfim o modo de vida, também é alterado. O mundo contemporâneo é desigual, repleto de mutações, migrações, conflitos, contatos que geram crises de identidade e choques culturais. É necessário pensarmos, então, em novas formas de sobrevivência compatíveis com esse momento histórico que ora construímos e vivenciamos.



Atividade 3

2008 é o ano dos Jogos Olímpicos de Pequim, capital da China. Vamos aproveitar, então, esse evento para elaborar um artigo de opinião sobre a simbologia desse evento na celebração da união entre os povos. Você pode se reportar, por exemplo, a história das Olimpíadas em tempos modernos, quando começou, com que objetivo... Ou seja, de que forma as Olimpíadas podem exemplificar a necessidade do relativismo, da promoção do encontro entre culturas diferentes?

Por outro lado, saliente os momentos da história das Olimpíadas em que são flagrantes os exemplos de etnocentrismo. Você sabia que, na época da II Guerra Mundial, os jogos olímpicos chegaram a ser suspensos devido à intolerância nazista com atletas judeus? E este ano, o que dizer das manifestações em favor da independência do Tibet, em vários lugares do mundo, durante a passagem da tocha olímpica? A propósito, você conhece as causas dos conflitos entre a cúpula política da China e os monges tibetanos?

Enfim, estas são nossas dicas para você trabalhar os conceitos de etnocentrismo e relativismo num artigo de opinião. Além da internet, utilize as matérias jornalísticas, publicadas em jornais, revistas e TV, para subsidiar seu trabalho. Esta é a sua “bagagem” para viajar com muita criatividade...

Não esqueça de que um texto dessa natureza deve conter:

- um título bem sugestivo e curto, geralmente uma locução adjetiva (substantivo+adjetivo);
- um parágrafo inicial introdutório, onde você expõe o assunto que será tratado no artigo;
- dois ou três parágrafos argumentativos, nos quais você vai poder aplicar os conceitos básicos estudados nesta aula estabelecendo relações com a temática das olimpíadas;
- e um último parágrafo, no qual você retoma a idéia inicial, exposta na introdução, e arremata com seu comentário acerca das olimpíadas como elemento de promoção da união entre os povos.

Então, mãos à obra !!!



Material complementar

Livro – HIRSI ALI, Yaan. *Infel – A história de uma mulher que desafiou o Islã*. Tradução: Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Esta autobiografia relata o cotidiano da Somália mulçumana. Ter o clitóris extirpado aos cinco anos de idade é apenas um dos fatos na vida da autora do livro, algo que é comum para as meninas de seu país. Ao fugir e exilar-se no mundo ocidental, Yaan chama a atenção do mundo para a luta que se faz necessária em defesa dos direitos das mulheres mulçumanas. É um livro que emociona, choca e nos faz refletir sobre a grande diversidade das culturas. Veja se você é capaz de se desprender dos padrões culturais do seu grupo ao conhecer o modo de vida de um outro povo...

Filme – *O Suspeito* (drama – 120 minutos), dirigido por Gavin Hood.

Lançado agora em 2008, esse filme conta a história do engenheiro egípcio (naturalizado americano) Anwar El-Brahimi, transformado num suspeito de terrorismo apenas em decorrência da sua naturalidade. Ao voltar de uma viagem à África do Sul, onde fora realizar algumas palestras, é capturado pela CIA e enviado para uma das prisões clandestinas do governo dos EUA. Na prisão é vítima das mais terríveis torturas. O filme também mostra, de forma um tanto etnocêntrica, as organizações religiosas que surgem em resposta à invasão ocidental no mundo árabe – o fundamentalismo religioso e células de organização terrorista. Assista e reflita sobre as consequências do etnocentrismo em seu grau mais exacerbado: a intolerância e a xenofobia.

Resumo

Nesta nossa última aula, estudamos dois conceitos muito em voga no mundo contemporâneo: etnocentrismo e relativismo cultural. Tais conceitos pressupõem duas formas de perceber o outro, de encarar a diversidade cultural que é própria de nossa condição humana. O etnocentrismo como forma de rejeição, de demarcação de conflitos entre povos diferentes e o relativismo com seu postulado de tolerância e aceitação de nossa multiculturalidade. Vimos ainda a estreita relação entre os conceitos de etnocentrismo, relativismo e globalização, considerando os paradoxos que lhe são inerentes a partir de exemplos que nos são bem familiares.

Autoavaliação

A partir das informações trabalhadas nesta aula, elabore seus conceitos pessoais para os termos:

Etnocentrismo

Relativismo cultural

Um até breve...

Com esta aula, encerramos a nossa disciplina. Esperamos ter contribuído efetivamente com o seu crescimento, não apenas profissional, mas, principalmente, como pessoa que tem a importante missão de promover a educação a partir do conhecimento de nosso mundo, literalmente: afinal de contas, mais que o domínio de conceitos e classificações geopolíticas, o profissional de Geografia deve preocupar-se em demonstrar o quanto tais peculiaridades topográficas influenciam nossos valores, nosso jeito de viver e de respeitar o cotidiano das outras pessoas

Sinceramente, queremos que você tenha consciência da importância da Geografia no mundo contemporâneo e que saiba conduzir bem outras pessoas a compreender isso. Para nós, é muito clara a sua importância na construção dessa trajetória.

Sucesso, então!!!

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. “Imaginário e anti-relativismo: um dilema para a antropologia brasileira”, In: **Revista Margem**, nº 8. São Paulo, dezembro/1998. p. 231-242.

BURITY, Joanildo A. Globalização e identidade – desafios do multiculturalismo. In: **As ciências Sociais – desafios do milênio**. Natal: EDUFRRN/PPGCS, 2001.

COSTA, Antonio Firmino. Identidades culturais urbanas em época de globalização. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSC, v. 17, n. 48, fev. 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª edição. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GONÇALVES, L. A. Oliveira & SILVA, P. B. Gonçalves e. **O jogo das diferenças – O multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HOEBEL, E. A. & FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. 9. ed. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 1999.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. Trad. Marie-Agnès Chauvel. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IANNI, Octávio. A política mudou de lugar. In: **Desafios da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCONI, M. A. e PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia – uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1985.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros passos, 124).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. In: **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

VELHO, Otávio. Globalização: Antropologia e Religião. In: **Revista Mana**, v. 3, n. 1. Rio de Janeiro, abril/1997.



Ministério da
Educação

